



LACAN

O saber do psicanalista

1971-72

Conteúdo

[Lição 1 04 de novembro de 1971](#)

[Lição 2 02 de dezembro de 1971](#)

[Lição 3 06 de janeiro de 1972](#)

[Lição 4 03 de fevereiro de 1972](#)

[Lição 5 03 de março de 1972](#)

[Lição 6 04 de maio de 1972](#)

[Lição 7 01 de junho de 1972](#)

Voltando a falar em Sainte-Anne, o que eu esperava era que houvesse " *estagiários* " *lá que chamamos assim, que no meu tempo eram chamados de internos de asilo, agora são hospitais psiquiátricos* ", para não falar do resto.

É esse público que eu pretendia quando voltei a Sainte-Anne. Eu esperava que alguns deles se incomodassem.

Se houver algum aqui - estou falando de estagiários na prática - eles me agradariam levantar a mão?

É uma minoria esmagadora, mas de qualquer forma eles são o bastante para mim.

A partir daí - e por mais que conseguisse sustentar esta respiração - tentarei dizer-vos algumas palavras.

É óbvio que essas palavras, como sempre, eu as faço improvisadas, o que não quer dizer que eu não tenha algumas notas lá, mas elas estão improvisadas desde esta manhã, porque estou trabalhando muito.

Mas não pense que você tem que fazer o mesmo.

Um ponto em que insisti é na distância que existe entre o trabalho e o conhecimento, porque não vamos esquecer que esta noite, é o conhecimento que eu prometo a vocês, então não é preciso cansar tanto.

Você verá por que, alguns já suspeitam, por ter assistido ao que se chama meu *seminário*.

Para chegar ao conhecimento, aponte em um tempo já distante isto: que a *ignorância* pode ser considerada - no budismo - como uma paixão. É um fato que pode ser justificado com um pouco de meditação, mas como não é nosso ponto forte - a meditação - só há uma experiência para torná-lo conhecido.

É uma experiência que tive - notável! - há muito tempo, precisamente, ao nível da sala de serviço.

Porque eu tenho frequentado essas paredes por um tempo - não especialmente estas neste momento - e deve ser, está inscrito em algum lugar perto de 25-26, e os estagiários naquela época...

Eu não estou falando sobre o que eles são agora

...os internos tanto " *nos hospitais* " quanto no que chamamos de " *asilos* ", sem dúvida foi um *efeito de grupo*, mas no que diz respeito à *ignorância*, bem, eles estavam um pouco lá, parece!

Podemos considerar que está ligado a um momento da medicina, esse momento teve que ser seguido pela presente vacilação.

Naquela época, depois de toda essa ignorância...

não se esqueça que quando falo em ignorância, acabei de dizer que é uma paixão, não é uma perda para mim, também não é um déficit, é outra coisa

...a ignorância está ligada ao conhecimento. É uma forma de estabelecê-lo, de torná-lo conhecimento estabelecido.

Por exemplo, quando você queria ser médico em uma época, que obviamente era o fim de uma era, bem, é normal que você quisesse...

finalmente naquela época ainda tínhamos um pouco de orientação

...que queríamos beneficiar, mostrar, manifestar, uma ignorância consolidada, se assim posso dizer.

Dito isto, depois do que acabei de dizer sobre a ignorância, você não se surpreenderá que eu aponte essa " *ignorância aprendida* ", como se expressou um certo cardeal...

quando este título não era um certificado de ignorância,

...um certo cardeal chamou de " *ignorância erudita* " o *mais alto conhecimento*. Era Nicolas De Cues, para recordar de passagem.

Para que a correlação da ignorância e do conhecimento seja algo de que devemos essencialmente partir, e ver que afinal, aquela ignorância, assim, a partir de um determinado momento, numa determinada área, leva o conhecimento ao seu nível mais baixo, não é o culpa da ignorância, é mesmo o contrário.

Há algum tempo na medicina, a ignorância não é mais *aprendida* o suficiente para que a medicina sobreviva de outra coisa que não superstições. Sobre o significado desta palavra, e precisamente sobre a medicina de vez em quando, talvez volte mais tarde, se tiver tempo.

Mas enfim, para destacar algo que é dessa experiência com a qual eu realmente quero amarrar o fio depois dessas - meu Deus! - esses 45 anos frequentando essas paredes...

não é pra me gabar, mas como eu entreguei alguns dos meus *Escritos* para a *lixeira*, todo mundo sabe minha idade, é uma das desvantagens

...naquela época, devo dizer que o grau de *ignorância apaixonada* que reinava na sala da guarda de Ste Anne, devo dizer, é irrevogável.

É verdade que eram pessoas que tinham vocação, e naquela época ter a vocação dos manicômios era algo muito especial. Nesta mesma sala de guarda chegaram ao mesmo tempo quatro pessoas cujos nomes não desprezo recordar, pois sou uma delas.

O outro que gostaria de mencionar novamente esta noite era Henri Ey.

Pode-se dizer, não se pode, com o espaço de tempo percorrido, que essa ignorância, Ey, foi o civilizador. E devo dizer que saúdo o seu trabalho. Civilização, enfim, não se livra de nenhum *desconforto*, como Freud apontou, muito pelo contrário, *Unbehagen*, a *não-boia facilidade*, mas enfim, tem um lado precioso.

Se você acreditasse que deveria haver algum grau de ironia no que acabei de dizer, estaria gravemente enganado, mas só pode estar errado, porque não pode imaginar o que era no meio dos manicômios, antes de Ey colocar a mão lá.

Foi algo absolutamente fabuloso!

Agora a história avançou e acabei de receber uma circular assinalando o alarme que temos numa determinada zona do referido ambiente, relativamente a este movimento promissor de todo o tipo de faíscas a que chamamos " *antipsiquiatria* ". Gostaríamos que tomássemos uma posição sobre isso, como se pudéssemos nos posicionar sobre algo que já é uma oposição. Portanto, devo dizer que não sei se seria apropriado fazer algumas observações sobre isso, algumas observações inspiradas em minha antiga experiência, a que acabei de mencionar precisamente, e distinguir nesta ocasião entre Psiquiatria e *psiquiatria*.

A questão dos doentes mentais ou como se chama, melhor *dizendo*, *as psicoses*, é uma questão nada resolvida pela antipsiquiatria, quaisquer que sejam as ilusões que algumas empresas locais possam ter a respeito.

A *antipsiquiatria* é um movimento cujo sentido é a libertação do psiquiatra, se me atrevo a dizê-lo.

E é certo que não toma o caminho. Não segue o caminho porque há uma característica que não deve ser esquecida mesmo assim nas chamadas *revoluções*, que é que essa palavra é admiravelmente escolhida para significar: retorno ao ponto de partida.

O *círculo* de tudo isso já era conhecido, mas é amplamente demonstrado no livro chamado " *Naissance de la Folie* ", de Michel Foucault: o psiquiatra tem sim um serviço social. É a criação de um certo ponto de virada histórico.

O que estamos passando não vai aliviar essa carga, nem diminuir seu lugar, é o mínimo que podemos dizer.

Então isso deixa as questões da *antipsiquiatria* um pouco fora de controle.

Por último, trata-se de uma indicação introdutória, mas gostaria de salientar que, no que diz respeito às salas de serviço, há algo ainda assim marcante que, a meu ver, lhes dá continuidade às mais recentes, é a até que ponto a psicanálise não tem - no que diz respeito aos vieses que o conhecimento assume - a psicanálise não melhorou nada.

O psicanalista...

no sentido em que coloquei a *questão*, nos anos 67-68, quando introduzi a noção de " *psicanalista* ", precedida do artigo definido, no momento em que tentava diante de uma plateia - neste momento largo o suficiente - para recordar o valor lógico, o do artigo definido. Finalmente vamos...

... o psicanalista parece não ter mudado nada em determinada base de conhecimento.

Afinal, tudo isso é normal. Não são coisas que acontecem de um dia para o outro, que mudamos a base do conhecimento.

O futuro pertence a Deus, como dizem, ou seja, à *boa sorte* de quem teve a boa inspiração de me seguir.

Algo sairá deles, se os porquinhos não os comerem. Isso é o que eu chamo de *boa sorte*.

Para os outros não é uma questão de *boa sorte*. Seus negócios serão resolvidos pelo *automatismo*, que é exatamente o oposto da sorte, boa ou ruim .

O que eu gostaria esta noite é isto: é que aqueles que eu dedico ao que eles se consideram bons, pois o que a psicanálise que eles usam não lhes dá chance, eu gostaria de evitar que para aqueles lá se estabeleça um mal-entendido, em o nome, assim, de algo que é efeito da boa vontade de alguns dos que me seguem.

Eles ouviram muito bem - bem como podem - o que eu disse sobre o conhecimento como um fato desse correlato da ignorância, e isso os atormenta um pouco, um pouco. Há alguns entre eles... não sei o que mordeu a mosca, uma mosca literária assim, coisas que andam por aí nos escritos de Georges Bataille por exemplo, porque senão acho que teria chegado a eles... existe o " *não-saber* ". Devo dizer que Georges Bataille certa vez deu uma ' *conferência sobre o não-saber* ', e que isso se arrasta talvez em dois ou três cantos de seus escritos.

1 Cf. fortuna [týksia] et autômato [áftómaton], felicidade [eftyksia] et miséria [dystyksia].

Finalmente, Deus sabe que ele não ficou com a garganta quente e que especialmente no dia de sua palestra, lá na sala de Geografia de St Germain des Prés...

que você conhece bem porque você é de cultura

... ele não disse uma palavra, o que não era uma maneira ruim de mostrar que não sabia. Nós rimos.

Estamos errados porque agora é chique, *não saber*. Fica por aí, não é, um pouco por toda parte nos místicos, é até deles que vem, é até entre eles que tem um sentido.

E então, finalmente, sabemos que insisti na diferença entre *conhecimento* e *verdade*.

Portanto, se a *verdade* não é *saber*, é porque não é *saber*.

Lógica aristotélica: " *tudo que não é preto é não-preto* ", como já observei em algum lugar.

Apontei, com certeza: articulei que essa fronteira sensível entre *verdade* e *conhecimento*, é justamente aí que *se sustenta o discurso analítico*.

Então aqui está, o caminho é lindo de se proferir, levante a bandeira do "não-saber". Não é uma bandeira ruim. Pode servir precisamente de ponto de encontro para aquilo que, no entanto, não é excessivamente raro de recrutar como clientela: a ignorância crassa, por exemplo. Também existe, enfim é cada vez mais raro.

Só que tem outras coisas, tem lados da preguiça por exemplo, que eu não falo há muito tempo.

E depois há certas formas de institucionalização, campos de concentração do Bom Deus, como costumávamos dizer dentro da universidade, onde essas coisas são bem-vindas porque parece chique.

Resumindo, nós nos entregamos a toda uma mímica, não é, " *vamos a primeira Madame la Vérité*

", o buraco está aí, não é, é o seu lugar. Enfim, é uma descoberta, esse não saber...

Para introduzir uma confusão definitiva sobre um assunto delicado, aquele que é justamente o ponto em questão na *psicanálise*, o que chamei de " *essa fronteira sensível entre verdade e conhecimento* ", não se faz melhor. *Eu não preciso namorar*. Finalmente, 10 anos antes, havíamos feito outra descoberta que também não era ruim, no lugar do que devo chamar de *meu discurso*. Eu havia começado dizendo que " *o inconsciente estava estruturado como uma linguagem* ".

Tínhamos encontrado uma coisa maravilhosa: os dois melhores caras que poderiam ter trabalhado nesse traço, teceram esse fio, nós demos a eles um trabalho muito legal: *Vocabulário de Filosofia*. [lapso]
O que eu disse ? *Vocabulário da psicanálise* ! Você vê o *deslize*, hein? Finalmente vale a pena o *Lalande 2*

" *Lalíngua* " como escrevo agora - não tenho quadro-negro - bem escreva: *Lalíngua* em uma palavra, é assim que vou escrever daqui para frente. Veja como eles são *cultivados* ! [Risos] Então não ouvimos nada! É a acústica?
Quer fazer a correção? Não é um " *d* " é um " *gu* " [Lalande/*Lalangué*].

Eu não disse que o *inconsciente é estruturado como* " *Lalíngua* ", *mas é estruturado como* " *uma linguagem* ", e voltarei a isso mais tarde.
Mas quando lançamos os " *responsivos* " de que falava anteriormente no *Vocabulário da Psicanálise*, foi obviamente porque eu havia colocado em pauta esse termo saussuriano: " *Lalíngua* ", que - repito - de agora em diante escreverei em um palavra. E vou justificar o porquê.

Bem , *Lalíngua* não tem nada a ver com o dicionário, seja ele qual for. O *dicionário*...

como já bastaria ouvir a palavra para compreendê-la

...o dicionário tem a ver com a dicção, ou seja, com a poesia e com a retórica, por exemplo.

Não é nada, hein? Vai da *invenção* à *persuasão*, enfim é muito importante.

Só que não é justamente esse lado que tem a ver com o inconsciente.

Ao contrário do que - penso eu - pensa a massa de candidatos, mas uma parte importante já sabe, já sabe se ouviu os termos em que tentei transmitir o que digo sobre o inconsciente: o inconsciente tem a ver primeiro com a *gramática*.

Também tem um pouco a ver - muito a fazer, tudo a ver - com a *repetição*, ou seja, o lado oposto ao que serve um dicionário.
Então foi uma maneira muito boa de fazer como aqueles que poderiam ter me ajudado naquele momento a deixar minha marca, a derivá-los. A *gramática* e a *repetição* são um lado completamente diferente daquele que atribuí anteriormente à *invenção*, que sem dúvida não é nada, nem tampouco a *persuasão* .

Ao contrário do que é - não sei porquê - ainda muito difundido, o lado útil na função de "*Lalangue*", o lado útil para nós psicanalistas, para aqueles que lidam com o inconsciente, é a *lógica*. Este é um pequeno parêntese que está ligado ao *risco de perda* nesta promoção absolutamente improvisada e mítica, à qual realmente não dei nenhuma oportunidade de erro, aquela que se impulsiona do *não-saber*. Há necessidade de demonstrar que existe na psicanálise – fundamental e primário – conhecimento. É isso que eu vou ter que te mostrar.

Vamos abordá-lo por um lado, esse primeiro personagem massivo, a *primazia desse saber* na psicanálise. Preciso lembrá-lo que quando Freud tenta dar conta das dificuldades que existem no caminho da psicanálise...

um artigo de 1917 na *Imago*, se bem me lembro, e em todo caso que foi traduzido, apareceu no

1º número do *International Journal of Psychoanalysis* :

" *Uma dificuldade no caminho para a Psicanálise* ", como se chama... é que o

conhecimento em questão, bem, não passa facilmente assim.

Freud explica como pode, e é até assim que ele se presta a mal-entendidos - não é por acaso - esse famoso termo "*resistência*" que acredito ter chegado pelo menos em uma determinada área, que não ouvimos falar dele mais, mas é certo que há um onde - não tenho dúvidas - o famoso termo "*resistência*" ainda floresce o que é obviamente para ele de uma apreensão permanente.

E então devo dizer - por que não ousar dizer - que todos nós temos nossos turnos, é acima de tudo as "*resistências*" que promovem o deslizamento. Vamos descobrir daqui a pouco no que eu disse, mas afinal, não é tão certo. Em suma, ele cai em uma armadilha, Freud.

Ele pensa que contra a *resistência* só há uma coisa a fazer, que é a revolução.

E, assim, oculta completamente do que se trata, a saber, a dificuldade muito específica de colocar em jogo uma certa função do conhecimento.

Ele confunde com "*fazer*", que é definido como "*revolução no conhecimento*". Está lá neste pequeno artigo...

ele vai então retomá-lo em "*Malaise dans la civilização*"

...que há a primeira grande peça sobre a Revolução Copernicana.

Era um barco de conhecimento universitário na época. Copérnico - pobre Copérnico! - tinha feito a *revolução*.

Foi ele - como dizem nos livros didáticos - que colocou o sol de volta no centro e a Terra para girar em torno dele.

É bastante claro que, apesar do diagrama que de fato mostra isso em "*De Revolutionibus* etc. »,

Copérnico não tinha absolutamente nenhum preconceito sobre isso e ninguém pensaria nele se preocupando com isso.

Mas é fato que passamos do *geo* ao *heliocentrismo* e que isso deve ter dado um golpe, um "*golpe*" como está expresso no texto em inglês, não sei o que o chamado narcisismo cosmológico.

O segundo "*golpe*", que é biológico, Freud evoca para nós no nível de Darwin sob o pretexto de que, como a terra, as pessoas demoraram a se recuperar do novo anúncio: aquele que colocou o homem em relação de primo com primatas modernos.

E Freud explica a "*resistência*" à psicanálise assim: o que é afetado é, a rigor, essa consistência do conhecimento, o que significa que quando se conhece algo, o mínimo que se pode dizer sobre isso é que sabemos que o conhecemos. Deixemos o que ele evoca a este respeito, porque esse é o osso, o que ele acrescenta, ou seja, a pintura em forma de *mim* que se faz ali ao redor, ou seja, que quem sabe que sabe, bem sou "*eu*". É claro que essa referência ao *eu* é a segunda em relação a isso:

– que um saber é

conhecido, – e que a novidade é que o que a psicanálise revela é *um saber desconhecido por ela mesma*.

Mas eu lhe pergunto, o que haveria de novo ali, mesmo de natureza a provocar *resistência*, se esse conhecimento fosse da natureza de todo um mundo - animal precisamente - onde ninguém sonha em se surpreender? , ou seja, que se for um animal com vida terrestre, não vai mergulhar na água por mais de um tempo limitado: sabe que não vale nada para ele.

Se o *inconsciente* é algo surpreendente, é porque esse *saber é outra coisa* : é esse saber de que temos a ideia, quão pouco fundamentada desde sempre, pois não é à toa que evocamos inspiração, entusiasmo, isso sempre foi o caso, a saber, que o *conhecimento do desconhecimento* em questão na psicanálise é *um conhecimento que é bem e verdadeiramente articulado, é estruturado como uma linguagem*. De modo que aqui, a revolução, se assim posso dizer, proposta por Freud, tende a mascarar o que está em jogo: é que esse algo que não passa, revolução ou não, é *uma subversão que ocorre* - onde? - *na função, na estrutura do conhecimento*.

E é isso que não passa, porque na verdade a revolução cosmológica, realmente não podemos dizer, além do incômodo que deu a alguns Doutores da Igreja, que é algo que de jeito nenhum é tal que o homem, como dizem, sente-se de alguma forma humilhado.

É por isso que o uso do termo *revolução* é tão pouco convincente, porque o próprio fato de que houve uma *revolução* nesse ponto é bastante exaltante no que diz respeito ao narcisismo. É exatamente o mesmo em relação ao darwinismo: não há doutrina que coloque a produção humana acima do *evolucionismo*, é preciso dizer. Num caso como no outro, *cosmológico* ou *biológico*, todas essas revoluções, no entanto, deixam o homem no lugar da flor da criação.

É por isso que podemos dizer que esta referência é verdadeiramente equivocada. Talvez seja o que se faz justamente para mascarar, para transmitir o que está em jogo, a saber, que esse *saber*, esse *novo status de saber*, é isso que deve conduzir a um tipo de *discurso totalmente novo*, que não é fácil de manter e - para até certo ponto - ainda não começou.

O *inconsciente* - eu disse - *se estrutura como uma linguagem*, uma linguagem qual? E por que eu disse uma língua? Porque em termos de linguagem, estamos começando a conhecê-la um pouco: - falamos de *linguagem-objeto* em lógica, matemática ou não, - falamos de *metalinguagem*, - falamos até de *linguagem* por algum tempo no nível da biologia , - falamos de *linguagem* erradamente e por completo,

Para começar, digo que se falo de linguagem é porque se trata de traços comuns que se encontram em *lalíngua*, sendo *lalíngua* ela própria sujeita a uma variedade muito grande, há, no entanto, constantes. A linguagem em questão, como dediquei o tempo, o cuidado, o trabalho e a paciência para articulá-la, é a linguagem onde se pode distinguir o código, a mensagem, entre outras.

Sem essa distinção mínima, não há espaço para a fala. É por isso que quando apresento esses termos, chamo-os de " *Função e campo de fala...* para a *fala*, é a *função* ... e *linguagem* ... para a *linguagem*, é o *campo*.

A *palavra define o lugar do que se chama verdade*. O que eu marco assim que ele entra, para o uso que quero fazer, é *sua estrutura de ficção, ou seja, também de mentira*.

Na verdade, é o caso de dizê-lo, *a verdade não diz a verdade* - nem pela metade! - apenas em um caso: é quando ela diz " *estou mentindo* ". Este é o único caso em que temos certeza de que ela não está mentindo, porque ela deveria saber disso. Mas Caso contrário, ou seja, *Caso contrário* com A maiúsculo, é bem possível *que ela esteja dizendo a verdade* mesmo assim sem saber.

Foi isso que tentei marcar com meu S maiúsculo, parênteses do A maiúsculo precisamente, e risquei: S(A). Isso pelo menos, que você não pode dizer que não é de qualquer forma *conhecimento...* para quem me segue ...o que não deve ser levado em conta para se orientar, mesmo que por pouco tempo. Este é o 1º ponto do " *inconsciente estruturado como uma linguagem* ".

No dia 2 , você não esperou por mim - estou falando com psicanalistas - você não esperou que eu descobrisse, pois é o próprio princípio do que você faz assim que interpreta. Não há interpretação que não diga respeito - o quê? - o vínculo do que, no que se ouve, se manifesta como fala, o vínculo disso com o *gozo*.

Você pode estar fazendo isso de uma maneira inocente, ou seja, sem nunca perceber que não há uma interpretação que signifique outra coisa, mas, finalmente, uma interpretação analítica. é sempre isto: seja o benefício secundário ou primário, o benefício é o *prazer*.

E isso, é bastante claro que a coisa emergiu da pena de Freud, não imediatamente porque há um estágio, há o *princípio do prazer*, mas finalmente é claro que um dia o que o impressionou é que tudo o que se faz, inocente ou não, o que é formulado...

deste jogo, uma verdade é afirmada ...o que se formula seja o que for que se faça, é *algo que se repete*.

" A *instância* - eu disse - *da letra* ", e se uso " *instância* " é, como para todos os usos que faço das palavras, não sem razão, é essa *instância*

— ressoa também: ao nível da jurisdição, — ressoa também
ao nível da *insistência*, onde traz à tona este módulo que defini neste *momento*,
ao nível de uma certa lógica.

É nesta *repetição* que Freud descobre " o *Além do Princípio do Prazer* ".

Só que aqui, se há um *além*, não falemos mais do " *princípio* ", porque um princípio onde há um além não é mais um princípio, e vamos deixar de lado ao mesmo tempo o *princípio de realidade*. Tudo isso é muito claramente para ser revisto.

Afinal, não existem 2 classes *de seres falantes* :

— os que se governam segundo o *princípio do prazer* e o *princípio da realidade*, — e
os que estão *Além do Princípio do Prazer*, sobretudo porque, como dizemos - é o caso de dizê-lo - clinicamente são
de fato os mesmos.

O processo primário é explicado inicialmente por essa aproximação que é a oposição, o *princípio da bipolaridade do prazer* - *princípio da realidade*.

Deve-se dizer que este esboço é insustentável e feito apenas para engolir o que podem aos ouvidos contemporâneos dessas primeiras declarações, que são...

Eu não quero abusar deste termo

... *ouvidos burgueses*, ou seja, aqueles que não têm absolutamente nenhuma idéia do que *é o princípio do prazer*.

O *princípio do prazer* é uma referência da antiga moral: na antiga

moral, o prazer, que consiste precisamente em fazer o mínimo possível " *otium cum dignitate* ", é uma ascese que se pode dizer que se junta à dos *porcos*, mas não é de todo no sentido de que queremos dizer isso.

A palavra " *porco* " não significava na Antiguidade, ser porco, significava que estava confinado à *sabedoria do animal*.

Era um apreço, um toque, um bilhete, dado de fora por pessoas que não entendiam do que se tratava, ou seja, o último refinamento da *moralidade do Mestre*.

O que isso tem a ver com a ideia de que o burguês se diverte,
e além disso, é preciso dizer, da realidade?

Seja como for - este é o 3º ponto - o que resulta da *insistência* com que o inconsciente nos entrega o que formula, é que se por um lado a nossa interpretação nunca lá, o que ele encontra lá? Nada que não deva ser catalogado no registro de gozo. Este é o 3º ponto .

4º — ponto: onde está o prazer? O que é preciso?

Um corpo ! Para desfrutar, você precisa de um corpo.

Mesmo aqueles que prometem as bem-aventuranças eternas só podem fazê-lo na suposição de que o *corpo* é transportado para lá: *glorioso* ou não, deve estar lá.

Precisa de um corpo. Por quê ?

Porque a dimensão do gozo, para o corpo, é a dimensão da *descida para a morte*.

É, aliás, muito precisamente no que o *princípio do prazer* em Freud anuncia que ele sabia bem, a partir daquele momento, o que dizia, porque se você o ler com atenção, verá ali que o *princípio do prazer* nada tem a ver com hedonismo. , mesmo que nos seja legado da tradição mais antiga, é na verdade o *princípio do desprazer*.

É o *princípio do desprazer*, é a tal ponto que, ao enunciar-lo a qualquer momento, Freud escorrega.

"Em *que consiste o prazer* ? ", conta-nos, é para baixar a tensão. Mas o que é essa tensão, senão o próprio princípio de tudo que tem o nome de gozo, o que gozar, senão que há uma tensão?

É de que maneira, quando Freud está no caminho de " *Jenseits* ", de *Além do Princípio do Prazer*, o que ele afirma para nós em *Malay in Civilization*, se não muito provavelmente, muito além da chamada *repressão social* , deve haver uma *repressão orgânica* - ele escreve textualmente -.

É curioso, é uma pena que se dê tanto trabalho por coisas ditas com tanta evidência, e para fazer perceber isto: é que a dimensão em que o *ser falante* se distingue do animal, é certamente que há nele *essa brecha* pela qual se perdeu, *pela qual lhe é permitido operar o corpo ou os corpos*...

seja ele próprio ou de seus companheiros, ou dos animais que o cercam,

... trazer à tona, para eles ou para seu benefício, o que se chama propriamente *gozo*.

É certamente mais estranho do que os caminhos que acabei de traçar...

aqueles que vão dessa descrição sofisticada do *princípio do prazer*
ao reconhecimento aberto do que está envolvido no *gozo fundamental*

...é estranho ver que Freud, nesse nível, acredita que deve recorrer a algo que ele designa como *instinto de morte*.

Não que seja falso, apenas dizer assim, de maneira tão erudita, é precisamente o que os estudiosos que ele engendrou sob o nome de psicanalistas absolutamente não conseguem engolir.

Essa longa cogitação, essa ruminação em torno da *pulsão de morte*, que é o que caracteriza, podemos dizer, enfim, toda a instituição psicanalítica internacional, desse jeito que ela tem de *cindir, de dividir, de dividir* : — admite, não não admite,

— " *lá, estou parando, não estou tão longe ...* "

...esses labirintos sem fim em torno deste termo que parecem ter sido escolhidos para dar a ilusão de que neste campo descobriu-se algo que podemos dizer análogo ao que em lógica chamamos de *paradoxo*, é surpreendente que Freud, com o caminho que já havia aberto, não acreditasse que deveria apontá-lo pura e simplesmente.

Gozo que está realmente, no domínio da erotologia, ao alcance de qualquer pessoa - é verdade que naquela época as publicações do Marquês de Sade eram menos difundidas, por isso achei que era dever, só até agora, marcar alguns na meus *Escritos* a relação de "Kant com Sade". Se proceder assim, no entanto, penso *tudo a mesma coisa* que há uma resposta, não é necessário que para ele, mais do que para qualquer um de nós, soubesse tudo o que dizia.

Mas em vez de contar ninharias sobre o instinto de morte primitivo...

— vem de fora ou vem de dentro,

— ou virando de fora para dentro,

— e engendrando mais tarde, finalmente recaindo na agressividade e na luta,

...talvez pudéssemos ler isso no *instinto de morte* de Freud , o que talvez sugira que o *único ato* , afinal , se houver, *o que seria um ato completo*...

ouço que falo, como no ano passado falei " *Um discurso que não seria semblante* "

em um caso como no outro não há nenhum, nem fala nem ato tal

...isso seria, se pudesse ser, suicídio.

É o que nos diz Freud.

Ele não nos diz assim, cru, claro, como podemos dizer agora, agora que a doutrina abriu um pouco o caminho e sabemos que não há ato que falhe e que é mesmo a única condição para um aparência de sucesso.

É justamente por isso que o suicídio merece objeção: é que não se precisa dele para continuar sendo uma tentativa para que seja de qualquer modo fracassado, completamente fracassado do ponto de vista do *gozo*. Talvez os budistas, com suas latas de gás - porque estão em dia - não sabemos porque eles não voltam para testemunhar.

É um belo texto, o texto de Freud.

Não é à toa que nos traz *soma* e *germen*.

Ele sente, ele cheira que há algo para aprofundar.

Sim, o que há para aprofundar é o 5º ponto que afirmei este ano no meu seminário e que se enuncia da seguinte forma:

" *não há relação sexual* ".

Claro, parece um pouco *pateta*, um pouco *boquiaberto*.

Basta foder um bom tiro para me mostrar o oposto.

Infelizmente é a única coisa que não demonstra absolutamente nada do mesmo porque a noção de *relação* não coincide exatamente com o uso metafórico que é feito dessa palavra muito curta " *relação* ": eles fizeram sexo, não é bem isso.

Pode-se falar seriamente de uma *relação não apenas quando um discurso a estabelece, mas quando a enunciamos, a relação*.

Porque é verdade que o *real* está lá antes de pensarmos, mas a *relação* é muito mais duvidosa: não só devemos pensá-lo, mas *devemos escrevê-lo*. Se você não pode *escrevê-lo*, não há *conexão*.

Poderia ser muito notável se acabasse, tempo suficiente para começar a se desfazer um pouco, que é impossível escrever como seria a *relação sexual*.

A coisa é importante porque precisamente estamos, através do progresso do que se chama " *ciência* ", no processo de levar muito longe muitas coisas mesquinhas que estão no nível do *gameta*, no nível do *gene*, no nível de um certo número de escolhas, ordenações, que chamamos como quisermos, *meiose* ou outra, e que parecem elucidar algo, algo que acontece ao nível do fato de que a reprodução, pelo menos em uma certa área da vida, é gênero.

Só que isso não tem absolutamente nada a ver com o que está envolvido na relação sexual, na medida em que é muito certo que, no ser falante, há em torno dessa relação, fundada no gozo, um alcance completamente admirável em sua propagação e que dois as coisas foram destacadas por Freud - por Freud e pelo discurso analítico - é toda a gama do *gozo*, quero dizer tudo isso Se se pode tratar bem *um corpo*, *mesmo o próprio corpo*, tudo isso em algum grau participa do gozo sexual.

Só o *prazer sexual* em si, quando você quer colocar as mãos nele, se posso colocar dessa forma, não é mais *sexual*, se perde.

E é aí que entra em jogo tudo o que se constrói a partir do termo *Falo*, que é justamente aí o que designa um certo *significado*, um significado de um certo significante perfeitamente evanescente, porque quanto a definir o que é se é com o homem ou a mulher, o que a psicanálise nos mostra é muito precisamente que é *impossível* e que até certo ponto, nada indica especificamente que é para o parceiro do outro sexo que o gozo deve ser dirigido, se considerado o gozo, mesmo que por um instante, como guia do que está envolvido na função de reprodução.

Encontramo-nos ali antes do estouro da, digamos, *noção de sexualidade*.

A sexualidade está no centro, sem dúvida, de tudo o que acontece no inconsciente.

Mas está no centro na medida em que é *uma falta*.

Ou seja, no lugar de qualquer coisa que se possa escrever da relação sexual como tal, são substituídos os impasses que são aqueles engendrados pela função do gozo precisamente sexual, tal como aparece como essa espécie de miragem, da qual o próprio Freud dá a nota algures como gozo absoluto.

E é tão próximo que precisamente não é absoluto. Não é em nenhum sentido, em primeiro lugar porque como tal está fadado a essas diferentes formas de fracasso que constituem

- *castração* para gozo masculino,
- *a divisão* pelo que envolve o gozo feminino,

e que, por outro lado, o que o gozo leva não tem nada a ver estritamente com a cópula, na medida em que esta é, digamos, o modo usual - que vai mudar - pelo qual se faz na espécie *do ser falante*, *a reprodução*.

Em outras palavras:

- há uma tese: " *não há relação sexual* " é do *ser falante* que falo.
- Há uma antítese que é *a reprodução da vida*. É um tema conhecido. Esta é a bandeira atual da *Igreja Católica*, na qual devemos saudar a sua coragem. A *Igreja Católica* afirma que existe uma relação sexual: é aquela que leva à criação de criancinhas. É uma afirmação que é completamente defensável, simplesmente é improvável. Nenhum discurso pode sustentá-la, exceto o discurso religioso, na medida em que define a estrita separação que existe entre *verdade* e *conhecimento*.
- E em terceiro lugar, não há síntese, a menos que você chame de 'síntese' esta observação de que não há prazer exceto em morrer.

Tais são os pontos de *verdade* e de *saber* que importa pontuar o que está em jogo no *saber do psicanalista*, exceto que não há um único psicanalista para quem isso não seja *letra morta*.

Para a síntese, podemos confiar neles para apoiar seus termos e vê-los em outro lugar que não no *instinto de morte*. *Perseguir o natural* - como dizem, não é - *ele volta a galope*.

Mesmo assim, seria apropriado dar seu verdadeiro significado a essa velha fórmula proverbial.

O *natural*, vamos falar sobre isso, é disso que se trata.

O *natural* é tudo o que se veste com a libré do conhecimento - e Deus sabe que não há falta dele - e um discurso que é feito exclusivamente para o conhecimento " *entregar* " é o *discurso universitário*.

É bastante claro que a roupa em questão é a ideia de natureza.

Ela não está pronta para desaparecer da frente do palco.

Não que eu esteja tentando substituir outro.
Não imaginem que sou um daqueles que opõem cultura à natureza.
Em primeiro lugar, mesmo porque a natureza é precisamente fruto da cultura.

Mas *enfim*, essa *relação saber/verdade* ou como quiser: *verdade/saber*, é algo a que ainda não começamos a ter o menor começo de adesão, como o que acontece com a medicina, a psiquiatria e uma série de outros problemas.

Vamos ficar sobrecarregados em pouco tempo, antes de 4-5 anos,
– de todos os problemas *segregativos* que serão intitulados ou que serão castigados pelo termo “racismo”, – todos os problemas que são justamente aqueles que consistirão no que se chama simplesmente o controle do que acontece ao nível da reprodução da vida, em seres que se encontram - pelo que falam - tendo todos os tipos de problemas de consciência.

O que é absolutamente inédito é que ainda não se percebeu que *os problemas da consciência são problemas de gozo*.
Mas, no final, estamos apenas começando a poder dizê-las.

Não é certo que isso tenha a menor consequência, pois sabemos de fato que a *interpretação* requer, para ser recebida, o que chamei, no *início*, *trabalho*.
O *conhecimento* é da ordem do *gozo*. Nós absolutamente não vemos por que ele mudaria de cama.

O que as pessoas esperam, denunciam sob o título de intelectualização, significa simplesmente que estão acostumadas pela experiência a perceber que não é de forma alguma necessário, de forma alguma suficiente, compreender algo para deixar algo mudar.

A questão do saber do psicanalista não é se é articulado ou não, a questão é saber onde se deve estar para sustentá-lo.

É obviamente sobre isso que tentarei indicar algo sobre o qual não sei se conseguirei dar-lhe uma formulação que seja *transmissível*.
vou tentar embora.

A questão é até que ponto a *ciência*...
a ciência para a qual a psicanálise, tanto atualmente quanto no tempo de Freud
pode fazer nada mais do que procissão, ... o
que a *ciência* pode alcançar que vem sob o termo de *realidade*.

O *Simbólico*, o *Imaginário* e o *Real*.
É muito claro que o poder do *Simbólico* não precisa ser demonstrado.
É o próprio poder. Não há vestígio de poder no mundo antes do aparecimento da linguagem.

O que chama a atenção no que Freud esboça antes de Copérnico é que ele imagina que o homem estava muito feliz por estar no centro do universo e que acreditava no rei.
É realmente uma ilusão absolutamente fabulosa!

Se há algo de que ele tomou a ideia nas *esferas eternas*, foi precisamente que houve a última palavra de conhecimento.
O que sabe, no mundo, algo -
demora para passar
... estas são as *esferas etéreas* : eles sabem. É *assim* que o *conhecimento* está associado desde o início com a ideia de *poder*.

E neste pequeno anúncio na parte de trás do grande pacote de meus *Escritos*, você vê...
porque - por que não admitir - fui eu quem escrevi, este bilhete.
Quem mais além de mim poderia ter feito isso, reconhecemos meu estilo, bem, não está mal escrito!
... *Eu invoco as Luzes*.

É bastante claro que o *Iluminismo* levou algum tempo para elucidar.
No início, eles erraram o tiro.
Mas ainda assim, como o *Inferno*, eles foram pavimentados com boas intenções. Ao contrário de tudo o que se disse a respeito, o *Iluminismo* pretendia articular um saber que não era tributo a nenhum poder.

Só que lamentamos ter que notar que aqueles que trabalhavam para este escritório eram um pouco demais em posições de manobristas em comparação com um certo tipo...

Devo dizer muito feliz e florescente

... de mestres, os nobres da época, para que eles não pudessem realizar outra coisa senão esta famosa Revolução Francesa que teve o resultado que você conhece, ou seja, o estabelecimento de uma raça de *mestres* mais feroz do que qualquer coisa que já vimos no trabalho até aquele momento.

Um saber que não pode senão, o saber da *impotência*, eis o que o psicanalista...

numa certa perspectiva, uma perspectiva que não vou chamar de progressão

...isso é o que o psicanalista poderia transmitir.

E para dar o tom da faixa em que este ano espero continuar meu discurso, vou dar o título, o furo...

lamber suas costeletas

...Vou dar o título do seminário que vou dar, no mesmo local do ano passado, graças à graça de algumas pessoas que gentilmente tentaram preservá-lo para nós.

Está escrito assim, antes de pronunciá-lo: — isso é *um* O,

— e *isso* é *um* U, ... *três pontinhos*, você pode colocar

o que quiser, assim vou entregar na sua meditação.

Este *ou* é o *ou* que se chama *vel* ou *aut* em latim: “...ou *pior*”.

Quinta-feira, 2 de dezembro de 1971

" *Conversas de Sainte-Anne* "

[Conteúdo](#)

O que estou fazendo com você esta noite obviamente não é...
não mais será, do que foi da última vez
...obviamente não é isso que me propus, este ano, a dar o próximo passo em meu seminário. Será como da última vez, *uma entrevista*.

Todos sabem - muitos ignoram - a insistência que coloco com quem me procura, nas *entrevistas preliminares* na análise.
Tem uma função, claro, de análise, que é essencial.

Não há entrada possível na análise sem *entrevistas preliminares*.

Mas há algo de aproximativo sobre a relação entre essas *entrevistas* e o que vou lhes dizer este ano, exceto que absolutamente não pode ser o mesmo, já que, como sou eu quem falo, sou eu quem estou aqui na posição do analisando.

Então o que eu ia te dizer...
Eu poderia ter tido muitos outros preconceitos, mas no final é sempre
no último momento que eu sei o que escolho dizer
...e para esta entrevista de hoje, a ocasião me pareceu favorável de uma pergunta que me foi feita ontem à noite por alguém da
minha Escola.

Ele é uma das pessoas que leva a sua posição um pouco a sério e que me fez a seguinte pergunta que, naturalmente,
a meu ver, tem a vantagem de me levar direto ao cerne da questão.

Todo mundo sabe que isso raramente acontece comigo, eu me aproximo com passos cautelosos.

A pergunta que me foi colocada é a seguinte: " *A incompreensão de Lacan é um sintoma?* »

Por isso, repito-o literalmente.
É uma pessoa a quem às vezes perdoo facilmente por ter colocado o meu nome...
o que é compreensível já que ela estava na minha frente
...ao invés do que seria apropriado, a saber, "*meu discurso*".

Você vê que eu não escondo, eu chamo de "*meu*".
Veremos em breve se este *mon* merece ser mantido. Qualquer que seja.
A essência dessa questão estava no que se trata, se o mal-entendido do que é, como quer que você chame, é um *sintoma*.

Eu não penso assim. Acho que não, primeiro porque, em certo sentido, não se pode dizer que algo...
que, no entanto, tem uma certa relação com *meu discurso*, que
não se confunde, que é o que se poderia chamar de *meu discurso*,
...não podemos dizer que ela é *absolutamente incompreendida*, podemos dizer, em um nível preciso, que seu número é a prova disso.
Se minhas *palavras* fossem incompreensíveis, não vejo o que, em número, você estaria fazendo ali.

Sobretudo porque afinal este número é constituído em grande parte por pessoas que voltam e depois que, assim, ao nível de
uma amostragem que ainda assim me chega, acontece que as pessoas que se expressam desta forma nem sempre entendem bem ou pelo
menos que não têm o sentimento de entender...
para finalmente recolher um dos últimos testemunhos que
dela recebi, da forma como todos expressam
...bem, apesar dessa sensação um pouco " *de não estar lá* ", não impede...
Foi-me dito no último testemunho
...que ajudou a pessoa em questão a encontrar suas próprias idéias, esclarecer, esclarecer-se sobre um certo número de pontos.

Você não pode dizer isso pelo menos no que diz respeito à minha palavra...
que obviamente deve ser distinguido do discurso, vamos tentar ver como
...não há estritamente falando o que se chama *incompreensão*. Eu imediatamente enfatizo
que *esta palavra é uma palavra de instrução*. Ensinar, portanto, nesta ocasião, eu o distingo do discurso.

Enquanto falo aqui em Sainte-Anne... e

talvez através do que eu disse da última vez você possa sentir o que isso significa para mim

...Eu escolhi levar as coisas no nível, digamos o que chamamos de elementar.

É completamente arbitrário, mas é uma escolha.

Quando fui à *Société de Philosophie* fazer uma apresentação sobre o que chamei de meu ensino na época, tomei a mesma decisão. Falei como se me dirigisse a pessoas que estão muito atrasadas: não estão mais do que você, mas é antes a ideia que tenho de filosofia que exige isso. E eu não sou o único.

Um dos meus muito bons amigos que recentemente fez uma comunicação - na *Société de Philosophie* - me passou um artigo sobre os fundamentos da matemática onde eu lhe mostrei que seu artigo era de um nível dez ou vinte vezes maior do que ele disse à *Sociedade Filosófica*.

Ele me disse que eu não deveria estar surpresa, dadas as respostas que ele havia obtido. Foi o que ele provou para mim também, porque obtive respostas da mesma ordem no mesmo lugar, foi o que me tranquilizou por ter articulado certas coisas que você pode encontrar nos meus *Escritos*, no mesmo nível.

Há, portanto, em certos contextos, uma escolha menos arbitrária do que a que estou discutindo aqui.

Sustento-o aqui segundo elementos memoriais que se vinculam a isso: é que afinal, se

em certo nível meu discurso ainda é incompreendido, é porque,

digamos que por muito tempo, ele estava em toda uma zona proibida, para não ouvi-lo...

que estaria, como a experiência demonstrou, ao alcance de muitos

...mas proibido de *vir* e ouvir.

É isso que nos permitirá distinguir esse mal-entendido de um certo número de outros: havia algo proibido.

E que, minha fé, essa proibição veio de uma instituição analítica é certamente significativo.

Significativo significa o quê?

Eu não disse nada *significativo*.

Há uma grande diferença entre a relação significante-significado e a significação.

O significado faz um signo, um signo não tem nada a ver com um significante.

Um sinal é...

Eu exponho isso em um canto, em algum lugar no último número deste *Scilicet*

...um signo é, não importa o que se pense dele, sempre o signo de um sujeito.

Quem é para quê? Também está escrito nesta *Scilicet*, não posso estender a ela agora, mas esse sinal, esse sinal de proibição certamente veio de sujeitos reais, em todos os sentidos da palavra, de sujeitos que obedecem em qualquer caso.

Que seja um signo vindo de uma instituição analítica é bem adequado para nos fazer dar o próximo passo.

Se a pergunta pudesse ser colocada para mim desta forma, seria assim:

esse mal-entendido em psicanálise é considerado um *sintoma*.

É recebido na psicanálise, é - se assim se pode dizer - geralmente aceito.

A coisa está no ponto em que passou para a consciência comum.

Quando digo que é geralmente aceito, está além da psicanálise, quero dizer, além do ato psicanalítico.

Coisas em uma certa consciência...

há algo que dá o modo de consciência comum

...está no ponto em que dizemos a nós mesmos, onde nos ouvimos dizer: " *Vá se psicanalisar*" quando... quando o quê?

Quando a pessoa que o diz considera que sua conduta, suas observações são, como diria o Sr. de Lapalisse, um *sintoma*.

Eu lhes direi que, mesmo assim, nesse nível, por esse viés, " *sintoma*" tem o sentido de " *valor de verdade*".

É assim que o que passou para a consciência comum é mais preciso do que a ideia de que - infelizmente - muitos psicanalistas. Digamos que há muito pouco para saber a equivalência de " *sintoma*" com " *valor de verdade*".

É bastante curioso, mas além disso tem essa contrapartida histórica, que demonstra que esse significado da palavra *sintoma*

foi descoberta, afirmada, antes que a psicanálise entrasse em cena. Como sempre ênfase, essa equivalência é,

muito propriamente falando, o passo essencial dado pelo pensamento marxista.

Valor de verdade : para traduzir o *sintoma* em *valor de verdade*, devemos aqui tocar com o dedo, mais uma vez, no que supõe *saber* no analista o fato de que deve ser de fato seu " *saber*" que ele interpreta.

E para fazer um parêntese aqui, simplesmente passando...

isso não está de acordo com o que estou tentando fazer você seguir

...tenho que marcar, no entanto marco que *esse saber* é para o analista, se assim posso dizer, *pressuposto*.

O que enfatizei sobre o *sujeito suposto saber* como fundante dos fenômenos da *transferência*, sempre sublinhei que não implica nenhuma certeza no sujeito analisando que seu analista saiba muito sobre isso, longe disso.

Mas isso é perfeitamente compatível com o fato de que o analisando considerado como altamente duvidoso é o *conhecimento do analista*, que aliás, deve-se acrescentar, é frequentemente o caso por razões muito objetivas: afinal, os analistas nem sempre sabem tanto como deveriam, pela simples razão de que muitas vezes não dão a mínima.

Isso não muda absolutamente nada para o fato de que o *conhecimento é pressuposto* para a função do analista e que é sobre isso que *repousam os fenômenos de transferência*. O parêntese está fechado.

Eis então o *sintoma* com sua tradução como *valor de verdade*. O *sintoma* é o *valor de verdade* e...

Vou apontá-lo para você de passagem.

...o inverso não é verdadeiro: o *valor de verdade* não é um *sintoma*.

Vale a pena notar isso neste ponto pela razão de que a *verdade* não é nada cuja função eu afirmo ser isolável.

Sua função - e especificamente onde ocorre: *na fala* - é relativa.

Não é separável de outras *funções de fala*. Mais uma razão para eu insistir nisso:

que *mesmo reduzindo-o ao valor*, não se confunde de modo algum com o *sintoma*.

É em torno desse ponto do que é o *sintoma* que giraram os primeiros tempos do meu ensino, porque os analistas nesse ponto estavam em tal nevoeiro como o *sintoma*... e afinal talvez deva - é meu *ensino* que não espalhar tão facilmente mais

...que o *sintoma* se articula - quero dizer: na boca dos analistas - como a recusa do dito *valor de verdade*.

Não tem relação com essa equivalência em um único sentido – acabei de insistir nisso – do *sintoma* a um *valor de verdade*. Ele põe em jogo o que eu chamaria de...

como vou chamar assim porque estamos entre nós e eu disse que era uma *entrevista*

o que chamarei sem mais formalidade, sem me preocupar que os termos que vou levar adiante já sejam

usados no ponto mais avançado da filosofia

... ela põe em jogo o *ser de um ser*.

digamos...

porque me parece claro, parece adquirido - com o tempo -

que a filosofia anda em círculos em um certo número de pontos

...Digo ser porque se trata de *falar ser*.

É estar falando...

desculpe-me desde o 1º ser

...que ele está vindo a ser, finalmente que ele tem a sensação disso. Naturalmente ele não vem lá, ele erra.

Mas essa dimensão do “*ser*” subitamente aberta, podemos dizer que por muito tempo, isso preocupou o sistema, ao menos os filósofos.

E seria muito errado ser irônico, porque se se *trata do sistema* dos filósofos, é porque eles se

relacionam com o sistema de todos,

e que o que é designado nesta denúncia pelos analistas do que eles chamam de “*resistência*”, em torno do qual tenho

feito durante toda uma etapa deste ensino...

de que meus *Escritos* trazem o

rastrão, ... Eu fiz uma fase de *luta* por toda parte, era bom questioná-los sobre se eles sabiam o que estavam fazendo

trazendo para a ocasião o que poderíamos chamar assim: que o *ser* deste sagrado *sendo* de que falam...

não totalmente errado, eles chamam de “*o homem*” de vez em quando, em qualquer caso, nós o chamamos

cada vez menos [isso], já que eu sou um daqueles que têm algumas reservas sobre isso

... este ser não tem nenhum tropismo especial no lugar da *verdade*. Não digamos mais nada.

Portanto, há dois significados do *sintoma*: o *sintoma* é o *valor da verdade*, é a função que resulta da introdução,

a um certo tempo histórico - que datei suficientemente - da noção de *sintoma*.

O *sintoma* não pode ser curado, da mesma forma na dialética marxista e na psicanálise.

Na psicanálise, ele está lidando com algo que é a tradução em palavras de seu *valor de verdade*.

Que isso desperte o que é sentido pelo analista como um ser de recusa, de modo algum nos permite *decidir* se esse sentimento merece ser retido de alguma forma, pois também em outros registros, aquele que justamente evoquei anteriormente, ele é a outros processos que *o sintoma deve ceder*.

Não estou no processo de dar preferência a nenhum desses processos e isso muito menos porque o que quero fazer você entender é que há outra dialética além daquela que é imputada à *história*.

Entre as perguntas:

— “ *A incompreensão psicanalítica é um sintoma?* », — e « *A incompreensão de Lacan é um sintoma?* », vou colocar um 3º :

" *Equívoco matemático...*

é algo que se autodesigna, há pessoas - e até jovens, porque só interessa aos jovens - para quem existe esta dimensão da *incompreensão matemática*

...é um sintoma? ".

É certo que quando nos interessamos por esses assuntos que manifestam a incompreensão matemática, ainda bastante difundida em nosso tempo, temos a sensação...

Usei a palavra *sentimento* como antes, pois o que os analistas *resistiram*

...tem-se a sensação de que vem, no sujeito vítima da incompreensão matemática, de algo que é como uma insatisfação, uma discrepância, algo vivenciado no manejo justamente do *valor da verdade*.

Sujeitos vítimas da *incompreensão matemática* esperam mais da *verdade* do que da redução a esses valores que se chamam... pelo menos nos primeiros passos da matemática

... *valores dedutivos*. As chamadas articulações demonstrativas parecem-lhes carecer de algo que está precisamente ao nível de uma exigência de *verdade*.

Essa bivalência: *verdadeiro* ou *falso*, certamente - e digamos: não sem razões - os deixa em desordem, e até certo ponto podemos dizer que há uma certa distância da *verdade* ao que podemos chamar às vezes *de cifra*.

A *cifra* nada mais é do que a escrita, a escrita de seu *valor*.

Quer a *bivalência* seja expressa como o caso por 0 e 1 ou por V e F, o resultado é o mesmo.

O resultado é o mesmo por causa de algo que é exigido ou parece ser exigido em determinados assuntos, que você pode ter visto ou ouvido que não falei anteriormente, seja de alguma forma *um conteúdo*.

Em nome do que o chamaríamos por esse termo, já que o *conteúdo* não significa nada enquanto não pudermos dizer *do que se trata?*

Uma verdade não tem conteúdo, uma verdade que se diz uno: é *verdade* ou então é *aparência*, distinção que nada tem a ver com a oposição do *verdadeiro* e do *falso*, porque se é *aparência*, é precisamente a *aparência da verdade*, e de que procede a incompreensão matemática é que surge precisamente a questão saber se é *verdade* ou *aparência*, não é ...

permita-me dizê-lo, vou abordá-lo com mais habilidade em outro contexto

... não é tudo um.

De qualquer forma, neste ponto, certamente não é a elaboração lógica que foi feita da matemática que entrará em conflito aqui, porque se você ler em algum ponto de seus textos o Sr. termos apropriados:

" *A matemática é muito precisamente o que lida com afirmações das quais é impossível dizer se têm uma verdade, ou mesmo se significam alguma coisa* ".

[Bertrand Russell: " *Misticismo e lógica* ", Paris, Vrin, 2007 : "

Assim, a matemática pode ser definida como o assunto no qual nunca sabemos do que estamos falando ou se o que dizemos é verdade. »]

De fato, é uma maneira um tanto exagerada de dizer que justamente todo o cuidado que ele dedicou ao rigor da *formatação* da dedução matemática, é algo que certamente se dirige a algo completamente diferente da verdade, mas tem um aspecto que não deixa de estar relacionado a ela, sem isso não haveria necessidade de se separar dela de maneira tão determinada!

É certo que - não idêntica ao que está envolvido na matemática - a lógica, que se esforça justamente por justificar a articulação matemática em relação à verdade, acaba ou mais exatamente se afirma, se afirma em nossa época nessa *lógica proposicional*, da qual o o mínimo que se pode dizer é que parece estranho que a *verdade sendo posta como um valor*, como um valor que faz a denotação de uma dada proposição, dessa proposição seja posta na mesma lógica *que ela só pode engendrar outra proposição verdadeira*. Que se define aí a *implicação* para todos dizerem dessa estranha genealogia da qual resultaria que o verdadeiro uma vez alcançado não poderia de modo algum por nada do que implica retornar ao falso.

É bastante claro que, por menores que sejam as chances de uma proposição falsa...
que, por outro lado, é totalmente aceito

...gera uma proposição verdadeira, pois o tempo que propomos nesse " *ir*" que nos dizem é " *sem volta* ", não deveria haver mais do que proposições verdadeiras por muito tempo!

Na verdade, é singular, é estranho, é suportável apenas por causa da existência da matemática, de sua existência independentemente da lógica, que tal afirmação pode valer até mesmo por um momento.

Há uma confusão aqui em algum lugar, aquela que faz com que os próprios matemáticos estejam tão pouco *descansados nisso*, que tudo o que efetivamente estimulou essa pesquisa lógica sobre a matemática, tudo, *em todos os seus pontos*, essa pesquisa partiu do sentimento de que *não - a contradição de modo algum seria suficiente para fundar a verdade*, o que não significa que ela não seja desejável, ou mesmo exigida. Mas isso é suficiente, certamente não.

Mas não vamos mais longe nisso - esta noite - já que esta é apenas uma entrevista introdutória.
a um tratamento que é precisamente o que proponho este ano para vos fazer seguir o caminho.
Essa *confusão* em torno da incompreensão matemática é de natureza a nos levar a essa ideia de que aqui o *sintoma*, a *incompreensão matemática*, é em suma o *amor à verdade* - se assim posso dizer - por si mesma que a condiciona.

É outra coisa que essa recusa de que falava há pouco, é mesmo o contrário a um ponto em que, se assim se pode dizer, teríamos conseguido evitar completamente o seu pathos.

Só que assim não acontece ao nível de uma certa maneira de expor a matemática, que para ilustrar que a fiz a partir do chamado esforço do lógico, não deixa de ser apresentada de forma manejável, cotidiana. , e sem qualquer outra lógica lógica. introdução, de uma forma simples e elementar onde as provas, como se costuma dizer, permitem saltar muitos passos.

É curioso que...

ao ponto, entre os jovens, onde a incompreensão matemática se manifesta
é sem dúvida a partir de um certo vazio sentido sobre o que é verdadeiro do que é articulado, que ocorrem fenômenos de incompreensão e que seria completamente errado pensar que a matemática é algo que de fato conseguiu esvaziar tudo o que está envolvido. na relação com a verdade, de seu pathos.

Porque não é apenas matemática elementar e conhecemos história suficiente para conhecer o problema, a dor que os termos e funções do cálculo infinitesimal causaram quando foram ex-cogitados, simplesmente para deixá-lo lá.

Mesmo - mais tarde - a regularização, a homologação, a logificação dos mesmos termos e dos mesmos métodos, até a introdução de um número cada vez mais elevado, cada vez mais elaborado do que realmente precisamos para este nível chamado *matema*. E saber que os ditos *matemas certamente* não incluem uma genealogia retrógrada, não inclui nenhuma exposição possível para a qual o termo *histórico deveria ser usado*.

A matemática grega mostra muito bem os pontos onde mesmo onde teve a chance, pelos chamados *processos de esgotamento*, aproximar-se do que lhe aconteceu no momento da saída do *cálculo infinitesimal* : porém não está lá. não deu o salto.

E que se é fácil, a partir do *cálculo infinitesimal* - ou melhor, de sua perfeita redução - situar, classificar, mas depois, o que era ao mesmo tempo dos métodos de demonstração da matemática grega e também da os impasses que lhes foram dados de antemão como perfeitamente localizáveis depois, se assim for, vemos que não é absolutamente verdadeiro falar do *matema* como algo que de alguma forma estaria desvinculado da exigência verídica.

É de fato durante inúmeros debates, debates de palavras, que surgem em cada época da história... e se eu falava de Leibniz e Newton implicitamente, mesmo daqueles que...

com uma audácia incrível em não sei que elemento de encontro ou aventura
sobre o que o termo " *tour de force*" ou " *coup de chance*" evoca... os precedeu,
um Isaac Barrow por exemplo.

E isso se repetiu em um tempo muito próximo de nós, com a efração cantoriana em que nada se faz seguramente para diminuir o que chamei antes de dimensão do *pathos*, que poderia ter ido para Cantor até a loucura, da qual não acredito que seja suficiente para nos dizer que foram então decepções de carreira, oposições, até insultos que o dito Cantor recebeu dos acadêmicos reinantes em seu tempo, *não*. nos perguntamos sobre a função do matema.

A incompreensão matemática deve, portanto, ser outra coisa que não o que chamei dessa exigência, essa exigência que emergiria de certa forma *de um vazio formal*. Longe disso, não é certo, a julgar pelo que acontece na história da matemática, que não seja de alguma relação do matema - mesmo o mais elementar - com *uma dimensão de verdade* que não surja o mal-entendido.

Talvez sejam os mais sensíveis os que menos entendem. Já temos uma espécie de indicação, uma noção disso, ao nível *dos diálogos* – do que nos resta dele, do que podemos presumir dele – *dos diálogos socráticos*.

Afinal, há pessoas para quem talvez, precisamente o encontro com a *verdade*, ela desempenha esse papel que os ditos gregos tomaram emprestado de uma metáfora, tem o mesmo efeito que o encontro com o *torpedo* : entorpece-os.

Eu lhes direi que essa ideia que procede - quero dizer na própria metáfora - da contribuição, a contribuição confusa sem dúvida, mas é para isso que serve a metáfora, ela tem que ser feita para que surja um sentido que exceda em muito o meio: o torpedo e depois aquele que o toca e que cai com força dele, obviamente é...

ainda não sabemos quando fazemos a metáfora

...é obviamente o encontro de dois *campos* não sintonizados um com o outro, "*campo*" sendo tomado no sentido próprio de *campo magnético*.

Também lhes direi que tudo o que acabamos de mencionar e que leva à palavra *campo*...

esta é a palavra que usei quando disse: *Função e campo da fala e da linguagem*...

...o *campo* é constituído pelo que chamei outro dia com um deslize: "*lalíngua*". Este campo assim considerado, *ao torná-la a chave da incompreensão* como tal, é precisamente isso que nos permite excluir toda a psicologia dela.

Os campos em questão são feitos de Real, tão real quanto o torpedo e o dedo - que acaba de tocá-lo - de um inocente. *O matema* não é porque o abordamos pelos caminhos do *Simbólico* para que não se trate do *Real*.

A verdade em questão na psicanálise é o que por meio da linguagem... quero dizer por

função da *fala*

...abordagem, mas em uma abordagem que não é de forma alguma *conhecimento*, mas eu diria algo como *indução*...

no sentido que este termo tem na *constituição* de um campo

...de *indução* de algo que é bastante *real*, embora só possamos falar dele como *significante*.

Quero dizer, que não têm outra existência senão a de *significante*.

Do que estou falando? Bem, nada menos que o que é comumente chamado de *homens e mulheres*.

Não sabemos *nada real* sobre esses homens e mulheres como tais, porque é isso que é:

— não é uma questão de cães e cadelas, — é uma

questão do que realmente são aqueles que pertencem a cada um dos sexos a partir *do ser falante*.

Não há a sombra da psicologia ali.

Homens e mulheres, é real, mas nós não somos, sobre eles, capazes de articular a menor coisa em linguagem que tenha a menor relação com esse *Real*.

Se a psicanálise não nos ensina isso, mas o que ela diz?

Porque ela simplesmente habita!

É o que afirmo quando digo que *não há relação sexual* para os seres que falam.

Porque *sua fala* tal como funciona, depende, é condicionada como fala por isso: que essa relação sexual, é muito precisamente, como fala, proibida a ela de funcionar ali de qualquer maneira que permita ser explicada.

Não estou dando a nada, nesta correlação, a *primazia* :

— Não estou dizendo que a fala existe porque não há relação sexual, isso seria completamente *absurdo*,

— nem digo que não há relação sexual porque a fala existe.

Mas certamente não há relação sexual porque a *palavra* funciona nesse nível que acontece, através do *discurso psicanalítico*, ser descoberto como especificando o ser falante, ou seja, a importância, a preeminência, em tudo aquilo que vai fazer - em seu nível - do sexo o semblante, semblante de "bons homens" e "boas mulheres", como se dizia depois da última guerra.
Não eram chamadas de outra forma: as boas mulheres.
Não é bem assim que vou falar sobre isso porque não sou existencialista.

Seja como for, a constituição pelo fato de que o *ser*, de que falávamos antes, que esse *ser* fala, o fato de que é somente da *fala* que esse ponto essencial procede...
que é bastante, às vezes, para ser distinguido da relação sexual

· _ _ _ _ _

A psicanálise nos confronta com isso: que tudo depende desse ponto de articulação que se chama *gozo sexual*.
e quem é...

são apenas as palavras que coletamos na experiência psicanalítica
que nos permitem afirmá-lo

...que acontece de ser incapaz de articular-se em um acoplamento um tanto contínuo, mesmo fugaz,
apenas para exigir o encontro com isso, que tem dimensão apenas de linguagem e que se chama *castração*.

A opacidade desse núcleo que se chama *gozo sexual*...

e do qual lhes direi que a articulação neste registro a ser explorada que se chama *castração*
data apenas do surgimento historicamente recente do *discurso psicanalítico*
uma espécie de segredo vergonhoso, que por ter sido publicado pela
psicanálise, não deixa de ser igualmente vergonhoso, igualmente desprovido de saída.

Ou seja, que toda a dimensão do *gozo*, ou seja, a relação desse ser falante com *seu corpo*,
porque não há outra definição possível de gozo, ninguém parece ter percebido que é nesse
nível que se coloca a questão.

O que, na espécie animal, desfruta de seu corpo e como?
Certamente temos vestígios disso em nossos primos chimpanzés que se desparasitam com
todos os sinais do mais vivo interesse. E depois ?

Por que é que *no ser falante* é muito mais elaborada essa relação de *gozo* que chamamos *sexual*,
em nome disso que é a descoberta da psicanálise:
que o *gozo sexual* surge antes da maturidade do mesmo nome.

Parece ser o suficiente para tornar tudo sobre esse fã "infantil" ...
curto, sem dúvida, mas não sem variedade
... *prazeres* que são descritos como *perversos*.

Que isso esteja intimamente relacionado com este curioso enigma que torna
que não se pode agir com o que parece diretamente ligado à operação a que se supõe visar o gozo sexual,
articula-se na castração.

Ele está curioso, ele está curioso do que nunca, nunca antes...

Não me refiro a um *ensaio*, porque como disse Picasso
"*Não procuro, encontro, não tento, decido*"

...antes de eu decidir que o ponto chave, o ponto do nó, *era a língua, e no campo da língua : a operação da fala*.

Não há interpretação analítica que não seja dar a qualquer proposição que se encontre.
sua relação com o prazer.

O que significa psicanálise?

Que essa relação com o gozo é a palavra que assegura a dimensão da verdade.

E, no entanto, não é menos certo que não pode de modo algum dizê-lo completamente, pode apenas -
como me expresso - *dizer parcialmente* essa relação e forjar alguma *aparência dela*, precisamente o que se chama...
sem poder dizer muito sobre isso, precisamente fazemos algo sobre isso, *mas não podemos dizer muito sobre o tipo*
... a aparência do que é chamado *de homem ou mulher*.

Se, há uns dois anos, cheguei ao caminho que procuro traçar, articular o que está envolvido em 4 *discursos*, não discursos históricos, não mitologia...

nostalgia de Rousseau, mesmo do Neolítico, são coisas que só interessam ao *discurso acadêmico*.

Esse discurso nunca é tão bom a não ser no nível do conhecimento que não significa mais nada para ninguém, pois o *discurso universitário se constitui fazendo do conhecimento uma aparência*

...são *discursos* que constituem algo *real de forma tangível*.

Essa relação fronteira entre o *Simbólico* e o *Real*, aí vivemos, cabe dizer.

O *discurso do Mestre* é válido para sempre! Você pode tocá-lo, eu acho, o suficiente com o dedo que

Não preciso dizer o que eu poderia ter feito se isso me divertisse, ou seja, se eu estivesse procurando popularidade: mostrar a você a pequena reviravolta em algum lugar que faz disso a *conversa do capitalista*. É exatamente a mesma coisa, só que é melhor, funciona melhor, *você é mais estúpido* ! De qualquer forma, você nem pensa nisso.

Assim como para o *discurso universitário* você está lá a todo vapor, acreditando criar um rebuliço, o *rebuliço de maio* !

Não falemos do *discurso histórico*, é o próprio *discurso científico*.

É muito importante saber ter pequenas previsões. Isso de forma alguma diminui os méritos do *discurso científico*.

Se há uma coisa certa, é que eu não consegui, esses três discursos [H,U,M] articulá-los numa espécie de *matema*

isso porque o *discurso analítico* [A] surgiu. E quando falo em *discurso analítico*, não estou falando com você de algo da ordem do conhecimento, poderíamos ter percebido há muito tempo que o discurso do conhecimento é uma metáfora sexual e dar-lhe sua consequência, a saber, que *desde não há relação sexual, também não há conhecimento*.

Vivemos durante séculos com uma mitologia sexual e, claro, grande parte dos analistas gostaria de nada mais do que deleitar-se com essas memórias queridas de uma época inconsistente. Mas não é sobre isso.

O que é dito...

estou escrevendo na primeira linha de algo

que estou pensando em deixá-lo para você em um tempo

...o que se diz é de fato, do fato de dizê-lo. Só existe a pedra de tropeço, a pedra de tropeço: tudo está lá, tudo sai disso.

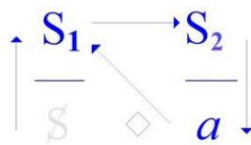
O que eu chamo de *Hashose*...

Eu coloquei um H na frente para que você possa ver que há um apóstrofo, mas precisamente eu

não deveria colocar um, deveria ser chamado de Hachose

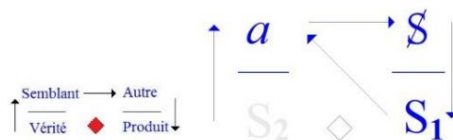
... em suma, o *objeto(a)* : o *objeto(a)* é certamente um objeto, apenas no sentido de que substitui definitivamente qualquer noção do *objeto* como sustentado por um *sujeito*. Esta não é a chamada relação de *conhecimento*.

É bastante curioso, quando a estudamos detalhadamente, ver que essa relação de *conhecimento*, acabou por fazer que um dos termos, o *sujeito* em questão [S], fosse apenas a *sombra de uma sombra, um reflexão*.



O *objeto(a)* é um objeto apenas no sentido de que está aí para afirmar que nada da ordem do conhecimento existe sem *produzi-lo*. [S1 S2 ya]
Outra coisa é *conhecê-lo*.

Esse *discurso psicanalítico* só pode ser articulado mostrando que esse *objeto(a)*, para que haja uma chance de um analista, certa operação, que chamamos de *experiência psicanalítica*, deve ter vindo do *objeto(a)* ao invés do *semblante* :



É claro que ela absolutamente não poderia ocupar esse lugar se os outros elementos, redutíveis em uma cadeia significante, não ocupassem os outros [lugares]. Se o *sujeito* [S], e o que chamo de *significante-mestre* [S1], e o que designo do *corpo do saber* [S2], não se distribuísssem nos quatro pontos de um tetraedro que é o que para seu descanso te desenhei na lousa em forma de coisinhas que se cruzam assim, dentro de um quadrado com um lado faltando, é óbvio que não haveria absolutamente nenhum discurso.

E o que define *um discurso*, o que o opõe ao *discurso*, eu digo...
porque esse é o matema
...Digo que é isso que determina, para a *abordagem falante*, o que determina o *Real*.

E o *Real* de que falo é absolutamente inacessível exceto por *uma via matemática*, ou seja, identificando...
para isso não há outro caminho senão *este discurso*, o *último dos 4*, aquele que defino como *discurso analítico* e que
permite de uma forma que seria excessivo dizer que é consistente, oposto
...de uma lacuna - e propriamente *aquela* que se expressa pelo tema *da castração* - que se vê de onde o *Real* está assegurado
de onde deriva todo este discurso.

O *Real* de que falo e isto de acordo com tudo o que se recebe...
mas como se fosse pelos surdos
... recebido na análise, a saber, que nada é certo do que parece ser o fim, a finalidade do gozo sexual, ou seja, a
cópula, sem esses passos...
muito confusamente vislumbrado, mas nunca trazido à tona em uma estrutura comparável à de uma *lógica*
...e que se chama *castração*.

É precisamente nisso que o esforço do lógico deve ser um modelo, até mesmo um guia, para nós.
E não me faça falar sobre isomorfismo, hein.
E que há em algum lugar um patife bravo da universidade que encontra minhas afirmações sobre a *verdade*, a *aparência*, o *gozo*
e o *plus-de-jouir* seria formalista, até hermenêutico, por que não?

Isto é o que se chama em matemática - curiosamente, é um encontro - uma operação geradora.
Vamos tentar este ano, e em outros lugares que não aqui, abordar assim com cautela, de longe e *passo a passo*,
porque não devemos esperar muito, nesta ocasião, das faíscas que podem ocorrer. , mas ela virá.

O *objeto(a)* de que te falei anteriormente não é um objeto, é o que
possibilita *tetraedrar* esses 4 *discursos*, cada um desses discursos à sua maneira.

E isso é, claro, o que não pode ver - o que não pode ver quem? - coisa curiosa: os analistas,
é que o *objeto(a)*...
não é um ponto que está localizado em algum lugar nos outros 4 ou nos 4 que eles formam juntos
...é a construção, é o matema tetraédrico desses discursos.

A questão, portanto, é esta: de onde são os seres " *acóticos* ", *encarnados* que todos nós somos em várias capacidades,
as maiores presas da incompreensão do meu discurso? É verdade que a pergunta pode ser feita.
Seja *um sintoma* ou não, a coisa é secundária.

Mas o que é muito certo é que teoricamente é no nível do psicanalista que a incompreensão
do meu discurso deve dominar.
E justamente porque é o *discurso analítico*.

Talvez esse não seja o privilégio do *discurso analítico*.
Afinal, mesmo quem fez... quem fez, quem foi mais longe...
que obviamente errou porque não conhecia o *objeto(a)*
...mas quem levou o *discurso do Mestre* mais longe antes de eu *trazer o objeto(a)* ao mundo: Hegel, para nomeá-lo.

Ele sempre nos disse que se havia alguém que não entendia o *discurso do Mestre*, era o próprio Mestre.
Na qual, é claro, permanece na psicologia, porque não há Mestre,
há o *significante-mestre* que o mestre segue da melhor maneira que pode.

Não promove a compreensão do *discurso do Mestre na casa do Mestre* .
É nesse sentido que a psicologia de Hegel é exata.

Também, é claro, seria muito difícil sustentar que a *histórica*, no ponto em que se encontra, ou seja, no
nível do *semblante*, é aí que ela é mais capaz de compreender seu discurso.
Não haveria necessidade da virada de análise sem ela.

Claro, não vamos falar sobre acadêmicos! Ninguém jamais acreditou que eles tiveram a coragem
de apoiar um álbi tão prodigiosamente óbvio quanto toda a *conversa acadêmica* é.

Então, por que os *analistas* deveriam ter o privilégio de serem acessíveis ao que, de seu discurso, é o matema?
Há todas as razões pelo contrário para que se estabeleçam numa espécie de estatuto cujo interesse seja precisamente...
mas não são coisas que se façam num dia
... cujo interesse poderia de fato ser demonstrar o que resulta disso nesses inconcebíveis discursos teóricos
que são aqueles que enchem os diários do mundo psicanalítico.

O importante não está lá.
O importante é estar *interessado*, e sem dúvida tentarei lhe dizer em que *pode consistir esse interesse*.
É absolutamente necessário esgotá-lo em todos os seus aspectos.

Acabo de dar uma indicação do que pode estar envolvido no status do analista no nível do *semblante*,
e, é claro, não é menos importante articulá-la em sua relação com a *verdade*.

E o mais interessante...
é o caso de dizê-lo, é um dos únicos significados que podem ser dados à palavra interesse
...é a relação que esse discurso tem com o gozo. O gozo afinal, *que o sustenta, que o condiciona, que o justifica*, justifica-o muito
precisamente pelo fato de que *o gozo sexual*...

Não gostaria de terminar dando-lhe a idéia de que sei o *que é o homem*.
Certamente há pessoas que precisam que eu jogue este peixinho neles.
Afinal, posso jogar contra eles, porque não conota qualquer tipo de promessa de progresso “...ou pior”.

Posso dizer-lhes que é muito provavelmente isso, de fato, que especifica essa espécie animal: é uma
relação completamente anômala e bizarra com seu gozo. Pode ter algumas pequenas extensões do lado
da biologia, por que não?

O que simplesmente observo é que os analistas não fizeram o menor progresso no referencial biologizante da análise, sublinho isso com
muita frequência. Eles não fizeram o menor progresso lá, pela simples razão de que é exatamente o ponto anômalo ou um gozo, do qual,
coisa incrível, há biólogos há...
em nome disso, desse manco e como amputado o gozo, a própria *castração*, que no homem parece
ter certa relação com a cópula, portanto com a conjunção,
do que biologicamente, mas sem é claro que não condicione absolutamente nada no semblante, o que no homem
resulta, portanto, na conjunção dos sexos...

escrevemos um grande livro sobre isso, que imediatamente recebeu o feliz patrocínio do meu querido camarada
Henry Ey, de quem falei com você com a simpatia que você conseguiu tocar da última vez
...perversão em espécies animais.

Em nome de quê? Que as espécies animais copulam, mas o que nos *prova* que é em nome de algum gozo, perverso ou
não?
Você realmente tem que ser um homem para acreditar que a cópula te faz gozar!

Então há volumes inteiros sobre isso para explicar que tem uns que fazem isso *com ganchos, com suas patas*, e depois tem uns que
mandam uns aos outros coisas, coisas, *espermatozóides* para dentro da cavidade central como *no inseto*, eu acredito.
E então nos maravilhemos: o que eles devem gostar de tais coisas!
Se fizessemos isso com uma seringa no peritônio, seria voluptuoso!
É com isso que acreditamos construir coisas boas.

Considerando que a primeira coisa a abordar é muito precisamente a dissociação, e é óbvio que a
questão, a única questão, a questão muito interessante em suma, é saber como
– algo que podemos, momentaneamente, dizer correlato a essa disjunção do gozo sexual,
– algo que eu chamo de “*lalíngua*”, obviamente tem a ver com algo *real*, mas a partir daí pode levar a *matemas* que nos
permitem construir ciência, então essa, claro, é a questão.

Se olharmos um pouco mais de perto como a ciência é fodida, tentei fazer isso
em um tempo muito pequeno, uma abordagem muito pequena: “*Ciência e verdade*”.

Teve uma vez um coitado, de quem eu era hóspede naquela época, que estava farto de ter me ouvido sobre isso, e afinal é aí que você
pode ver que meu discurso é entendido, ele é o único que ficou doente com isso !
Ele é um homem que se mostrou de mil maneiras como alguém que não é muito forte.

Enfim, não tenho nenhum tipo de paixão pelos deficientes mentais, nisto me distingo de minha querida amiga Maud Mannoni.

Mas como você também conhece pessoas com deficiência mental no Instituto, não vejo por que deveria me mudar. Bem, *Ciência e Verdade* tentaram abordar algo assim.

Afinal, isso pode ser feito com quase nada, essa famosa *ciência*.

Nesse caso explicaríamos melhor como as coisas, a aparência condicionada por um déficit como " *lalíngua* ", podem levar direto para lá.

Então, essas são questões que eu posso abordar este ano. Finalmente, farei o meu melhor, ... *ou pior* !

quinta-feira, 06 de janeiro de 1972

“ *Conversas de Sainte-Anne* ”

[Conteúdo](#)

Não sabemos se *a série* é o princípio da *seriedade*.

No entanto, encontro-me diante dessa questão do que obviamente não posso continuar aqui, o que em outro lugar é definido pelo meu ensino, pelo que é chamado de *meu seminário*.

Nem que seja porque nem todos sabem que eu bato um papo por mês aqui, e como há pessoas que às vezes se incomodam de longe para seguir o que eu digo em outro lugar com esse nome de " *seminário* ", bem, não seria correto, quero dizer com eles, para continuar aqui.

Então, em suma, é uma questão de saber *o que estou fazendo aqui*.

Definitivamente não é bem o que eu esperava.

Sou influenciado por essa afluência, o que significa que aqueles que de fato convoquei para algo chamado “ *O saber do psicanalista* ”, não estão necessariamente ausentes daqui, mas um pouco afogados.

Aos que estão aqui, não sei se ao me referir a este seminário, estou falando de algo que eles sabem. Devem também ter em conta que, por exemplo, desde a última vez - aqueles que encontro aqui estiveram lá - precisamente, eu abri este seminário.

Eu abri, se você for um pouco atento e rigoroso, não pode dizer que pode ser feito de uma só vez.

De fato, foram 2, e por isso posso dizer que abri, porque se não houvesse uma 2ª vez, bem, não haveria. de 1ª

Tem o interesse *de relembrar algo* que apresentei há algum tempo sobre o que se chama *repetição*.

O *ensaio* obviamente só pode começar na 2ª vez, que por acaso é...

do fato de que se não houvesse 2º, não haveria 1º

...que, portanto, é a que inaugura a *repetição* : é a história do 0 e do 1.

Só com o 1 não pode haver *repetição*, então para que haja *repetição*, para que não seja aberto, deve haver um 3º.

. Isto é o que parece que notamos sobre Deus: ele não começa, nós demoramos para notar ou então já o sabíamos desde sempre, mas não foi notado, porque afinal, não podemos jurar nada nesse sentido, mas finalmente meu caro amigo Kojève insistiu muito nessa questão da *Trindade cristã*.

Enfim, obviamente existe um mundo, do ponto de vista do que nos interessa...

e o que nos interessa é analítico

...entre a 2ª vez que foi o que senti que devia sublinhar com o termo “ *nachträglich* ”: *as consequências* .

Obviamente, essas são coisas que não vou retomar - não aqui - exceto no meu seminário, tentarei voltar a elas este ano.

É importante porque é nisso que há um mundo entre o que a psicanálise traz e o que uma certa tradição filosófica trouxe que certamente não é negligenciável, especialmente quando se trata de Platão que bem sublinhou o valor da *díade*. Quero dizer, dela, tudo vai ladeira abaixo.

O que está acontecendo, ele deveria saber, mas ele não disse

Seja como for, não tem nada a ver com o *nachträglich* analítico, a 2ª vez.

Quanto ao 3º cuja importância acabei de sublinhar, não é só para nós que o toma, é para o próprio Deus.

Ao mesmo tempo, e em conexão com uma certa tapeçaria³ que estava exposta no *Musée des Arts Décoratifs*, que era muito bonita, que encorajei fortemente todos a irem ver, vemos *o Pai e o Filho e o Espírito Santo* que foram representados estritamente sob a mesma figura, a figura de um personagem bastante nobre e barbudo, eles eram 3 a s olhando um para o outro faz muito mais impressão do que ver alguém na frente de sua imagem. A partir de 3 começa a ter algum efeito.

3 “ *A criação do mundo* ”, exposição “O Século XVI Europeu, Tapeçarias”. Paris, Mobilier National, de outubro de 1965 a janeiro de 1966.



Do nosso ponto de vista dos sujeitos, o que pode começar no 3 para o próprio Deus?
Esta é uma pergunta antiga que fiz muito rapidamente quando comecei a dar aulas.
Perguntei muito rápido e depois não renovei, vou dizer logo porque: obviamente só a partir do 3 ele
pode acreditar em si mesmo.

Por ser bastante curioso, é uma pergunta que nunca foi feita ao meu conhecimento " *Será que Deus acredita nele?* ".
Seria um bom exemplo para nós. É impressionante que essa pergunta...
que perguntei muito cedo e que não acredito ser inútil
...não levantou, aparentemente, pelo menos, nenhuma comoção, pelo menos entre meus correligionários,
quero dizer, aqueles que aprenderam à sombra da Trindade.

Entendo que para os outros, não os atingiu, mas para esses, realmente, são " *incredulous* ",
não há nada a ver com isso. No entanto, tive lá algumas pessoas notórias da hierarquia que são chamadas de " *cristãos* ".

Surge a questão de saber se é porque eles estão lá dentro...
o que eu acho difícil de acreditar
...que eles não ouvem nada, ou...
o que é muito mais provável
...que eles são suficientemente ateus para que esta pergunta não tenha efeito sobre eles.
Esta é a solução para a qual estou inclinado.

Não se pode dizer que isso é o que chamei há pouco uma garantia de *seriedade*
pois só pode ser ateísmo, de certa forma sonolência, que é bastante difundida.
Em outras palavras, eles não têm a menor ideia da dimensão do ambiente em que há para nadar: flutuam - o que
não é exatamente a mesma coisa - flutuam graças ao fato de estarem de mãos dadas.

Então assim, acaba formando o que se chama de rede, e todos de mãos dadas assim.
Há um poema de Paul Fort nesse gênero lá **4** :

" *Se todas as garotas do mundo - começa assim -
... de mãos dadas, eles poderiam dar a volta ao mundo ...* ".

É uma ideia maluca porque na realidade *as garotas do mundo* nunca pensaram nisso, os garotos por outro lado...

ele fala sobre isso também
...os meninos se dão bem para isso: todos dão as mãos.

Todos estão de mãos dadas, especialmente porque, se não dessem as mãos, todos teriam
que enfrentar a garota sozinhos, e eles não gostam disso.
Eles têm que dar as mãos.

4 Paul Fort: " *La Ronde ao redor do mundo* ".

" *Se todas as garotas do mundo quisessem dar as mãos, ao redor
do mar, elas poderiam dar uma volta.
Se todos os caras do mundo quisessem ser marinheiros,
eles fariam uma bela ponte sobre as ondas com seus barcos.
Para que pudéssemos dar a volta ao mundo, se todos os
caras do mundo quisessem dar as mãos.* »

As meninas são outra questão.

Eles são atraídos para ele no contexto de certos ritos sociais, conferem

As danças e lendas da China antiga, isso é *chique*, isso é até *Chou King* - não *sufocante* - *Chou King*.

Este *Chou King* foi escrito por um homem chamado Granet, que tinha um tipo de gênio que não tem absolutamente nada a ver

– nem com a etnologia, ele foi inquestionavelmente um etnólogo,

– nem com a sinologia, ele era inquestionavelmente um sinólogo,

então o homem chamado Granet argumentou que na China antiga, meninas e meninos competiam em igual número: por que não acreditar nele?

Na prática, no que sabemos hoje:

— os meninos sempre colocam um certo número, mais de dez, pelo motivo que te expliquei *antes [risos]*, porque, estando sozinhos, cada um na frente do seu *cada*, eu te expliquei: é muito cheio de riscos.

'Para as meninas, é outra questão. Como não estamos mais no tempo do *Rei Chou*, eles se agrupam dois a dois, fazem amizade com um amigo, até que, é claro, arrancaram um cara de seu regimento. Sim senhor !

[Risos]

O que quer que você pense sobre isso, e por mais superficiais que essas observações possam parecer para você, elas são fundamentadas, fundamentadas em minha experiência como analista. Quando eles sequestram um cara de seu regimento, eles naturalmente largam o amigo, que, aliás, não está fazendo nada pior por isso.

Sim ! Finalmente tudo isso, deixei-me levar um pouco . Onde eu acho que estou! *[Risos]*

Aconteceu assim uma coisa levando a outra, por causa de Granet e dessa história surpreendente do que se alterna nos poemas de *Chou King* : esse coro de meninos em oposição ao coro de meninas. Deixei-me levar assim a falar sobre minha experiência analítica, sobre a qual fiz um *flash*, isso não é o ponto principal.

Não é aqui que exponho o fundo das coisas.

Mas onde estou, onde penso que estou, para falar em suma, para falar no fundo das coisas.

Quase acredito que estou com seres humanos ou costurado à mão, até!

É assim, é assim que eu os dirijo.

Mas é isso, é falar do meu seminário que me arrebatou. Como afinal você pode ser o mesmo, falei como se estivesse falando com eles, o que me levou a falar como se estivesse falando *de você* e - quem sabe? -

ele treina você para falar como se eu estivesse falando *com você*. O que não era minha intenção de qualquer maneira. *[Risos]*

Não estava em minhas intenções porque, se eu vim falar em Sainte-Anne, foi para falar com psiquiatras, e muito obviamente vocês não são todos psiquiatras. Então, finalmente, o que é certo é que é um ato fracassado.

É um ato fracassado que, portanto, corre o risco de ter sucesso a

qualquer momento, ou seja, pode ser que eu esteja falando com alguém mesmo assim.

Como saber com quem estou falando?

Especialmente porque no final você conta no caso...

embora eu tente

...você conta pelo menos para isso que eu não falo de onde pretendia falar já que pretendia falar no anfiteatro Magnan e falo na capela.

Que história ! Você ouviu ? Você ouviu ? *Estou falando com a capela !*

Esta é a resposta. Falo com a capela, isto é, *com as paredes ! [Risos]* Cada vez mais bem sucedido, o ato fracassado!

Agora sei com quem vim falar: o que sempre falei em Sainte-Anne, nas paredes!

Eu não preciso voltar a isso, é um salário.

De vez em quando, eu voltava com um pequeno título de conferência sobre “ *O que eu ensino...* ” por exemplo, e depois alguns outros, não vou listar. Sempre conversei com as paredes de lá.

X- ...

Lacan - Quem tem algo a dizer?

X - Todos nós devemos sair se você falar com as paredes.

Lacan - Quem... quem está falando comigo aqui? *[Risos]*

X - *As paredes.*

Lacan

É agora que poderei comentar o fato de que falar com paredes interessa a algumas pessoas.

É por isso que eu estava apenas perguntando *quem* estava falando.

É certo que os *muros* no que chamamos, no que chamávamos na época em que éramos honestos, " *um asilo* ", " *o asilo clínico* ", como dissemos, os *muros* mesmo assim, não é nada.

Mas eu diria mais: esta *capela* me parece um lugar extremamente bem feito para tocarmos o que é quando falo das paredes. Esse tipo de concessão de laicidade aos internos:

uma capela com seu conjunto de capelães, é claro.

Não é que ela seja ótima - hein? - do ponto de vista arquitetônico, mas afinal é uma capela, uma capela com a disposição que se espera dela.

Muitas vezes se esquece que o arquiteto, por mais que se esforce para sair disso, foi feito para isso, para construir paredes.

E que as paredes, minha fé...

é, no entanto, muito impressionante que, desde então, o que eu estava falando antes,

ou seja, o *cristianismo*, talvez se incline um pouco demais para o *hegelianismo*

...mas é feito para cercar um vazio.

Como imaginar o que enchia as paredes do Parthenon e algumas outras bugigangas desse tipo das quais ainda temos algumas paredes desmoronadas, é muito difícil saber.

O que é certo é que não temos absolutamente nenhuma evidência disso.

Sentimos que durante todo esse período que identificamos a partir desse rótulo moderno de *paganismo*, havia coisas acontecendo em vários festivais que são chamados *[pagãos]*, mantivemos os nomes do que era porque existem Anais que datam coisas como isto:

" *Foi no grande Panatenaico que Adymante e Glaucon - você sabe o que aconteceu a seguir - conheceram o chamado Céfalos* ".

O que estava acontecendo lá? É absolutamente incrível que não tenhamos a menor ideia!

Por outro lado, quando se trata do vazio, temos muito dele, porque tudo o que nos foi legado, legado por uma tradição que chamamos filosófica, deixa muito espaço para o vazio.

Existe até uma pessoa chamada Platão que fez girar toda a sua *ideia de mundo em torno dela*, é o caso de dizer, foi ele quem inventou " *a caverna* ". Ele fez disso uma *câmara escura* : havia algo acontecendo lá fora, e tudo isso, passando por um pequeno buraco, fez todas as sombras.

É curioso, é aí que podemos ter um fiozinho, um pedacinho de rastro.

É obviamente uma teoria que nos faz sentir o que está envolvido no *objeto(a)*.

Suponha que a caverna de Platão sejam essas paredes onde minha voz é ouvida.

É óbvio que as paredes me fazem *gozar* !

E é disso que todos vocês gostam, e todos, pela participação.

Ver-me a falar nas paredes é algo que não o pode deixar indiferente.

E pense nisso, suponha que Platão tenha sido um estruturalista: ele teria notado o que realmente há na caverna, a saber, que é sem dúvida lá que a linguagem nasceu.

Você tem que reverter o caso, porque é claro que o homem está chorando há muito tempo, como qualquer um dos pequenos animais, finalmente eles grasnam pelo leite da mãe.

Mas para perceber que ele é capaz de fazer algo que é claro que ele já ouviu há muito tempo, no balbúcio, no balbúcio, tudo acontece, mas para escolher, ele teve que perceber

– que os "Ks" ressoem melhor do fundo, do fundo da caverna, da última parede – e que os "Bs"

e os "Ps" brotam melhor na entrada, é daí que vem. .

Estou me deixando levar esta noite, já *que estou falando com as paredes*.

Você não deve acreditar que o que estou dizendo significa que não recebi mais nada de Sainte-Anne. Em Sainte-Anne só consegui falar muito tarde, quer dizer, não me ocorreu a não ser fazer um dever de casa trivial.

Quando eu era chefe de clínica, contava algumas historinhas para os estagiários, foi até aí que aprendi a ter cuidado com as histórias que conto.

Um dia contei a história da mãe de um paciente, um homossexual encantador que eu estava analisando, e não podendo deixar de vê-la chegar - a torcida em questão - ela teve esse grito: "*E eu que achava que ele era impotente !*". Eu conto a história, dez pessoas entre os - não eram apenas estagiários - eles a reconheceram imediatamente!

Só podia ser ela! Você percebe o que é uma pessoa mundana! Foi uma história, é claro, porque fui repreendido por isso, quando não disse absolutamente nada além daquele grito sensacional. Isso me inspirou desde muita cautela para a comunicação de casos. Mas enfim, ainda é uma pequena digressão, voltemos ao tópico.

Antes de falar em Sainte-Anne, na verdade eu fiz muitas outras coisas lá, mesmo que apenas para vir e cumprir minha função lá e, claro, para mim, para meu discurso, tudo começa do.

Porque é óbvio que se *falo com as paredes*, me atraso, que antes de ouvir o que me mandam de volta, que é a minha própria voz pregando no deserto...

é uma resposta à pessoa – [cf. supra, Pessoa X: " Todos nós deveríamos sair se você falar com as paredes "]

...muito antes disso eu ouvi, ouvi coisas que foram absolutamente decisivas, finalmente quem era para mim.

Mas isso é assunto meu.

Quero dizer que as pessoas que estão aqui sob o título de estar entre as paredes, são bem capazes de se fazer ouvir, desde que tenhamos os blushes apropriados!

Para falar a verdade, e prestar homenagem a ela por algo que, em suma, ela pessoalmente não tem nada a ver com isso, é, como todos sabem, em torno dessa paciente que eu alfinetei pelo nome de Aimée...
que não era dele é claro
...que fui sugado pela psicanálise.

Claro que não é só ela.

Houve alguns outros antes e depois ainda há muitos a quem deixo a palavra.

Isso é o que chamamos de minhas "*apresentações doentias*".

Depois, às vezes falo sobre isso com algumas pessoas que participaram desse tipo de exercício...

finalmente esta apresentação que consiste em ouvi-

los, o que obviamente não acontece com eles em todas as esquinas

...acontece que falando sobre isso depois...

com algumas pessoas que estavam lá para me acompanhar, para pegar o que pudessem

...às vezes quando eu falo sobre isso depois, eu aprendo sobre isso, porque não é de imediato, você obviamente tem que afinar sua voz para mandar de volta nas paredes.

É isso que vou tentar talvez este ano, questionar, é a relação de algo a que dou muita importância, ou seja, a *lógica* . .

Aprendi muito cedo o que a lógica poderia tornar "*odiosa ao mundo*".

Foi numa época em que eu praticava um certo Abelardo ⁵ . Deus sabe atraído por não sei que cheiro de mosca!

Eu, lógica, não posso dizer que isso me tornou absolutamente odioso a ninguém, exceto a alguns psicanalistas, porque, apesar de tudo, talvez seja porque consigo "*amortecer*" seriamente seu sentido.

Chego lá com mais facilidade, pois absolutamente não acredito no *bom senso*.

Há significado, mas não há *semelhança*.

Provavelmente nenhum de vocês me ouviria *na mesma linha*.

Além disso, procuro que o acesso a esse *significado* não seja muito fácil, de modo que você deve colocar um pouco seu, que é *uma* secreção saudável e até terapêutica: *segregue* o significado com vigor e verá como a vida fica mais fácil!

⁵ Abélard: "*Odiu mundo me fecit logica: a lógica valeu-me o ódio do mundo*", Cf. "*Pierre Abélard, Correspondance*", de R. Oberson, Hermann, 2007.

É por isso que eu percebi a existência do *objeto(a)* do qual cada um de vocês tem potencialmente o germe.
O que constitui sua força, e ao mesmo tempo a força de cada um de vocês em particular,
é que o *objeto(a)* é completamente estranho à questão do *significado*.

O significado é uma pequena pintura adicionada a este *objeto(a)* com o qual cada um de vocês tem seu apego particular. Não tem nada a ver, nem com *sentido* nem com *razão*.

A questão em pauta é o que a razão tem a ver com o que, enfim devo dizer que *muitos estão inclinados a reduzi-la a "resson"*.
Escreva: *r.é.son* Escreva, me faça feliz.
É uma grafia de Francis Ponge que, sendo poeta e sendo o que é, um grande poeta, não é inteiramente desprovido de que devemos nesta questão levar em conta o que ele nos diz.
Ele não é o único.

Esta é uma questão muito séria, que só vi formulada seriamente - fora este poeta - ao nível dos matemáticos, nomeadamente, qual a razão...

que nos contentaremos por ora em compreender que ela parte do aparato gramatical
...tem a ver com algo que se imporia, não quero dizer *intuitivo*...
porque isso seria cair na ladeira da intuição, ou seja, de algo *visual*
...mas com algo precisamente *ressonante*.

O que *ressoa* é a origem do " *res* ", daquilo que fazemos realidade?
Essa é uma questão que toca, muito propriamente falando, *em tudo* o que *pode ser extraído da linguagem em nome da lógica*.
Todo mundo sabe que não é o suficiente e que levou algum tempo...
poderíamos ter previsto isso por um tempo, já que Platão precisamente
...trazendo a matemática em jogo.

E é aí, é aí que surge a questão de onde centrar esse *real* a que a interrogação lógica nos faz recorrer e que por acaso está no nível matemático.

Há matemáticos para dizer

– que não se pode focar nessa junção dita formalista, essa junção lógico-matemática, – que há algo além, ao qual,
afinal, todas as referências intuitivas apenas prestam homenagem
que acreditávamos poder, essa matemática, purificar, ... e que
buscam além, a que *razão* - *re.reson* - *recorrer* para aquilo de que se trata, a saber, o *Real*.
Não é esta noite, claro, que poderei abordar a coisa.

O que posso dizer é que por um certo viés, que é o de uma lógica, que eu consegui...
numa *viagem* que, a partir da minha doente Aimée, terminou no penúltimo ano de *seminário*
Estado sob o título de " *quatro discursos* ", para os quais converge o crivo de uma certa *atualidade*
...que eu poderia, desta forma - o que fazer? - dê pelo menos o motivo das paredes.

Porque quem mora lá dentro desses muros, desses muros, os muros do manicômio,
convém saber que o que situa e define o *psiquiatra* como tal é sua situação em relação a esses muros, esses muros pelos quais
o secularismo se fez uma exclusão da loucura e do que isso significa.

Isso só pode ser abordado por meio de uma análise do discurso.

Para dizer a verdade, a análise foi feita tão pouco antes de mim, que é verdade dizer que nunca houve por parte dos psicanalistas a menor discordância que surgiu no lugar da posição do psiquiatra.

E, no entanto, em meus " *Escritos* ", vemos reunido algo que fiz ouvir antes de 1950 sob o título de " *Propos sur la causalité psychique* ", levantei-me contra qualquer definição de doença mental que dessa construção fizesse de uma aparência que, para para identificar-se a partir do " *organodinamismo* ", no entanto omitiu inteiramente o que está envolvido na segregação da doença mental, a saber, algo que é o Outro, que está ligado a um certo discurso, aquele que eu defino do *discurso do Mestre*.

No entanto, a história mostra que ele viveu este discurso durante séculos de forma proveitosa para todos,
até certo desvio em que se tornou, devido a um *pequeno deslocamento* que passou despercebido pelos próprios interessados, que o especifica, portanto, como " o *discurso do capitalista* ", do qual não teríamos nenhuma ideia se Marx tivesse não se empenhou em completá-lo, em dar-lhe *seu sujeito* : o *proletário*.

Graças ao qual o *discurso do capitalismo* floresce onde quer que reine a forma marxista de Estado...

O que distingue o *discurso do capitalismo* é isso: a *Verwerfung*, a *rejeição*, a *rejeição fora de todos os campos do simbólico* com o que já disse que isso tem como consequência. Rejeição de *quê* ? De *castração*.

Qualquer ordem, qualquer discurso que cheire a capitalismo deixa de fora o que chamaremos simplesmente de coisas do amor, meus bons amigos. Você vê que, hein, não é nada!

É por isso que dois séculos depois deste slide...
vamos chamá-lo de " *calvinista* ", afinal por que não?
...a castração finalmente fez sua entrada irruptiva na forma de *discurso analítico*.

Naturalmente o *discurso analítico* ainda não foi capaz de dar sequer um esboço de sua articulação, mas ao final multiplicou sua metáfora e notou que dela saem todas as metonímias.

Isso em nome do que...
carregado por uma espécie, uma espécie de *alvorço* que ocorreu em algum lugar do lado dos psicanalistas
...Fui levado a introduzir o que era óbvio na novidade psicanalítica, a saber, que era uma questão de *linguagem* e que era um novo *discurso*.

Como eu lhe disse, finalmente o *objeto(a) em pessoa*, ou seja, essa posição em que não se pode nem dizer que o psicanalista está carregando a si mesmo: ele é carregado para lá, é carregado por seu analista. A pergunta que estou fazendo é: como um analisando pode querer se tornar um psicanalista. É impensável!

Eles chegam lá...
como as bolas de certos jogos de *tric-trac*
assim que você conhece bem, que acabam caindo na coisa
...eles chegam lá sem ter a menor ideia do que está acontecendo com eles. Finalmente, uma vez que eles estão lá, eles estão lá, e há nesse momento, mesmo assim, algo que desperta, por isso propus o estudo disso.

Seja como for, no momento em que se deu esse turbilhão entre os mármore, não se pode dizer com que alegria escrevi esta " *Função e campo da fala e da linguagem* ".

Como é que eu acolho assim...
entre todos os tipos de outras coisas sensatas
...uma espécie de epígrafe tipo ritornello, que você encontrará em... basta olhar a parte IV, pelo que me lembro, algo que encontrei em um almanaque, chamava-se: *Paris no ano 2000*.

Não é sem talento! Não é sem talento que nunca mais ouvimos falar no nome do cara, cujo nome estou citando - estou sendo honesto - e quem está contando essa coisa que não... bem quem vem aqui nessa história de " *Função e campo*... " como cabelo na sopa, começa assim:

" *Entre o homem e a mulher há amor,
Entre o homem e o amor...*

Você nunca notou, hein, aquela coisa na coisa dele!

... *existe um mundo*.
Entre o homem e o mundo há um muro. [Antoine Tudal em " Paris *no ano 2000* "]

Veja bem, eu tinha planejado o que vou dizer a você esta noite: " *Falo com as paredes !* ". Você vai ver, não tem nada a ver com o próximo capítulo [*risos*], mas eu não pude resistir.

Como aqui falo para as paredes, não ensino, então não vou dizer o que em Jakobson é suficiente para justificar que essas seis linhas de doggerel ainda sejam poesia, poesia proverbial, porque ronrona:

" *Entre um homem e uma mulher existe amor...*

- Mas é claro ! Só existe isso, mesmo!

...Entre o homem e o amor, existe um mundo...

É sempre o que dizemos: " *há um mundo* ", assim " *há um mundo* " significa: *Você! você nunca vai chegar lá!*

Casualmente, no início: " *Entre o homem e a mulher, existe o amor* ", quer dizer que [Lacan bate palmas] ele gruda, um mundo que flutua, hein!

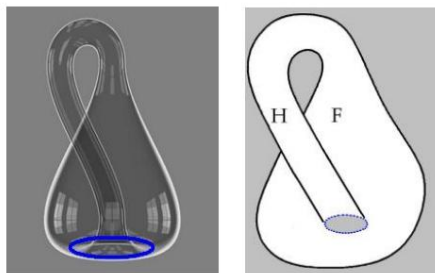
Mas com " *há uma parede* " então você entendeu que " *entre* " significa " *interposição* ".

Porque é muito ambíguo, o " *entre* ".

Em outro lugar, em meu seminário, falaremos sobre *mesologia*, o que funciona *entre*,

mas aí estamos na *ambiguidade poética* e é preciso dizer, vale a pena.

Resson! Apague o som! [da pintura] Amor.



O amor está ali: ali está o círculo [em azul]. Bom !

O que acabei de traçar para você ali no quadro, esse quadro giratório, é uma forma como qualquer outra de representar a *garrafa de Klein*.

É uma superfície que tem certas propriedades topológicas que aqueles que não estão informados sobre ela vão descobrir, *é muito semelhante a uma tira de Moebius*, ou seja, simplesmente o que se faz torcendo uma pequena tira de papel, e enfiar a coisa depois de uma inversão de marcha.

Só que ali faz um tubo, é um tubo que em determinado lugar vira de cabeça para baixo.

Não quero dizer que é a definição topológica da coisa, é uma forma de imaginar que já usei bastante para algumas das pessoas que estão aqui saberem do que estou falando.

Então você vê, como de qualquer forma a hipótese é que entre o *homem* e a *mulher* deveria haver, como Paul Fort estava dizendo antes, *um círculo*, então eu coloquei o *homem* à esquerda, pura convenção, a *mulher* da direita, eu poderia ter feito o contrário.

Vamos tentar ver topologicamente o que eu gostei nesses seis versos de Antoine Tudal para nomeá-lo.

" *Entre o homem e a mulher, existe o amor* ".

Ele se comunica a todo vapor. Aí, você vê, circula!

Coloca-se em comum, o fluxo, o influxo e tudo o que você acrescenta quando é obsessivo, por exemplo a oblatividade, essa invenção sensacional do obsessivo.

Bom ! Então o amor está lá: o pequeno círculo, o pequeno círculo *que está em toda parte*, exceto que há um lugar onde ele vai virar, e realmente!

Mas vamos nos ater ao primeiro compasso: entre o homem (à esquerda), a mulher (à direita), existe o *amor*, é o pequeno círculo.

Esse personagem cujo nome eu te disse era Antoine, não acredite que eu nunca digo uma palavra demais, é para te dizer que ele era homem, para que ele veja as coisas do seu lado.

Vamos ver o que vem a seguir...

como podemos escrevê-lo

...o que haverá entre o homem, isto é, ele, o " *poeta* "...

o " *pouet de Pouasie* ", como disse o querido Léon-Paul Fargue

... o que há entre ele e o amor?

Serei obrigado a voltar para o conselho?

Você viu que era um exercício um pouco instável.

Bom ! Bem, de jeito nenhum, de jeito nenhum... porque mesmo assim, do lado esquerdo, ocupa todo o espaço. Então *o que há entre ele e o amor* é justamente o que está do outro lado, ou seja, *é a parte certa do diagrama*.

" *Entre o homem e o amor existe um mundo* "

Ou seja, cobre o território primeiramente ocupado pela *mulher*, onde escrevi F na parte direita. É por isso que aquele que chamaremos *de homem* de vez em quando, ele imagina que " *conhece* " o mundo - no sentido bíblico assim - que ele " *conhece* " o mundo, ou seja, simplesmente esse tipo de *sonho de conhecer* que vem lá em vez do que estava lá neste pequeno diagrama, marcado com o F para a mulher.

O que nos permite ver topologicamente exatamente o que está envolvido é que então quando nos dizem: " *entre o homem e o mundo* " este mundo substituiu a volatilização do parceiro sexual...

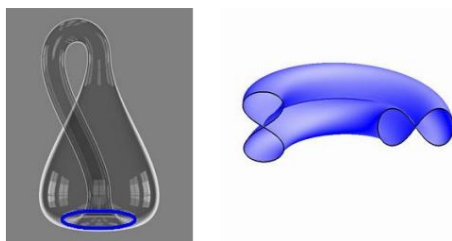
como isso aconteceu, é o que veremos a seguir

... bem, " *há um muro* ", ou seja, o lugar onde ocorre essa cúspide , essa *cúspide* que um dia apresentei como significando a junção entre *verdade e conhecimento*. Eu não disse que foi cortado, *é um poeta da Papua* que diz que é um muro.

Não é *um muro* : é simplesmente *o lugar da castração*.

Isso significa que o *conhecimento* deixa intacto o campo da *verdade* e vice-versa.

Só o que você tem que ver é que *essa parede está em todo lugar*, porque é isso que define essa superfície, é que o *círculo ou a cúspide*, digamos o círculo já que eu representei ele por um círculo, ele é homogêneo em toda a superfície.



É até por isso que você estaria errado em representá-lo para si mesmo como uma superfície intuitivamente representável.

Se eu te mostrasse logo o tipo de corte que é suficiente para *volatilizar* essa superfície...

como específico, definido topologicamente

... *volatilizá* -lo instantaneamente, você veria que não é uma superfície que se representa, mas que é algo que é definido por certas *coordenadas*...

vamos chamá-los se você quiser, *vetor*

...tal que em cada um dos pontos da superfície a *cúspide* está sempre lá, em cada um de seus pontos.

De modo que, quanto à relação entre *o homem e a mulher* e tudo o que dela resulta em relação a cada um dos parceiros, ou seja, sua posição e seu saber, a *castração* está em toda parte.

Ame, ame, deixe se comunicar, deixe fluir, deixe se fundir, deixe *ser amor*, o que!

Amor, o bem que a mãe quer para o filho, o " (a)muro ", basta

colocar o (a) entre parênteses para encontrarmos o que encontramos com o dedo todos os dias: é que mesmo *entre* a mãe e o filho, a relação que a mãe tem com a *castração*, isso conta um pouco!

Talvez, para ter uma ideia saudável do que está envolvido no amor, talvez devêssemos partir do fato de que, quando se joga, mas seriamente entre um homem e uma mulher, é sempre com a questão da castração.

Isso é que é *castrar*. E o que passa por esta procissão de *castração* é algo que tentaremos abordar por caminhos um pouco rigorosos: só podem ser tão *lógicos*, e até *topológicos*.

Aqui falo para as paredes ou mesmo para os " (a)murs " e para os (a)murs-ments, noutro local procuro informar sobre isso.

E seja qual for o uso das paredes para manter a forma da voz, é claro que as paredes, não mais do que o resto, podem ter qualquer suporte intuitivo, mesmo com toda a arte do arquiteto à mão. .

Curiosamente, quando defini esses 4 *discursos*, dos quais falava anteriormente e que são tão essenciais para identificar o que, faça o que fizer, você sempre é de alguma forma os *sujeitos*, e os *sujeitos*, quero dizer " *supostos* ", supostos o que acontece *com um* *significante* do qual fica claro que ele é o *mestre do jogo*, e que você não é um deles...

em relação a algo que é outro, para não dizer o Outro

...que você é apenas o *suposto*. Você não dá *significado* a isso, você não tem o suficiente para si mesmo, mas você dá um corpo a esse *significante* que representa você, o *significante-mestre* !

Bem, o que você está aí, *sombras de sombras*, não imagine essa *substância*,
que é o sonho de sempre atribuir a você, ou algo diferente desse gozo do qual você está cortado.

Como não ver o que há de semelhante nessa invocação "*substancial*" e nesse mito incrível, do qual o próprio Freud fez o reflexo, do *gozo sexual* que é de fato esse *objeto* que corre, que corre como no jogo do furão, mas cujo status não só se pode afirmar precisamente como estatuto supremo: ele é o *supremo* de uma curva à qual dá o seu sentido, e precisamente também *cujo supremo* escapa.

E é ao poder articular a gama *de prazeres* entre aspas "*sexuais*" que a psicanálise dá seu passo decisivo.

O que ela demonstra é justamente que o gozo que se poderia chamar *sexual*...

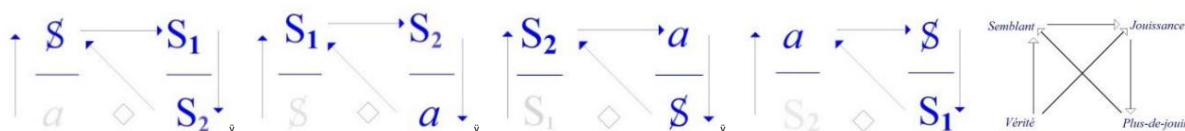
que não seria da aparência do sexo

...aquele está marcado com o índice...

nada mais até novo aviso

...do que só se diz, do que se anuncia, só a partir do índice de *castração*.

As *paredes*, antes de ganhar status, ganhar forma, é *lógico* que eu as reconstrua:



Estes S, S1, S2 e este que eu fiz - para você *por* alguns meses - brinquedo, é tudo igual a parede.

Atrás do qual, é claro, você pode colocar o significado do que nos preocupa, do que acreditamos saber o que significa: *verdade e aparência, gozo, o maior gozo*.

Mas mesmo assim, em relação ao que também não precisa de paredes para ser escrito, esses termos como 4 pontos cardeais em relação aos quais você tem que situar o que você é, bem poderia, afinal, o psiquiatra perceber que as paredes às quais está ligada por uma definição de discurso...

Porque ele tem que lidar com o quê? Não é outra doença senão aquela que é definida pela lei de 30 de junho de 1838, a saber: "*alguém perigoso para si e para os outros*".

É muito curioso essa introdução do perigo no discurso em que se baseia a ordem social.

Qual é esse perigo?

– "*Perigoso para si*", enfim, a sociedade vive apenas disso,

– e "*perigoso para os outros*" Deus sabe que toda liberdade é deixada a todos neste sentido.

Quando vejo protestos sendo levantados nos dias de hoje contra o uso que fazemos...

chamar as coisas pelo nome e ir rápido, é tarde

...nos asilos da URSS, ou algo que deve ter um nome mais pretensioso, para se abrigar lá, dizem os opositores, mas é bastante óbvio que são perigosos para a ordem social em que vivem.

O que separa, que distância, entre a maneira de abrir as portas do hospital psiquiátrico em um lugar onde o *discurso capitalista* é perfeitamente coerente consigo mesmo, e em um lugar como o nosso onde ainda está em sua infância?

A primeira coisa que os psiquiatras podem ser...

se houver alguns aqui

...poderiam receber, não digo pela *minha palavra*, que nada tem a ver com o assunto, mas *pelo reflexo* da minha voz nestas paredes, é saber antes de tudo o que os especifica como psiquiatras.

Isso não os impede, dentro dos limites dessas paredes, de ouvir outra coisa além da minha voz.

A voz por exemplo, de quem lá está internado, pois afinal isso pode levar a algum lugar, até se ter uma boa ideia do que se trata do *objeto(a)*.

Por que não ?

Compartilhei com vocês, esta noite, algumas reflexões, e claro que são reflexões às quais minha pessoa como tal não pode ser desvinculada. Isso é o que eu mais odeio nas outras pessoas.

Afinal, entre as pessoas que me ouvem de vez em quando e que são chamadas para isso - Deus sabe por quê - "meus alunos", não se pode dizer que eles se privam de refletir.

A parede sempre pode ser " *muroir*".

Deve ser por isso que voltei assim, para contar coisas a Saite-Anne.

Não é propriamente delirar, mas mesmo assim essas paredes, guardei algo no meu coração.

Se eu posso, com o tempo, ter conseguido *construir*...

com meu *S riscado* [S],

meu *índice* S 1 [S1],

meu *índice* S 2 [S2],

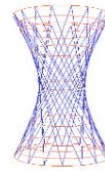
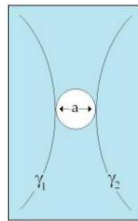
e o

objeto(a), ...o "ressoar" do ser...

por mais que você escreva

... talvez você não tome o *reflexo* da minha voz nestas paredes como uma mera *reflexão* pessoal .

[o som do que está errado com a razão]



Quinta-feira, 3 de fevereiro de 1972

" Conversas de Sainte-Anne "

Conteúdo

Vou, portanto, continuar um pouco sobre o tema do *Saber do Psicanalista*.
Só faço aqui no parêntese que já abri, nas duas primeiras vezes.

Eu disse-te que foi aqui que aceitei...
a pedido de um dos meus alunos
...para falar novamente este ano pela primeira vez desde 63.

Disse-vos da última vez algo que se articulava em harmonia com o que nos rodeia: " *Falo às paredes !* ".

É verdade que comentei sobre esse assunto: um certo diagramazinho, aquele tirado *da garrafa de Klein*, que era para tranquilizar aqueles que, por essa fórmula [" *falo às paredes* "], podiam se sentir excluídos.

Como já expliquei há muito tempo, o que é endereçado às paredes tem a propriedade de reverberar.
O fato de eu falar com você assim indiretamente certamente não foi feito para ofender ninguém,
pois afinal, pode-se dizer que isso não é um privilégio do meu discurso!

Hoje eu gostaria de lançar alguma luz sobre esta parede...
que não é uma metáfora em tudo
... esclarecer o que posso dizer em outro lugar.

Porque obviamente, será justificado, para falar de *Conhecimento*, que não é no meu seminário que o faço.
Na verdade, não é qualquer assunto, mas o *saber do psicanalista*. Então !

Para introduzir um pouco as coisas, para sugerir uma dimensão a alguns, espero, direi: que não podemos
" *falar de amor* "...
como dizemos, se não de forma imbecil ou abjeta, o que é um agravante: " *abjeto* " é como
falamos sobre isso na psicanálise
...para que não possamos " *falar de amor* ", mas que possamos *escrever* sobre ele: deve bater.

A letra, a *letra* " *d'(a)mur* "...
para acompanhar essa baladinha em seis linhas que comentei aqui da última vez
...é claro que teria que morder o rabo, e que se começar:

" *Entre o homem...*
ninguém sabe o que é
Entre o homem e o amor, existe a mulher .

e então, como você sabe, continua...
Eu não vou fazer isso de novo hoje
...e deve terminar no final, no final tem a parede:

" *Entre o homem e a parede, há ...* "

...precisamente a *(a)parede*, a carta de amor.

O que há de melhor no que bate em algum lugar, esse ímpeto curioso que chamamos de *amor*, é a *letra*.
É a *carta* que pode assumir formas estranhas.

Tem um cara assim, 3000 anos atrás, que certamente estava no auge de seus sucessos, seus sucessos *no amor*,
quem viu aparecer algo na parede que eu já comentei...
eu não vou levá-lo de volta
...« *Mené, Mené...* » - que ça se disait - « *...Tékel, Upharsîn.* » __
o que normalmente - não sei porquê - articulamos: " *Lé, Thécel, Pharès* ".⁶

⁶ Na parede de seu palácio, Balthazar, o último rei da Babilônia viu inscritos em letras de fogo, três advertências: "Lead - Thécel - Pharès",
" *Lead - Tekel - Parsin* " em hebraico, significando: " *pesado, julgado e condenado* ". O profeta Daniel traduziu: " *Seus dias estão contados, você foi achado leve demais na balança, seu reino será dividido* ". A Bíblia : O Livro de Daniel, V, 25 a 28.



Quando a *carta de amor* chega até nós...

Porque, como já expliquei algumas vezes, as cartas chegam sempre ao seu destino, felizmente chegam tarde demais, além de serem raras.

Acontece também que chegam a tempo: são os raros casos em que não faltam às consultas. Não há muitas vezes na história onde isso aconteceu, como algum Nabucodonosor.

Como introdução, não vou levar a coisa adiante, mesmo que isso signifique retomá-la. Porque esta (a) *parede*, como apresento a vocês, não é muito divertida.

Mas não posso me sustentar a não ser me divertir, diversão séria ou cômica: o que expliquei da última vez foi que a diversão séria aconteceria em outro lugar, em um lugar onde eu fosse abrigo, e que para aqui reservei as diversões cômicas.

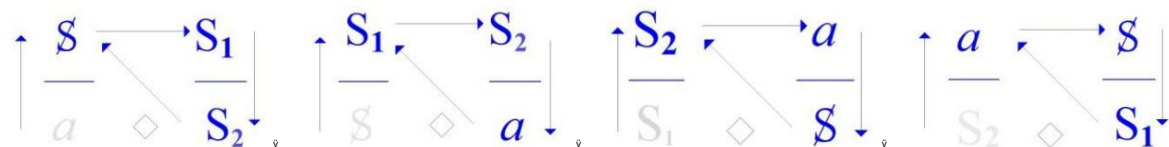
Não sei se estarei bem esta noite, talvez por causa dessa anotação na *carta de (a)mur*. Mesmo assim, vou tentar.

Expliquei há 2 anos algo que, *uma vez passado assim da maneira grande e inútil*, levou o nome de *quadrípode*. Fui eu que escolhi esse nome e você só pode se perguntar por que lhe dei um nome tão estranho: por que não "*quadripede*" ou "*tetrápode*", teria a vantagem de não ser bastardo.

Mas na verdade me perguntei isso enquanto escrevia, mantive, não sei por quê, depois me perguntei como na minha infância chamavam *esses termos bastardos* assim: *meio latinos, meio gregos*. Tenho certeza de que sabia como os puristas chamam, e depois esqueci 7 .

Alguém aqui sabe designar termos compostos, por exemplo , por um elemento latino e um elemento grego, como a palavra "*sociologia*" ou "*quadrápode*"? Eu imploro, quem souber, emita! Bem, isso não é encorajador!

Porque desde ontem - ontem, quer dizer anteontem - comecei a procurá-lo e como nem sempre o encontrava, desde ontem telefonei para cerca de dez pessoas que me pareceram as mais propícias a dar-me esta resposta. Bem, bem, muito ruim!



Meu "*quadripé*" em questão, eu os chamo assim para dar a ideia de que você pode sentar neles...

história, desde que eu estava na mídia de massa 8, para tranquilizar as pessoas

...mas na realidade, eu explico dentro disso sobre o que isolei dos 4 *discursos* : esses 4 *discursos* resultam da emergência do último que vem, do *discurso do analista*.

7 Isidoro chama os híbridos greco-latinos de "*notha*", de um termo grego que significava: "*bastardo pela mãe*". Mas aqui é um híbrido latino-grego.

Ver "*Bilingualism and Greco-Latin grammatical terminology*" de Louis Bassett..., ed. Pedro, 2007.

8 Cf. "*Radiofonia*", em *Scilicet* N°2-3, pp. 55-99, Seul 1970.

O discurso do analista traz...

em um certo estado atual de pensamentos

...uma ordem que lança luz sobre outros discursos que surgiram muito antes.

Eu os organizei de acordo com o que é chamado de topologia.

Uma topologia muito simples, mas que não deixa de ser uma topologia, no sentido de que pode ser matematizável.

E é assim da forma mais rudimentar, ou seja, que se baseia no agrupamento de não mais de 4 pontos que chamaremos de "mônadas".

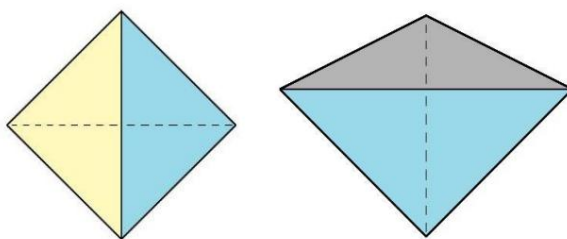
Não parece muito, mas está tão fortemente inscrito na estrutura do nosso mundo

que não há outra base para o fato do espaço em que vivemos. Observe isso: que colocar 4 pontos equidistantes um do outro é o máximo que você pode fazer em nosso espaço.

Você nunca colocará cinco pontos equidistantes um do outro.

Esta pequena forma que acabei de recordar aqui, está aí para fazer você sentir do que se trata: se os *quadripodes* não são *tetraedros*, mas *tétrades*, que o número de vértices seja igual ao de superfícies está ligado a essa mesma "aritmética triângulo" que desenhei no meu último seminário [19-01-1972].

Como você pode ver, sentar não é fácil: nem um nem outro.



Você está acostumado com a posição da esquerda, então nem sente mais, mas a da direita

não é mais confortável: imagine-se sentado em um tetraedro apoiado em sua ponta.

É, no entanto, a partir daí que devemos partir para tudo o que está envolvido no que constitui esse tipo de base social que se baseia no que se chama de *discurso*. E foi isso que eu realmente avancei no meu penúltimo seminário.

O tetraedro - para chamá-lo pelo seu aspecto atual - tem propriedades curiosas: é que se não for assim, regular...

a distância igual existe apenas para lembrá-lo das propriedades do número quatro, no que diz respeito ao espaço

...se for arbitrário, é estritamente impossível para você definir uma simetria aí.

No entanto, tem esta particularidade que se os seus lados, ou seja, estas pequenas linhas que você vê que unem o que se chama de *vértices em geometria*, se essas pequenas linhas você as vetoriza, ou seja, você marca ali de uma maneira, você só tem que assumir que nenhum dos picos será privilegiado a partir disso...

o que seria necessariamente um privilégio, pois se acontecesse,

haveria pelo menos dois que não poderiam se beneficiar dele

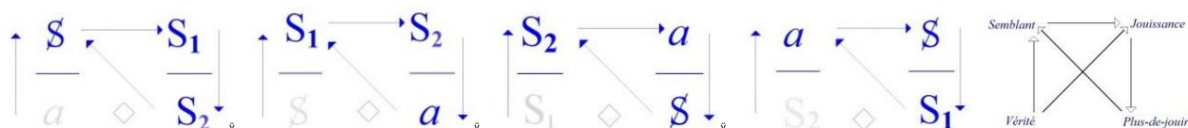
...então se você perguntar:

- que em nenhum lugar pode haver convergência de três vetores, -
- nem em qualquer lugar divergência de três vetores do mesmo vértice,

você então necessariamente obtém a distribuição:

- duas chegadas, uma partida,
- duas chegadas, uma partida,
- uma chegada, duas partidas,
- uma chegada, duas partidas.

Isso quer dizer que todos os ditos *tetraedros* serão estritamente equivalentes, e que em qualquer caso você pode excluindo um dos lados, obtenha a fórmula pela qual esquematizei meus 4 discursos :



De acordo com isso que tem uma propriedade, de um dos *vértices* : a divergência, mas sem nenhum vetor que chegue para alimentá-la, mas que inversamente, ao contrário, você tem esse caminho triangular. Isso é suficiente para nos permitir distinguir, em qualquer caso, por um personagem absolutamente especial, esses quatro pólos que enuncio a partir dos termos Verdade , *Semblante*, gozo e Mais *-de-jour*.

Esta é a topologia fundamental da qual toda função da *fala* surge e merece ser comentada.

É, de fato, uma questão que o *discurso do analista* está bem apto a levantar, saber qual é a função da fala.

"*Função e campo da fala e da linguagem...* ", foi assim que apresentei o que nos levaria a este ponto presente da definição de um novo *discurso*. Certamente não que esse *discurso* seja meu: no momento em que falo com você, esse *discurso* está de fato estabelecido há quase três quartos de século.

Não é uma razão porque o próprio analista é capaz, em certas zonas, de recusar o que digo sobre isso, que ele não seja o suporte desse *discurso*. E na verdade " *ser um suporte* " só ocasionalmente significa " *ser suposto* ". Mas que esse *discurso* possa ganhar sentido a partir da própria voz de alguém que está ali - este é o meu caso - tanto um sujeito como qualquer outro, é precisamente o que merece que nos detenhamos por aí, para saber de *onde* é tirado este sentido.

Para ouvir o que acabo de expor, a questão do sentido, claro, pode parecer para você não colocar nenhum problema, quero dizer que parece que o *discurso do analista* pede interpretação suficiente para que a questão não se coloque.

De fato, em um certo rabisco analítico, parece que se pode ler...
e não é surpreendente, você verá porque

...todos os " *significados* " que queremos até os mais arcaicos, quero dizer ter aí como o eco, a repetição sem fim do que, desde as profundezas dos tempos, nos chegou sob este termo " *significado* ", em formas das quais deve-se dizer que apenas sua superposição faz sentido.

Pois como devemos entender qualquer coisa do simbolismo usado na Sagrada Escritura, por exemplo? Aproximando-o de uma mitologia, seja ela qual for, todos sabem que se trata de uma espécie de deslize mais enganoso. Ninguém, por um tempo, pára por aí. Que quando estudamos com seriedade o que está envolvido nas mitologias, não é ao seu significado que nos referimos, é à combinatória dos mitemas. Refira-se a isso a obras das quais não tenho, creio, de lhe mencionar mais uma vez o autor. A questão é, portanto, saber de *onde vem*, o " *sentido* ".

Eu servi...

porque era preciso

...Eu usei...

introduzir o que está envolvido no *discurso analítico*,

... Usei sem escrúpulos a chamada *clarificação linguística*.

E *para temperar o ardor* que ao meu redor poderia ter despertado cedo demais, feito você voltar ao lodo comum, lembrei que algo não se sustentava...

digna do título de " *linguística* " como ciência

. nunca...

porque só tínhamos feito isso por séculos

...nunca mais, nem remotamente, alude à *origem da linguagem*. Foi, entre outras coisas, uma das palavras de ordem que dei a esta forma de introdução que se articulava pela minha fórmula " *O inconsciente estrutura-se como uma linguagem* ".

Quando digo que foi para evitar que meu auditório voltasse a um certo equívoco turvo, não sou eu que uso esse termo, é o próprio Freud, e especificamente em relação aos chamados arquétipos " *junguianos* ", isso certamente não é levantar agora essa proibição: não se trata de especular sobre alguma *origem da linguagem*, eu disse que se trata de formular a *função da fala*.

A *função do discurso* - eu propus isso há muito tempo - *é ser a única forma de ação que se apresenta como verdade*. O que é isso, não aquele *discurso*, é uma pergunta supérflua, não só eu falo, você fala e até ele fala como eu disse vai por si só, é um fato, eu diria até que é a origem de todos os fatos, porque qualquer coisa só assume o nível de fato *quando é dita*.

Deve-se dizer que eu não disse " *quando se fala* ", há algo distinto entre *falar* e *dizer*.

Uma palavra que funda o fato, *que* é um dizer, mas a palavra funciona mesmo quando não funda nenhum fato: quando ordena, quando reza, quando insulta, quando expressa um desejo, não funda nenhum fato.

Podemos hoje aqui...

não são coisas que eu produziria lá, em outro lugar
onde felizmente eu digo coisas mais sérias

...aqui porque está envolvido nessa seriedade, eu sempre desenvolvo mais na vanguarda,
e sempre me mantendo na dita vanguarda como no meu último seminário...

Espero que da próxima vez haja menos pessoas: não foi engraçado
...mas finalmente aqui podemos rir um pouco, é diversão cômica.

No reino da diversão cômica, não é à toa que nos desenhos animados eles descobrem para você em banners: a fala é como
onde sai... papel ou não!

Não é à toa que estabelece a dimensão da *verdade*, porque a *verdade*, o real, a *verdade real*,
a *verdade* é que começamos a vislumbrá-lo apenas com o *discurso analítico*, é que o que esse
discurso revela a todos, que simplesmente se engajam nele de maneira *axante* como analisando, é que...

desculpe-me repetir este termo, mas desde que comecei, não o abandono
...está ficando duro...

é assim que eu chamo lá, place du Panthéon !
...é só *ficar de pau duro*, não tem nada a ver com *sexo*, não com o *outro* mesmo!

Ficar de pau duro - estamos aqui entre paredes - " *ficar de pau duro para uma mulher* ", você ainda tem que chamar
isso pelo nome, isso significa dar a ela a função, isso significa tomá-la como um *falo*. Não é nada o *falo* !

Já te expliquei, lá onde é grave, já te expliquei o que faz.

Eu lhe disse que " a *significação do falo* " é o único caso de um genitivo totalmente equilibrado, isso
significa que o *falo*...

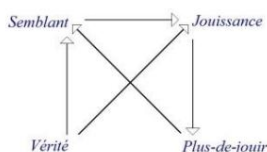
era isso que estava explicando para você esta manhã, estou dizendo que para aqueles que estão um pouco informados
... é o que Jakobson estava explicando a você esta manhã:
o *falo* é *significação*, é o que a *linguagem* *significa*. Há apenas uma *Bedeutung*, é o *falo*.

Vamos partir desta hipótese, ela nos explicará amplamente toda a função da *fala*.
Porque nem sempre é aplicado para denotar fatos...

isso é tudo que ela pode fazer, não denotamos coisas, denotamos fatos
...mas é por acaso, de vez em quando.

Na maioria das vezes, compensa o fato de que a *função fálica* é justamente o que significa que no homem existem apenas
as relações que você sabe que são ruins entre os sexos.

Enquanto em todos os outros lugares, pelo menos para nós, parece estar indo " *na cara* ".



Então é por isso que no meu pequeno quadrilátero você vê no nível da *verdade* 2 coisas, 2 vetores que divergem:

- que exprime aquele *gozo*, que está na extremidade do ramo direito, é certamente *gozo fálico*, mas que não se pode dizer que seja *gozo sexual*,
- e que para que qualquer um desses animais engraçados, aqueles que são presas da fala, seja mantido, deve haver esse polo aí, que é correlativo ao polo do *gozo* como obstáculo à relação sexual: é esse polo que eu designo do *semblante*.

Fica claro também para um parceiro, enfim, se nos atrevemos, como se faz todos os dias, a fixá-los em seu sexo, é impressionante que o homem goste da mulher, *finja*, cada um, nesse papel.
Mas no final, são histórias que eles dão um ao outro.

Mas o importante pelo menos quando se trata da *função da fala* é que os polos estejam definidos:

- o da *aparência*,
- e a do *gozo*.

Se houvesse no homem...

o que imaginamos de graça

...que há um gozo específico da polaridade sexual, isso seria conhecido! Pode ter sido conhecido, eras inteiras se gabaram disso e afinal temos muitos testemunhos, infelizmente puramente esotéricos, de que houve momentos em que realmente achávamos que sabíamos como segurá-lo.

Um homem chamado Van Gulik ⁹ cujo livro me pareceu excelente, que pica aqui e ali...

claro que ele faz como todo mundo, ele se aproxima mais do que existe da tradição escrita chinesa

...cujo tema é " *conhecimento sexual* ", que não é muito extenso, garanto, nem muito esclarecido!

Mas de qualquer forma, assista se isso te diverte: " *Vida Sexual na China Antiga* ".

Eu desafio você a tirar qualquer coisa disso que possa servir a você *[Risos]* no que eu chamei anteriormente de estado atual de pensamento!

O ponto do que estou apontando não é dizer que as coisas sempre foram as mesmas do ponto a que chegamos.

Pode ter havido, pode até haver em algum lugar, mas é curioso, é sempre em lugares onde você realmente tem que mostrar suas credenciais para entrar, lugares onde as coisas acontecem entre *o homem* e a *mulher* essa conjunção harmoniosa que os faria estar em sétimo céu, mas mesmo assim é muito curioso que nunca ouvimos falar dele a não ser do lado de fora.

Por outro lado, é bastante claro que através de uma das maneiras que tenho de definir que é bastante com grandes y que cada um se relaciona apenas com o outro, torna-se plenamente confirmado assim que se olha para o que é chamado de um termo que se encaixa tão bem, assim, graças à ambiguidade do latim ou do grego, o que chamamos de " *homos* "...

ecce homo como eu disse *[risos]*

...é certo que os " *gays* " conseguem uma ereção muito melhor, mais frequente e mais firme.

É curioso, mas de qualquer forma é um fato que para uma pessoa que há algum tempo ouviu falar um pouco, não há dúvida.

Não se engane sobre isso de qualquer maneira: existe *homo* e " *homo* ", hein! *[Risos]*

Não estou falando de André Gide! Não acredite que André Gide era um *homo* !

Isso nos leva ao que segue. Não vamos perder a noção, trata-se de " *significado* ".

Para que algo faça *sentido* no estado de pensamento atual, é triste dizer, mas tem que surgir como normal.

Por isso André Gide queria que a homossexualidade fosse normal.

E como talvez você possa ter ecos disso, nesse sentido há uma multidão: em menos de dois cairá assim sob o sino do normal, a tal ponto que teremos novos clientes em psicanálise que virão dizemos: " *Vim procurá-lo porque normalmente não ando !* " *[Risos]* Vai ser um engarrafamento!

[Risos]

E a análise começou a partir daí!

Se a noção de *normal* não tivesse, *seguindo os acidentes da história*, tomado tal extensão, nunca teria visto a luz do dia.

Todos os pacientes, não só Freud pegou, mas é muito claro para lê-lo que é uma condição: para entrar em análise, no início o mínimo era ter uma boa formação universitária.

Está claramente afirmado em Freud. Devo sublinhá-lo, porque *o discurso universitário* sobre o qual falei muitas coisas ruins, e pelas melhores razões, mas mesmo assim é ele que rega *o discurso analítico*.

Você entende, você não pode mais se imaginar...

é fazer você imaginar algo se você é capaz disso,

mas quem sabe, treinando minha voz

...você nem imagina como se chamava uma zona do tempo por causa daquela " *antiga* ",

onde a *ÿÿÿÿ [doxa]*, você conhece a famosa *ÿÿÿÿ* de que falamos em " *Meno* ", " *mas não, mas não* " *[Risos]*, havia *ÿÿÿÿ* que não era acadêmica.

Atualmente, mas não existe um *ÿÿÿÿ*, tão fútil, tão manco, malabarista ou mesmo estúpido, seja ele que não está armazenado em algum lugar da educação universitária!

Não há exemplo de opinião, por mais estúpida que seja, que não seja notada, mesmo...

por ocasião do que ela é flagrada

...ensinado. Bem, isso está tudo errado!

⁹ Robert Hans Van Gulik: " *Vida Sexual na China Antiga* ", Gallimard 1971.

Porque quando Platão fala de *doxa* como algo que ele literalmente não sabe o que fazer, ele, um filósofo que busca fundar uma ciência, percebe que a *doxa*, os *doxai* que ele encontra em cada esquina, existem verdadeiros.

Naturalmente, não se faz para dizer o porquê, não mais do que qualquer filósofo, mas ninguém duvida que sejam verdadeiras, porque a *verdade* é essencial.

Era *um contexto, mas completamente diferente* de qualquer coisa chamada *filosofia*, que o *doxa* não fosse normalizado.

Não há vestígios da palavra " *norma* " em nenhum lugar do discurso antigo.

Fomos nós que inventamos isso e, claro, procurando um nome grego extremamente raro!

Ainda é preciso partir daí para ver que o *discurso do analista* não surgiu por acaso!

Tivemos que estar no último estado de emergência extrema para que isso fosse divulgado.

Claro que, por ser um *discurso do analista*, é preciso...

como todos os meus discursos, os quatro que eu nomeei

... o significado do genitivo objetivo:

- o *discurso do Mestre* é o discurso *sobre o Mestre*, vimos isso claramente no apogeu da epopeia filosófica em Hegel.
- O *discurso do analista* é a mesma coisa: falamos *do analista*, ele é o *objeto(a)*, como muitas vezes sublinhei. Naturalmente, isso não torna fácil para ele realmente entender qual é sua posição, mas, por outro lado, é fácil, pois é a da *aparência*.

Então nosso Gide...

para continuar a trança: eu pego o Gide, depois

eu solto, depois nós pegamos de volta juntos, e assim por diante

... nosso Gide aí, porque ele ainda é exemplar, ele não tira a gente do nosso negócio, longe disso!

Seu negócio é *ser procurado*, como comumente encontramos na exploração analítica.

Há pessoas que sentiram falta na primeira infância, para serem desejadas.

Isso os leva a fazer coisas para que isso aconteça com eles mais tarde. É mesmo muito difundido.

Mas você ainda tem que manter as coisas em ordem.

Não é alheio, de forma alguma, ao *discurso*.

Não são essas palavras que saem em todos os lugares quando você está no Carnaval.

A *fala* e o *desejo* têm a conexão mais próxima.

Até por isso consegui isolar - bem, pelo menos acho que sim - a função do *objeto(a)*.

É um ponto chave que ainda não aproveitamos, devo dizer, virá muito lentamente.

O *objeto(a)* é o que determina o *ser falante*, quando está preso em um discurso.

Ele não sabe nada que o que o determina é o *objeto(a)*.

Como é determinado?

Determina-se como *sujeito*, isto é, *divide-se como sujeito* : é a presa do desejo.

Parece acontecer no mesmo lugar que a letra da subversão, mas não é nada igual, é bem regular, produz –

é uma produção! - que produz *matematicamente*, é o caso de dizê-lo, esse *objeto (a)* como *causa do desejo*.

Ainda é o que eu chamei, como você sabe, *de objeto metonímico* : o que percorre

o que se desdobra como *discurso*, *discurso* mais ou menos coerente, até que se depara e tudo termina em chouriço de sangue.

Resta o fato de que *é daí*, e esse é o interesse, *que tiramos a ideia da causa*. Acreditamos que na natureza tudo deve ter uma causa, sob o pretexto de que somos causados pelo nosso próprio *bla-bla-bla*. Sim !

Há todos os traços em André Gide de que as coisas estão bem como eu te disse.

É antes de tudo sua relação com o Supremo Outro: não se deve acreditar de forma alguma, de forma alguma, assim, apesar de tudo que ele possa ter dito, que não surtiu efeito, o grande Outro.

Lá onde ela toma forma, o *(a)* tinha até uma noção bem específica disso, a saber, que o prazer desse grande Outro era perturbar o de todos os pequenos *[outros]* !

Em troca, ele compreendia muito bem que havia ali um ponto de aborrecimento *que obviamente o salvava do abandono de sua infância*. Todas as suas provocações com Deus, era algo muito compensador para alguém que tinha começado tão mal. Não é privilégio dele *[sic]*. Sim...

eu tinha começado antes...

Fiz apenas uma aula, um " *seminário* " que se chama
...algo sobre o *Nome do Pai*.

Naturalmente, comecei com o próprio *Pai* .

Falei por uma hora, uma hora e meia, do gozo de Deus.

Se eu disse que era uma " *brincadeira mística* " era para nunca mais falar sobre isso.

É certo que, como existe um Deus, um e único, enfim o Deus que certa época histórica trouxe à luz, é precisamente este que perturba o prazer dos outros. Essa é a única coisa que conta.

– Há os *epicuristas* que fizeram de tudo para ensinar o método para não se deixarem perturbar pelo prazer de cada um:
bem, isso foi uma bagunça!

– Houve outros que se autodenominavam *estóicos* e que diziam: " *Mas, ao contrário, devemos nos precipitar no prazer divino* ".
Mas também erra sabe, só joga entre os dois.

É o incômodo que conta! Com isso você está tudo em sua área natural.

Você não curte é claro, seria um exagero falar assim, principalmente porque é muito perigoso mesmo, mas afinal, não podemos dizer que você não se *diverte*, hein!

É mesmo nisso que *se funda o processo primário*.

Tudo isso nos traz de volta à parede: o que é " *significado* "?

Bem, é melhor começar pelo nível do *prazer*, o prazer que o outro te dá, é comum, até chamamos isso - em uma área mais nobre - *arte* (l, *apóstrofo*) *[Risos]*.

É aqui que você deve considerar cuidadosamente *a parede*, porque há uma área bem iluminada de " *significado* ". Bem iluminado, por exemplo, pelo chamado Leonardo Da Vinci, como você sabe, que deixou alguns manuscritos e pequenas bugigangas, nem tanto - ele não povoava museus -, mas falava verdades profundas, que todos deveriam sempre lembrar.

Ele disse: " *Olhe para a parede* " - como eu...

então, desde então, ele se tornou o *Leonardo* das famílias, damos de presente seus manuscritos.

Há um livro de luxo - até o meu recebeu um par, você percebe, mas isso não

significa que não seja legível *[Risos]*

...depois ele te explica: " *Olhe bem para a parede* " porque aqui está um pouco suja.

Se fosse melhor mantido, haveria manchas úmidas e talvez até mofo.

Bem, se você acredita em Leonardo: se houver uma mancha de mofo, é uma

ótima oportunidade para transformá-la em uma *Madonna* ou em um atleta musculoso...

que se presta ainda melhor, porque no molde há sempre sombras, cavidades

...isso é muito importante: perceber que há uma classe de coisas nas paredes, que se presta à figura, à criação de arte, como dizem. É o próprio figurativo, a mancha em questão.

Mesmo assim, você tem que saber a relação que existe entre isso e outra coisa que pode surgir na parede, ou seja, as *ravinas*, não apenas da *palavra*...

mesmo que aconteça, é assim que sempre começa

... mas o *discurso*. Em outras palavras: se é da mesma ordem o *molde* na parede ou a *escrita* ?

Deve interessar a um certo número de pessoas aqui que, eu acho, não faz muito tempo, está começando a envelhecer, estava muito ocupada escrevendo coisas, *cartas de amor nas paredes*. Estava um clima muito bom.

Há alguns que nunca foram consolados pelo tempo em que se podia escrever nas paredes e onde algo na *Publicis* deduzimos que " *as paredes tinham o chão* ". Como se isso pudesse acontecer!

Gostaria apenas de salientar que seria melhor se nunca houvesse nada escrito nas paredes.

O que já está escrito lá deve até ser removido.

– " *Liberdade - Igualdade - Fraternidade* " por exemplo, é indecente!

– " *Não fumar* " não é possível, principalmente porque todo mundo fuma, há um erro tático aí.

Já disse antes para a *letra de (a) parede: tudo o que está escrito reforça a parede*. Não é necessariamente uma objeção. Mas o que é certo é que não se deve acreditar que seja absolutamente necessário. Mas ainda é útil porque se nunca tivéssemos escrito nada em uma parede - seja o que for, este ou os outros - bem, é um fato: não teríamos dado um passo na direção do que talvez deva ser visto além do muro.

Veja, há algo sobre o qual serei levado a falar um pouco com você este ano: é a relação entre *lógica e matemática*. Além da parede... para te dizer imediatamente ...existe, ao nosso conhecimento, apenas esse *Real* que se sinaliza precisamente *do impossível, do impossível para alcançá-lo além do muro*. O fato é que é o *Real*.

Como conseguimos ter a ideia? É certo que a linguagem tem sido usada por um tempo. É por isso mesmo que estou tentando fazer esta pequena ponte cujo início você viu em meus últimos seminários, a saber: como entra o *Uno* ?

Isto é o que eu já expressei por três anos com símbolos: S1 e S2 :
— a primeira, designei assim para que você ouça um pouco do *significante-mestre* — e a segunda, do *conhecimento*.

Mas *haveria* S1 se *não houvesse* S2 ? Isso é um problema, porque eles *devem ser 2 primeiro para que haja* S1. Eu abordei a coisa, lá no último seminário, mostrando a vocês que de qualquer forma há pelo menos 2 mesmo para que surja apenas um: 0 e 1, como dizemos: isso faz 2. Mas isso é no sentido de que dizemos que é *insuperável*.

No entanto, supera-se quando se é um lógico, como já vos indiquei ao referir-me a Frege. Mas, no final, não é menos evidente para você, espero, que foi cruzado com um pé despreocupado, e que eu estava lhe indicando naquele momento - voltarei a isso - que talvez houvesse mais de um pequeno passo. O importante não está lá.

É muito claro que alguém que você ouviu - sem dúvida, alguns - falar pela primeira vez esta manhã: René Thom, que é um matemático. Não é *para* isso: *essa lógica...* ou seja, a conversa que fica *na parede* ...ou algo que *seja suficiente para explicar o número*, o primeiro passo na matemática.

Por outro lado, parece ser capaz de dar conta, não só do que está traçado na parede... não é nada além da própria vida, está começando a se moldar como você sabe ...para explicar por *número, álgebra, funções, topologia*, para explicar o que está acontecendo no campo da vida.

Eu voltarei! Eu lhe explicarei que o fato de ele encontrar em tal função matemática o próprio contorno dessas curvas feitas pelo primeiro molde antes de ascender ao homem, esse fato o leva a essa extrapolação de pensar que a *topologia pode fornecer uma tipologia de línguas*. Não sei se a questão é atualmente determinável. Vou tentar dar uma ideia de onde está sua incidência atual, nada mais.

O que posso dizer é que, em qualquer caso, *a divisão da parede* :
— o fato de haver *algo instalado à sua frente*, que chamei: *fala e linguagem*,
— e que é do outro lado que ela funciona, talvez matematicamente,... é certo que não podemos ter outra ideia.

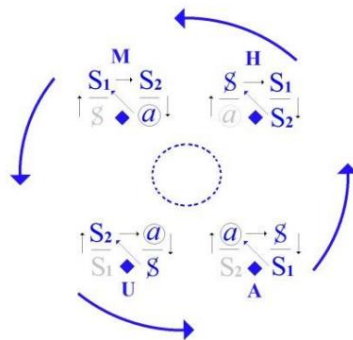
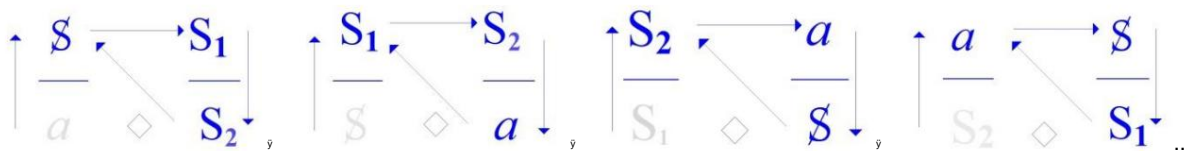
Que a ciência se apóie, não como dizemos, na *quantidade*, mas no número, função e topologia, é o que não se pode duvidar. Um *discurso* chamado "*Ciência*" encontrou uma forma de se construir atrás do muro.

Apenas o que acredito que deveria formular claramente e o que acredito concordar com tudo o que há de mais sério na construção científica é que é estritamente impossível dar a qualquer coisa que seja articulada em termos algébricos ou topológicos, a *sombra do significado*.

Há sentido para quem, diante da parede, se delicia com *manchas de mofo tão propensos a se transformar em uma Madona ou nas costas de um atleta*, mas é óbvio que não podemos nos contentar com esses significados. No fundo, isso só serve para ressoar na *lira do desejo*, no *erotismo* para chamar as coisas pelo nome.

Mas na frente do muro outras coisas estão acontecendo, e isso é o que eu chamo de *discursos*. Houve outros além destes *quatro meus*, que listei e que, além disso, só são especificados por ter que fazer você perceber imediatamente que eles são especificados como tal: como *sendo apenas 4* .

É claro que havia outros dos quais nada mais sabemos, exceto o que *converge* naqueles que são os 4 que nos restam, aqueles que se articulam a partir da rodada de *a*, de *S1* e de *S2*, e mesmo do *assunto* [S] qual paga os potes quebrados e qual desta rodada, se mover de acordo com esses 4 vértices seguidos, nos permitiu destacar algo para nos localizar.



É *algo* que nos dá o estado atual do *que* - do *vínculo social* - se baseia no *discurso*, ou seja, *algo* onde, qualquer que seja o lugar que se ocupe nele...
do *senhor*, do *escravo*, do *produto*, ou daquilo que sustenta todo o negócio
... qualquer que seja o lugar que se ocupa lá, nunca se impede nada além de *pouic*.

Ou seja, de onde vem?

Por isso é muito importante ter feito essa clivagem - sem dúvida desajeitada - que Saussure fez, como Jakobson lembrou esta manhã, entre o *significante* e o *significado*. Algo que ele herdou - não é à toa - dos *estóicos* cuja posição muito particular eu lhes disse anteriormente neste tipo de manipulação.

O que é importante, é claro,

- não é que o *significante* e o *significado* se unam e é o *significado* que nos permite distinguir o que há de específico no *significante*, ao contrário, é que o *significado* de um *significante*...

o que eu articulo das cartinhas que te falei antes [S2, S1]

...o *significado* [S2] de um *significante* [S1]...

onde penduramos algo que pode parecer um significado

...sempre vem do lugar que o mesmo *significante* ocupa em outro *discurso*.

Foi exatamente isso que lhes veio à cabeça quando o *discurso analítico* foi introduzido: parecia-lhes que entendiam tudo, coitados!

Felizmente, graças aos meus cuidados, este não é o seu caso...

Se você entendesse o que eu digo em outro lugar - onde estou falando sério - você não acreditaria em seus ouvidos.

É mesmo por isso que você não pode acreditar em seus ouvidos.

É porque na realidade você entende, mas no final você mantém distância.

E isso é bastante compreensível, pois, na grande maioria, o *discurso analítico* ainda não te pegou. Ele virá infelizmente, porque tem cada vez mais importância.

Gostaria ainda de dizer algo sobre o *saber do analista*, com a condição de que você não pare por aí.

Se meu amigo René Thom consegue encontrar com tanta facilidade, cortando superfícies matemáticas complicadas, algo como um desenho, uma faixa, enfim, algo que ele também chama de ponto, escala, dobra, dobra, e faz um uso verdadeiramente cativante isto...

— se, em outras palavras, há entre tal fatia de uma coisa que só existe para que se possa escrever: *existe X::* que satisfaz a função $F(X)$, — ele o faz com tanta facilidade,

...o fato é que enquanto não tiver explicado de forma exaustiva o que, apesar de tudo, ele é obrigado a explicar a você, ou seja, a linguagem comum e a gramática ao redor, restará uma zona que chamo de " *zona do discurso* " e que é aquela sobre a qual a *analítica dos discursos* lança luz viva.

O que sobre isso pode ser transmitido a partir de um conhecimento? Finalmente, você tem que escolher! São os números que sabem, que sabem porque levaram essa matéria organizada a um ponto, claro, imemorial, e que continuam a saber o que estão fazendo. Há uma coisa que é bastante certa, e é que é da maneira mais abusiva que colocamos um " *significado* " nisso.

Que qualquer ideia de evolução, de aperfeiçoamento, enquanto na suposta cadeia animal não vemos absolutamente nada que ateste essa suposta adaptação contínua, tanto que tivemos que desistir mesmo assim e dizer que afinal quem passa, depois há quem conseguiu passar. Isso se chama " *seleção natural* ". Não significa absolutamente nada. Tem assim um pequeno significado emprestado de um discurso pirata, e então por que não este ou outro?

A coisa mais clara que nos parece é que um ser vivo nem sempre sabe muito bem o que fazer *com um de seus órgãos*. E, afinal, talvez seja um caso particular de destaque pelo *discurso analítico do lado embaraçoso do falo*.

Que existe uma correlação entre isso...

como indiquei no início deste discurso

...um *correlato* entre isso e o que é fomentado pela *fala*, não podemos dizer mais nada.

Que no ponto em que estamos no *estado atual de pensamentos*...

é a sexta vez que uso esta fórmula, é bem claro que não parece incomodar ninguém, no entanto é algo que valeria a pena voltar, porque o *estado atual de pensamentos*, faço um móvel disso, é no entanto verdade, hein? Não é idealismo dizer que os pensamentos são tão estritamente determinados quanto o último gadget.

... enfim, no *estado atual do pensamento*, temos o *discurso histórico* que, quando nos dispomos a ouvi-lo pelo que é, está ligado a uma curiosa *adaptação*. Porque finalmente, se esta história da *castração é verdadeira*, significa que no homem a *castração* é o meio de adaptação à sobrevivência. É impensável mas é verdade.

Tudo isso talvez seja apenas um artifício, um artefato do discurso.

Que *este discurso*...

tão inteligente para completar os outros

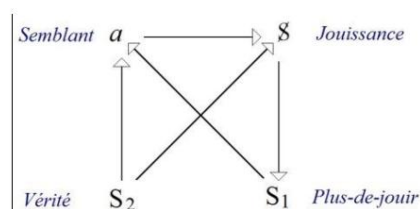
...que *esse discurso* se sustenta, talvez seja apenas uma fase histórica.

A vida sexual da China antiga pode estar florescendo novamente, ela terá uma série de ruínas sujas para devorar antes que isso aconteça. Mas, no momento, o que significa esse significado que trazemos? *Esse sentido*, afinal, é *enigma*, e justamente porque é sentido.

Há em algum lugar, na 2ª edição de *um* volume, desse volume que deixei de fora por um tempo, que se chama *Escritos* há um pequeno acréscimo que se chama " *A metáfora do sujeito* ". Joguei por muito tempo na fórmula que meu querido amigo Perelman adorava: " *um oceano de falsa ciência* "...

Nós nunca temos certeza, e eu aconselho você a começar a partir daí, o que eu tenho em mente quando estou apenas me divertindo! ..." *um oceano de falsa ciência* " talvez seja o *conhecimento do analista*, por que não?

Por que não, tão precisamente é apenas a partir de sua perspectiva que isso é decantado: que a ciência não tem sentido, mas *que nenhum sentido do discurso, para ser sustentado apenas por outro, é apenas sentido parcial*. Se a *verdade* só pode ser dita pela metade, esse é o núcleo, essa é a essência do *conhecimento do analista*.



É que neste lugar...

no que eu chamei de *tetrápode* ou *quadrúpede*

...em vez da *verdade* fica S2. *Esse conhecimento* é o próprio conhecimento que, portanto, deve ser sempre questionado.

Por outro lado, há uma coisa a prevalecer na análise: *é que há um saber que se extrai do próprio sujeito*.

No lugar, pólo, do *gozo*, o *discurso analítico* coloca S: é no tropeço, na ação fracassada, no sonho, no trabalho do analisando que *resulta esse saber*.

Esse saber que, por sua vez, não é suposto, *é um saber obsoleto, roçaton do saber, substituto do saber* : é o inconsciente.

Esse *conhecimento* é o que eu assumo, defino para não poder colocar...

novos recursos no surgimento

...só gozo do assunto.

Desculpe, esta é a primeira vez *que me atraso*. Eu aviso: estou doente.

Você está lá, eu estou lá também, é bom para você.

Com isso quero dizer que me sinto anormalmente bem sob a influência de uma pequena temperatura e algumas drogas, de modo que, se alguma vez, de repente, essa situação mudar, espero que aqueles que me ouvem há muito tempo expliquem aos recém-chegados que isso é a primeira vez que aconteceu comigo.

Então, vou tentar esta noite, para estar no nível do que você espera, o que você espera *aqui* onde eu disse que estou me divertindo. Não precisa ficar sempre no mesmo tom.

Você vai me desculpar, certamente não será devido ao meu estado anormal. Vai ser bom ao longo das linhas do que pretendo dizer-lhe esta noite.

Em outros lugares, é claro, dificilmente poupo meu público.

Se alguns que estão lá - posso ver alguns deles - lembram-se do que falei da última vez: falei resumindo essa coisa que resumi no nó borromeano, quero dizer uma cadeia de 3, e tal que, destacando um dos anéis desta corrente, os outros dois não podem mais se manter juntos por um único momento.

A que se refere?

Sou obrigado a explicar para você, pois afinal não tenho certeza de que, dado tudo cru, muito simples, assim, seja suficiente para todos. Significa uma pergunta sobre qual é a condição do inconsciente. Significa uma questão colocada sobre o que *é a linguagem*.

Na verdade, esta é uma questão não resolvida.

Se a linguagem for abordada em sua gramática, nesse caso - é certo - ela se enquadra em uma *topologia*...

X - O que é uma topologia?

Lacan

Ah, o que é uma topologia? Que legal essa pessoa!

Uma topologia é algo que tem uma definição matemática.

Topologia é o que é abordado primeiro por relações não métricas...

X- O que isso significa?

...por *relações deformáveis*. É estritamente falando o caso *desses tipos de círculos flexíveis* que constituíram meu:

" *Peço-te - que me recuses - o que te ofereço* "

Cada um era algo fechado, flexível e apenas esperando para ser acorrentado aos outros. Nada se sustenta.

Essa topologia, por sua inserção matemática, está ligada a relações...

precisamente isso é o que meu último seminário serviu para demonstrar

... está ligada a relações de pura significação, isto é, é na medida em que esses três termos são três que vemos que a partir da presença do terceiro se estabelece uma relação entre os outros dois.

Isto é o que significa o nó borromeano.

Há outra maneira de abordar a linguagem, e claro que a coisa é atual.

Ela é atual pelo fato de que alguém que eu nomeei...

Acontece que eu o nomeei *depois* que Jakobson fez isso,

mas que - acontece - eu já o conhecia de antes, ou seja, um homem chamado René Thom

...e esse alguém tenta resumindo...

certamente não sem já ter desbravado certos caminhos

...abordar a questão da linguagem do ângulo semântico, ou seja, não da combinação significante...

como a matemática pura pode nos ajudar a concebê-la como tal

...mas do ângulo semântico, isto é, não sem recorrer também à matemática, encontrar em certas curvas, diria, certas formas, acrescentaria, que se deduzem dessas curvas, algo que nos permitisse conceber a *linguagem* como - eu diria - algo como o eco dos fenômenos físicos.

É a partir, por exemplo: daquilo que é pura e simplesmente comunicação de fenômenos de ressonância que se elaborariam curvas que, para valer em certo número de relações fundamentais, encontrar-se-iam secundariamente se aglutinando, tornando-se homogeneizadas se as podemos dizer, para ser tomado no mesmo parêntese daí resultam as várias funções gramaticais. Parece-me que já existe um obstáculo para conceber as coisas assim: é que somos obrigados a colocar sob o mesmo termo " *verbo* " tipos de ação muito diferentes.

Por que a linguagem teria - de certa forma - reunido na mesma categoria funções que só podem ser concebidas à partida sob modos de emergência muito diferentes?
No entanto, a pergunta permanece sem resposta.

Certamente haveria algo infinitamente satisfatório em considerar que a linguagem é de alguma forma modelada nas supostas funções da realidade física, mesmo que essa realidade só seja acessível através da funcionalização matemática.

O que estou - para mim - em processo de avanço para você, é algo que está fundamentalmente ligado à origem puramente topológica da linguagem. Essa origem topológica, creio que posso explicá-la com base nisso: que ela está essencialmente ligada a algo que chega sob o viés - no *ser falante* - da sexualidade.

O *ser que fala está falando* por causa disso algo que aconteceu com a sexualidade, ou isso está acontecendo com a sexualidade porque está *falando* ?

O esquema fundamental do que se trata, e que esta noite vou tentar apresentar um pouco mais adiante, é isso: a função chamada " *sexualidade* " está definida...

até onde sabemos, ainda sabemos um pouco, mesmo
que apenas por experiência

...que os sexos são dois.

O que quer que um autor famoso pense, quem devo dizer, em seu tempo...

antes de escrever este livro chamado " *O Segundo Sexo* "

... tinha acreditado, porque não sei qual orientação

porque, na verdade, eu ainda não tinha começado a ensinar nada

...achou necessário referir-se a mim antes de colocar " *O segundo sexo* ".

Ela me ligou para dizer que definitivamente precisava do meu conselho para esclarecê-la sobre o que seria o *afluente psicanalítico* de seu trabalho.

Como eu disse a ele que seria necessário pelo menos...

é um mínimo já que falo disso há 20 anos e não é por acaso

...que levaria 5 ou 6 meses para eu descobrir a pergunta para ela, ela me apontou que não havia dúvida, é claro, que um livro que já estava em andamento, deveria esperar tanto.

As leis da produção literária eram tais que lhe parecia impossível ter mais de 3 ou 4 entrevistas comigo. Como resultado, eu recusei essa honra.

A base do que venho apresentando para vocês há algum tempo, muito precisamente desde o ano passado, é muito precisamente esta: que não há *segundo sexo* !

Não há segundo sexo a partir do momento em que a linguagem entra em operação.

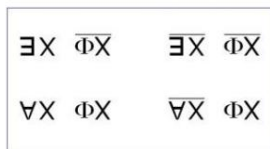
Ou, para colocar as coisas de outra forma sobre o que se chama *heterossexualidade*, é muito precisamente nisto: é que a palavra *éteros*, que é o termo usado para dizer " *outro* " em grego, está muito precisamente nesta posição, pois o *relação* que no ser falante chamamos de *sexual*, de esvaziar-se como ser e é justamente desse vazio que ele oferece à fala o que chamo de " *o lugar do Outro* ", ou seja, esse lugar onde se inscrevem os efeitos da dita palavra .

Não vou alimentar isso, pois afinal isso nos atrasaria, com algumas referências etimológicas:

– como se diz *éteros*, em certo dialeto grego,
que eu até pouparia você de se nomear - *àteros*,

– comentar cet *eteros* se rallie à *second* *dèfteros*
e marca muito precisamente que este *dèfteros*, na ocasião é se assim posso dizer, *elidido*.

É claro que isso pode parecer surpreendente, pois é óbvio que há algum tempo essa fórmula ...
a verdade é que não sei se há uma marca de um tempo em que teria sido formulada
... tal fórmula é precisamente o que é ignorado.
Eu a reivindico, no entanto, e a apoio pelo que você vê no quadro,
que é isso que a experiência psicanalítica traz:



Para isso, recordemos em que se baseia o que podemos ter de concepção, - não de
heterossexualidade, já que é de fato muito bem nomeada, se você seguir o que
acabei de apresentar - mas *bissexualidade*.

No ponto em que estamos em nossas declarações sobre a referida sexualidade, o que temos?

A que nos referimos...
e não tome como certo
...a que nos referimos é o modelo, se posso dizer suposto *animal*.

Há, portanto, uma relação entre os sexos e a imagem animal da cópula, que nos parece fornecer um modelo suficiente do que
está envolvido na relação, e ao mesmo tempo que o sexual é considerado como necessidade.
Não está aí - longe disso, acredite - o que sempre esteve.
Não preciso lembrar o que significa " *saber* " no sentido bíblico da palavra.

A relação de *ýýýý* [nouss] com algo que sofreria sua impressão passiva sempre foi, que é chamada de
várias formas, mas certamente cuja denominação grega mais usual é a de *ýýý* [ýli : substância], desde sempre o modo de relação
que engendra de a mente tem sido vista como *modeladora*, não apenas da relação animal, mas do modo fundamental de ser do que
era considerado *o mundo*.

Os chineses usaram de vez em quando algo que está escrito da seguinte forma:

yin : yin

yang : yang

Os chineses por muito tempo apelam para duas essências fundamentais que são respectivamente a essência feminina
que chamem *Yin* para opor a *Yang* que por acaso escrevi - sem dúvida não por acaso - abaixo.

Se houvesse uma relação articulável no nível sexual,
se houvesse uma relação articulável no ser falante, deveria - eis a questão - ser expressa -
de " *todos aqueles* " do mesmo sexo,
— a " *todos aqueles* " do outro.

Esta é, obviamente, a ideia que nos sugere, no ponto em que nos encontramos, a referência ao que chamei *de modelo animal* : — a
aptidão, se assim posso dizer, de cada um, de um lado, — para representar todos os outros, por outro.

Então você vê que a declaração é promulgada de acordo com a forma, a forma semântica significativa *do Universal*.
Para substituir no que eu disse, " *todos* " por " *qualquer um* " ou por " *qualquer um* " - *qualquer um* desses lados -
estariamos completamente alinhados com o que se chamaria...
reconhecer *nessa condicional* algo ecoado por meu *Discurso que não seria aparência* ____
...bem, substituir " *todos* " por " *qualquer um* " estariamos bem nessa indeterminação do que é escolhido
em cada " *todos* " para responder " *todos os outros* " .

O " *cada* " que usei no início, ainda assim tem o efeito de lembrar que afinal, se assim posso dizer, a relação efetiva não é sem evocar o horizonte do " *um para um* », de « *para cada sua própria* ».

Isto: a *correspondência* de um para um ecoa o que sabemos ser essencial para presentificar o *número*.

Observe isso, é que não podemos de início eliminar a existência dessas 2 dimensões e que se pode até dizer que o *modelo animal* é justamente o que sugere a fantasia " *animica* ".

Se não tivéssemos este *modelo animal*...

mesmo que a escolha seja o *encontro*, o acoplamento biunívoco é o que nos parece, a saber, que existem apenas dois animais que copulam juntos

...bem, não teríamos essa dimensão essencial que é justamente que o *encontro* é *único*.

Não é por acaso que digo que é a partir daí - só a partir daí - que se fomenta o modelo de alma: chamemos-lhe " o *encontro de alma com alma* "!

Quem conhece a condição do ser falante não deve, em todo caso, surpreender -se *que o encontro*, a partir desse fundamento, deva justamente *repetir-se como único*. Não há necessidade de colocar em jogo nenhuma dimensão de virtude. É a própria necessidade do que se produz no ser falante *que é único* : *é que se repete*.

É de fato de que maneira é somente a partir *do modelo animal* que a fantasia que chamei de "*animica*" é sustentada e fomentada. há lá embaixo [29] *pueril* que está aí para dizer " *a língua não existe* ", mas obviamente não é o que nos interessa no campo analítico. O que nos dá a ilusão *da relação sexual* no ser falante é *tudo o que materializa o Universal* em um comportamento que é efetivamente " *tropa* " nas *relações entre os sexos*.

Já aponte que na busca - ou na caçada, como preferir - sexual:

— os meninos encorajam uns aos outros, — e que para as meninas, eles gostam de se repetir desde que isso os beneficie, é claro!

É uma observação etológica que fiz, de vez em quando, mas que não resolve nada, porque basta refletir sobre ela para ver nela um milagre suficientemente ambíguo para que não se sustente por muito tempo.

Para ser mais insistente aqui e manter o nível mais baixo de experiência - quero dizer, ao nível do solo - a experiência analítica, vou lembrá-los que o *imaginário* que é o que reconstituímos no modelo animal... que reconstituímos de acordo com nossa ideia, é claro, porque é claro que só podemos reconstruí-la pela observação

...mas o *imaginário* , por outro lado , temos uma experiência dele, uma experiência que não é fácil, mas que a psicanálise nos permitiu estender.

E para ser franco, não será, parece-me, difícil fazer-me ouvir se seguir em frente...

Eu o chamei: " *grosseiramente* ", não é tão " *grosseira* ", é " *cruel* " dizer ... bem meu Deus que em qualquer encontro sexual, se há algo que a psicanálise nos permite avançar, é de fato não sei qual perfil *de outra presença* para o qual o termo vulgar "*orgia*" não está absolutamente excluído .

Essa referência em si não tem nada de decisivo, pois, afinal, pode-se levar um ar sério de dizer que esse é justamente " o *estigma da anomalia* ", como se o normal — em duas palavras — estivesse situado em algum lugar.

É certo que, ao propor este termo, aquele que acabei de definir com este nome vulgar, Eu certamente não tentei fazer *vibrar a lira erótica em sua casa*, e que se simplesmente tem um pequeno valor de despertar, que lhe dê pelo menos essa dimensão, não aquela que aqui pode ecoar Eros, mas simplesmente a dimensão pura de despertar. Eu certamente não estou aqui para entretê-lo nesta corda!

Vamos agora tentar esclarecer o que está envolvido no parentesco do "*Universal*" com o nosso caso, a saber, a afirmação pela qual os objetos devem ser divididos em dois " *todos* " de equivalência oposta. Acabo de salientar que não há razão para exigir a equinumericidade dos indivíduos e permaneci - como pude - apoiando o que tinha a apresentar simplesmente sobre a *bi-univocidade do acoplamento*.

São... seriam se fosse possível, dois " *Universais* ", assim definido pelo estabelecimento único da possibilidade de uma *relação* de " *um com o outro* " ou do " *outro com um* ".

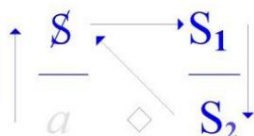
O referido *relatório* não tem absolutamente nada a ver com o que é comumente chamado de " *relação sexual* ". Temos montes de *relatórios* para esses *relatórios*, e sobre esses *relatórios* também temos alguns pequenos *relatórios* : isso ocupa nossa vida terrena. Mas no nível em que a coloco, trata-se de fundar essa relação nos *Universais* : como o "*Homem*" *Universal* se relaciona com a "*Mulher*" *Universal* ? Essa é a questão.

E esta é a questão que se nos impõe pelo fato de a *linguagem* exigir muito precisamente que seja nisso que ela se funda.
Se não houvesse *linguagem*, também não haveria dúvida, não teríamos que colocar o *Universal em jogo*.

Este relatório...

especificar: tornar o Outro absolutamente estranho ao que
poderia estar aqui pura e simplesmente auxiliando

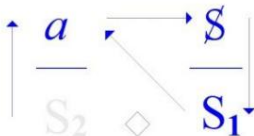
...é o que talvez esta noite me obrigue a acentuar o "A" com o qual marco esse Outro como vazio, com algo
suplementar: um "H", o *Hautre*, o que não seria uma maneira tão ruim de fazer a dimensão do " *Hun* " ouviu o que pode entrar em jogo aqui,
ou perceber, por exemplo, que tudo o que temos de discursos filosóficos pode não ter vindo por acaso de um homem chamado Sócrates,
manifestamente histórico, quero dizer clinicamente: finalmente, temos o relato de suas manifestações cataléticas, o chamado Sócrates, se
conseguiu sustentar um discurso do qual não é à toa que está na origem do *discurso da ciência* é justamente por ter trazido, como o defino, ao
lugar do *semblante* : o *sujeito*.



E ele foi capaz de fazer isso, justamente por causa dessa dimensão que para ele apresentava o " *Alto* " como tal, ou seja, esse ódio
de sua esposa, chamá-la pelo nome [Xantipa], essa pessoa que era sua esposa para o ponto que ela estava " *faminta* " a tal ponto
que ele teve que pedir educadamente que ela renunciasse no momento de sua morte, para deixar a dita morte todo o seu significado
político.

É simplesmente *uma dimensão de indicação* sobre o ponto onde está a questão que estamos levantando.

Eu disse que se podemos dizer *que não há relação sexual*, certamente não é com toda a inocência, é porque a *experiência*,
isto é, um modo de *discurso* que não é absolutamente o *do histórico*, mas aquele que inscrevi sob uma distribuição *quadripódica*
como sendo o *discurso analítico* :



E o que emerge desse *discurso* é a dimensão nunca evocada até agora da *função fálica*, ou seja , *esse algo* pelo qual não é a
relação sexual que se caracteriza pelo menos por um dos dois termos...

e muito precisamente aquele ao qual esta palavra está ligada aqui: o

Hun, não é de sua posição *como Hun* que seria redutível a esse algo que é chamado ou " *o macho* ", ou na terminologia
chinesa a essência do *Yang*

...é muito pelo contrário pelo que, afinal, merece ser lembrado para acentuar o sentido...

o significado velado porque nos vem de longe

...do termo *órgão*, é justamente o que é *órgão* - para acentuar as coisas - apenas como um " *utensílio* ".

É em torno do " *utensílio* " que a experiência analítica nos incita a ver girar tudo o que se afirma sobre a relação sexual.

Isso é uma novidade, quero dizer, *responde à emergência de um discurso*, que certamente ainda não veio à luz, e que não poderia ser concebido
sem a emergência prévia do *discurso da ciência*.

na medida em que é a inserção da linguagem no *real matemático*.

Eu disse que o que estigmatiza essa reportagem, de estar na linguagem profundamente subvertida, é bem isso:
que não tem jeito...

como foi feito, mas numa dimensão que me parece uma miragem

...não pode mais ser escrito em termos de essências *masculinas e femininas* .

O que significa este " *não poder escrever-se*", visto que depois de tudo isso já foi escrito?

Se eu rejeito essa *velha escrita* em nome do *discurso analítico*, você poderia me opor uma objeção muito mais válida: que eu também a escrevo,
pois também...

isso é o que eu acabei de colocar no quadro novamente

...é algo que afirma apoiar uma escrita - o quê? - rede de relações sexuais.

$\exists X$	ΦX	$\exists X$	ΦX
$\forall X$	ΦX	$\forall X$	ΦX

No entanto, *esta escrita* só é autorizada, toma forma apenas *a partir de uma escrita muito específica*, a saber, o que permitiu introduzir na lógica a irrupção precisamente do que me foi pedido anteriormente, a saber, uma topologia matemática. É somente a partir da existência da formulação desta topologia que conseguimos, a partir de qualquer proposição, imaginar que fazemos *função proposicional*, isto é, algo que é especificado pelo lugar vazio que deixamos ali, e segundo o qual o argumento é determinado.

Quero aqui assinalar-lhes que muito precisamente o que tomo emprestado, às vezes, da *inscrição matemática*, na medida em que substitui as primeiras formas - não digo formalizações - as formas esboçadas por Aristóteles em sua *silogística*, que, portanto, essa inscrição sob o termo *função argumento* poderia, ao que parece, nos oferecer um termo fácil para especificar a oposição sexual.

O que seria necessário?

Bastaria que as respectivas *funções de masculino e feminino* fossem distinguidas com muita precisão como *Yin e Yang*.

É muito precisamente porque a função é única, é sempre uma questão de !, que se engendra, como sabem...

pois não é possível, só porque você está aqui, que você não

tenha pelo menos uma pequena idéia

...que gera dificuldade e complicação.

! afirma que é verdade...

este é o significado do termo *função*

...que é verdade que o que diz respeito ao exercício, ao registro do ato sexual, está sob a *função fálica*.

É muito precisamente na medida em que se trata da *função fálica*, de qualquer lado que olhemos, quero dizer: de um lado ou de outro, que algo nos convida a perguntar então em que diferem os dois parceiros.

E é exatamente isso que as fórmulas que coloquei no quadro inscrevem.

$\exists X$	ΦX	$\exists X$	ΦX
$\forall X$	ΦX	$\forall X$	ΦX

Se acontece que, pelo fato de dominar igualmente os dois parceiros, a *função fálica* não os torna diferentes, o fato é que é em primeiro lugar que devemos procurar a diferença.

É por isso que essas fórmulas - as listadas no quadro - merecem ser questionadas de ambos os lados:

– o lado esquerdo oposto ao lado direito, – o nível superior oposto ao nível inferior.

O que isso significa ?

O que isso significa merece ser auscultado, se assim posso dizer, ou seja, ser questionado, eu diria antes de tudo sobre o que eles podem mostrar um certo abuso.

É claro que não é porque usei uma formulação feita da irrupção da matemática na lógica, que a uso completamente da mesma maneira.

E minhas primeiras observações consistirão em mostrar que, de fato, a maneira como a utilizo é tal que não é de modo algum traduzível em termos da *lógica das proposições*.

Quero dizer que o modo em que a *variável* ...

o que é chamado de *variável*, ou seja, o que abre espaço para o *argumento*

...é algo que é aqui bastante especificado pela forma quádrupla sob a qual a relação do argumento com a função é colocada.

Para simplesmente apresentar do que se trata, vou lembrá-los que na *lógica das proposições*, temos em primeiro plano,

- há outras - as 4 relações fundamentais que de certa forma são o fundamento da lógica das proposições, que são respectivamente: *negação, conjunção, disjunção e implicação*.

Existem outros, mas estes são os primeiros, e todos os outros voltam a ele.

Argumento que a maneira como nossos *argumentos* e posições de *função* são escritos é tal que a chamada *relação de negação*, pelo que tudo o que é posto como *verdade* não pode negar *que passar ao " falso " é precisamente o que aqui é insustentável*.

Porque você pode ver isso em qualquer nível...

quero dizer nível inferior e nível superior

... onde o enunciado da *função* - ou seja, que é *fálica* - onde o enunciado da função é postulado:

– seja *como uma verdade*,

– ou precisamente *para ser descartada*,

pois afinal a verdade verdadeira seria justamente o que não pode ser escrito, o que aqui só pode ser escrito na forma que contesta a *função fálica*, a saber: " *Não é verdade que a função fálica é a base da relação sexual* .

Que em ambos os casos, nesses dois níveis que são como tal independentes, dos quais não se trata de fazer de um a negação do outro, mas ao contrário de um o obstáculo ao outro, por outro lado o que você ver sendo distribuído é precisamente:

– um " *existe* " [: \$],

e um " *não existe* " [/ \$]

– é um " *Todos* " de um lado: " *Todos x* " [; !]

ou seja, o domínio do que há o que é definido pela *função fálica*, e a diferença na posição do argumento na *função fálica*, é muito precisamente que " *não é toda mulher* " que 'inscreve [: \$].

Vê-se claramente que, longe de um se opor ao outro como sua negação, é bem o contrário de sua subsistência, aqui exatamente como negada: – *há* um x que pode ser sustentado nesse au. *função fálica* [: \$],

– e por outro lado não há [/ \$], pela simples razão de que uma mulher não pode ser castrada pelos melhores motivos.

É um certo nível, é o nível do que nos é precisamente barrado na relação sexual enquanto no nível da *função fálica*, é muito precisamente que o " *tudo* " se opõe ao " *não tudo* " que existe é uma chance de distribuição da esquerda para a direita do que será baseado como *masculino* e como *feminino*.

Longe, portanto, que a relação de negação nos obrigue a escolher, é ao contrário, na medida em que, longe de ter que escolher, temos de distribuir, que os dois lados se opõem legitimamente um ao outro.

Falei - depois da *negação* - da *conjunção*. A *conjunção*, não precisarei acertar a conta dele, de vez em quando, do que fazer a observação, a observação sobre a qual espero que haja pessoas suficientes aqui que tenham, assim, vagamente mexidas um livro de lógica para que eu não precise insistir, a saber, que a *conjunção* se baseia muito precisamente no fato de que ela só adquire valor pelo fato de que duas proposições podem ser ambas *verdadeiras*.

E é precisamente isso que o que está escrito no quadro não nos permite de forma alguma, pois você pode ver claramente que da direita para a esquerda, não há identidade e isso precisamente onde se trata disso que é posto como *verdadeiro* , ou seja, é precisamente neste nível que os *Universais* não podem ser unidos: o *Universal* do lado esquerdo apenas se opõe - do outro lado, do lado direito - o fato de *não haver um Universal Articulável* , ou seja, aquela mulher, no que diz respeito à *função fálica*, só se situa por " *nem todos* " de estar sujeito a ela.

O estranho é que a *disjunção* não se sustenta mais. Se você lembrar que a *disjunção* só tem valor porque duas proposições não podem... é *impossível* que elas sejam falsas ao mesmo tempo.

É definitivamente o relacionamento - digamos o mais forte ou o mais fraco? - com certeza é o mais forte na medida em que é a mais difícil de cozinhar, pois é necessário um mínimo para que haja *disjunção*

– que a *disjunção* torna válido que uma proposição é verdadeira, a outra falsa, – que é claro que ambas são verdadeiras, – a isso sendo acrescentado ao que chamei " *uma verdadeira, a outra falsa* ", pode ser " *uma falsa, o outro verdadeiro* ".

Há, portanto, pelo menos 3 casos combinatórios em que a *disjunção* é válida.

A única coisa que ela não pode admitir é que ambos são falsos. Agora temos aqui duas funções que são postas como *não sendo* - eu disse antes - a *verdade verdadeira*, a saber, aquelas que estão acima. Aqui parecemos *ter algo* que dá esperança, a saber, que pelo menos teríamos articulado uma *disjunção real*.

$\exists x \neg \phi x$	$\exists x \phi x$	$\forall x \neg \phi x$	$\forall x \phi x$
-------------------------	--------------------	-------------------------	--------------------

Agora observe o *que está escrito*, que é algo que, claro, terei a oportunidade de articular de uma maneira que dê vida, é que há muito precisamente de um lado deste § com o sinal da negação acima, a saber, que é na medida em que a *função fálica* não funciona que há possibilidade de *relação sexual*, que postulamos que deve haver um x para isso [§].

Mas do outro lado o que temos? Que não existem! [§]

Para que possamos dizer que o destino do que seria um modo sob o qual se sustentaria a diferenciação *do masculino e feminino*, do *homem* e da *mulher* no ser falante, essa chance que temos de que haja isso, é que se ao um nível há discórdia... e veremos o que mais tarde quero dizer com isso, quero dizer no nível dos *Universais*

que não se apoiam devido à *inconsistência* de um deles

...o que acontece quando descartamos a função em si é que:

- se por um lado se assume que existe um x que satisfaz ! negado [§],
- por outro temos a formulação expressa que não x [§].

O que illustrei dizendo que a mulher, pelos melhores motivos, não poderia ser castrada, mas há justamente apenas a afirmação “*não x*”.

Ou seja, no nível em que a *disjunção* teria chance de ocorrer, não encontramos:

- por um lado apenas 1, ou pelo menos o que propus de “*pelo menos um*”, – e por outro muito precisamente a inexistência, ou seja, a relação de 1 a 0.

Precisamente no nível em que a relação sexual teria chance, não de se realizar, mas simplesmente de ser esperada para além da abolição pela lacuna da *função fálica*, não encontramos mais como presença, diria eu, que *um dos dois sexos*.

É precisamente isso que obviamente devemos aproximar da experiência como vocês estão acostumados a vê-la expressa nesta forma que a mulher extrai daquilo que o *Universal* para ela não sabe surgir. a *função fálica*, onde ela faz não participe como sabe...

esta é a experiência, infelizmente muito diária para não velar a estrutura

...onde ela participa apenas querendo, –

seja para arrebatá-lo do homem, –

ou – meu Deus – que ela lhe impõe seu serviço, no caso “...ou *pior*”,

é o caso de dizê-lo, que ela o devolva a ele.

Mas precisamente isso não a universaliza, nem que seja disso, que é essa raiz do “*não tudo*”, que ela abriga um outro gozo que não o *fálico* :

o gozo dito propriamente *feminino* , que de modo algum depende dele.

Se a mulher “*não é o todo*”, é porque *seu gozo* é dual.

E foi isso que Tirésias revelou quando voltou de ter sido, por graça de Zeus, Teresa por um tempo, naturalmente com a consequência que sabemos, e que estava lá finalmente como se espalhada, se digo visível, é o caso de dizê-lo por Édipo, para mostrar-lhe o que o esperava como tendo existido precisamente, ele, como homem desta possessão suprema que resultou do engano em que sua companheira o sustentou, da verdadeira natureza do que ela era oferecendo para seu *deleite*, ou digamos de outra forma: por falta de sua parceira pedindo-lhe *para recusar o que ela estava oferecendo a ele*.

Isso obviamente se manifestando, mas no nível do mito, isso: que para existir como homem em um nível que escapa à *função fálica*, ele não tinha outra mulher além desta que para ele precisamente não deveria ter existido. Então !

Por que esse “*não deveria ter*”, por que a teoria do incesto me obrigaria a me comprometer com esse caminho dos *Nomes do Pai* onde justamente eu disse que nunca mais me comprometeria?

É assim !

Porque aconteceu de eu reler...
porque alguém me perguntou
...aquela primeira conferência do ano de 1963, bem aqui - hein! - em Santa Ana.

Por isso voltei a ele, porque gostei de lembrar, eu releio, lê, tem até uma certa dignidade, então publico
se publicar de novo, o que não depende de mim!
Seria necessário que outros publicassem um pouco comigo, isso me encorajaria.

E se eu publicá-lo, veremos com que cuidado o localizei...
mas já o disse há cinco anos num certo número de registos
...a *metáfora paterna* em particular, o *nome próprio*, havia todo o necessário para que, com a Bíblia, pudéssemos
dar sentido a essa elucubração mítica de minhas palavras.

Mas nunca mais o farei, nunca mais o farei porque, afinal, posso contentar-me em formular as coisas ao nível da estrutura lógica que,
afinal, tem os seus direitos. Então !

O que eu quero te dizer é que esse /, ou seja, "*que não existe*", nada mais que em certo nível, aquele em que haveria uma
chance de haver a relação sexual, que esse *ÿÿÿÿÿÿ* [eteros] qua ausente [/ §], não é necessariamente privilégio do sexo
feminino.

É simplesmente a indicação do que está no meu *gráfico*...
Digo isso porque teve seu pequeno destino
...do que inscrevo do significante de *A barrado* [A], quer dizer: o Outro,
de qualquer coisa que se tome, o Outro está ausente desde o momento em que se trata da *relação sexual*.

Naturalmente ao nível do que funciona...
ou seja, a *função fálica*
... há simplesmente essa *discórdia* que acabei de lembrar, a saber, que de um lado e do outro, por uma
vez, não estamos na mesma posição, a saber, que:
— por um lado, temos o *Universal* baseado em uma relação necessária com a *função fálica*,
— e por outro lado uma relação *contingente* porque a mulher " *não é tudo* ".

Destaco, portanto, que no nível superior a relação baseada no desaparecimento, no desaparecimento da existência
de um dos parceiros *que deixa o lugar vazio para a inscrição da palavra*, não é a este nível privilégio de nenhum dos lados.
Apenas para que haja um fundamento do sexo, como dizemos, deve haver dois deles: 0 e 1 certamente *fazem 2*, isto é, dois no
plano *simbólico*, ou seja, na medida em que admitimos que a *existência* está enraizada no *símbolo*.
É isso que define o *ser falante*.

Certamente ele é alguma coisa. Talvez bem, quem não é o que é?
Somente este " *ser* ", é absolutamente evasivo.
E é tanto mais evasivo quanto é forçado a passar pelo *símbolo para se sustentar*.
É claro que um *ser*, que vem a *ser* apenas simbolicamente, é precisamente *esse ser sem ser*, do
qual - pelo simples fato de você falar - todos vocês participam.

Mas, por outro lado, é certo que o que se sustenta é a *existência*, e na medida em que *existir não é ser*, ou seja, é depender
do *Outro*.

Você está realmente lá, todos por algum lado, para *existir*, mas no que diz respeito ao seu *ser*, você não é tão pacífico!
Caso contrário, você não viria a buscar a certeza disso em tantos esforços psicanalíticos.

Obviamente, isso é algo completamente original no primeiro surgimento da lógica.
Na primeira emergência da lógica há algo que chama a atenção, é a dificuldade, a dificuldade e a
hesitação, que Aristóteles manifesta sobre o estatuto da *proposição particular*.

São dificuldades que foram sublinhadas em outro lugar, que não descobri, e para quem quiser se referir a elas, recomendo o caderno n° 10
dos "*Cahiers pour l'analyse*", onde um primeiro artigo de um homem chamado Jacques Brunswig
é excelente nisso. Verão ali perfeitamente apontada a dificuldade que Aristóteles tem com o *Particular*.

É porque ele certamente percebe que a existência não pode ser estabelecida de maneira alguma a não ser fora do *Universal*, isso é de
fato no que ele situa a existência no nível do *Particular*, que o *Particular* não é de modo algum suficiente para sustentá-la, embora dê a
ilusão disso graças ao uso da palavra " *algum* ".

É claro que, ao contrário, o que resulta da formalização conhecida *como quantators*, conhecidos *como quantators* por causa de um rastro deixado na história filosófica, pelo fato de um certo Apuleio que era um romancista de pouco bom gosto e certamente desenfreado místico, cujo nome era - eu lhe disse - Apuleio. Ele fez " *The Golden Ass* ".

Foi este Apuleio que um dia introduziu que em Aristóteles, o que dizia respeito ao " *todos* " e aos " *alguns* " era da ordem da quantidade.

Não é nada disso, é ao contrário simplesmente dois modos diferentes do que eu poderia chamar, se você me permite o que é um pouco improvisado, *a encarnação do símbolo*, ou seja, a passagem na vida cotidiana, que existem " *todos* " e " *algum* " em todas as línguas, isso é o que, sem dúvida, nos obriga a postular que a língua deve ter uma raiz comum, e que...

como as línguas são profundamente diferentes em sua estrutura, ... tem que ser em relação a *algo* que não é linguagem.

Claro, entendemos aqui que as pessoas escorregam, e que sob o pretexto de que o que sentimos ser isso *além da linguagem* só pode ser *matemática*, imagina-se, porque é *o número*, que é uma questão de *quantidade*.

Mas talvez precisamente não seja, propriamente falando, *o número* em toda a sua realidade a que a linguagem dá acesso, mas apenas poder ligar o 0 e o 1.

Seria por isso que *se teria feito a entrada nesse real*, só esse *real* capaz de estar além da linguagem, ou seja, o único domínio onde *se pode formular uma impossibilidade simbólica*.

Esse fato de que, da *relação*, acessível a ele à linguagem, acessível à linguagem *se se fundamenta* muito precisamente na *não-relação sexual*, de que ele só pode, portanto, *confrontar* o 0 e o 1, isso facilmente encontraria seu reflexo na elaboração por Frege de sua gênese lógica dos números.

Eu lhe disse - pelo menos indiquei - o que dificulta essa gênese lógica, a saber, precisamente *a lacuna*...

a lacuna que sublinhei para você do triângulo matemático

...entre este 0 e este 1, uma *lacuna* que redobra a sua *oposição de confronto*.

Que já o que pode intervir, só está aí porque esta é a essência do 1º casal, que só pode ser um 3º e que *a brecha* enquanto tal é sempre deixado de lado, ~~é o que há de mais essencial e necessário em qualquer coisa que se possa considerar a análise de tudo que as~~ admiravelmente a necessidade de que haja em algum lugar " *pelo menos Um* " que transcenda o que está envolvido na tomada da *função fálica*.

O mito do " *pai primitivo* " não significa outra coisa. Isso está suficientemente expresso lá para que possamos fazer uso fácil dele, além do fato de encontrá-lo confirmado pela estruturação lógica que é o que eu lembro o que está escrito no quadro.

Por outro lado, certamente nada mais perigoso do que as confusões sobre o que é sobre *o Uno*.

O Um, como você sabe, é frequentemente evocado por Freud como significando o que está envolvido em uma essência de *Eros*.

que seria justamente o da *fusão*, ou seja, que a *libido* seria dessa espécie de essência que dos 2 tenderia a fazer *Um*, e quem - meu Deus - segundo um velho mito...

o que certamente não é de todo bom misticismo

... seria o que conteria uma das tensões fundamentais do mundo, ou seja, ser *Um*.

Este mito que é verdadeiramente algo que só pode funcionar num horizonte de delírio

e que estritamente falando nada tem a ver com qualquer coisa que encontramos na experiência.

Se há *algo* que é muito óbvio nas relações entre os sexos...

e que a análise não só articula, mas se faz jogar em todas as direções

... se tem uma *coisa* que dificulta os *relacionamentos*, é bem justamente a relação entre *mulheres e homens*

e que nada ali poderia assemelhar-se não sei a que *espontâneo*, a não ser precisamente este horizonte de que falei há pouco como estando no limite fundado em não sei que mito animal e que de algum modo *Eros*, ou uma tendência ao *Um*.
Longe disso!

É nessa medida, é nessa função que qualquer articulação precisa do que está envolvido nos dois níveis...

daquilo em que é apenas na *discórdia* que se funda a oposição entre os sexos, na medida

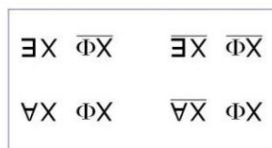
em que eles não poderiam de modo algum estabelecer-se como um *Universal*.

...que ao nível da existência - pelo contrário - é muito precisamente numa oposição que consiste na *anulação*, no *esvaziamento*, de uma das funções como sendo a da outra, que *oculta a possibilidade de articulação de Língua*, é isso que me parece essencialmente destacar.

Observe que agora mesmo, tendo falado com você sucessivamente *de negação, conjunção e disjunção*, Eu não fui até o fim com o que estava *envolvido*.

É claro que aqui novamente a *implicação* só pode funcionar entre os dois níveis:

- o da *função fálica*,
- e *aquele que o rejeita*.



Agora, nada do que é *disjunção*, no nível inferior, no nível da insuficiência da especificação universal, nada por tudo o que implica, nada exige, que seja *se e se apenas* a síncope da existência.

que ocorre no nível superior

... realmente ocorre, de modo que a discórdia do nível inferior é exequível, e muito precisamente vice-versa.

Por outro lado, o que vemos está mais uma vez funcionando...

de certa forma, mas distinta, mas separada

...a relação do nível superior com o nível inferior.

A exigência de que haja " *pelo menos um homem* "...

que é aquela que parece emitida ao nível deste *feminino* que se especifica como um " *não-tudo* ", uma dualidade

...o único ponto em que a dualidade tem chance de ser *representada*, há apenas um pré-requisito, se assim posso dizer, livre.

Este " *pelo menos um* ", nada o impõe senão a única chance - ainda tem que ser jogada - de *algo*

funciona do outro lado, mas como *ponto ideal*, como possibilidade de todos os homens alcançá-lo.

Pelo quê ? Por identificação! Há apenas uma necessidade lógica que só se impõe ao nível da aposta.

Mas observe, por outro lado, o que resulta disso em relação ao *Universal barrado*...

e é por isso que este *pelo menos aquele* em que o *Nome do Pai* se apoia , o *Nome do Pai mítico*, é indispensável

...é aqui que avanço um insight que é o que falta à *função*, à noção de *espécie* ou de *classe*.

É nesse sentido que não é por acaso que toda essa dialética nas *formas aristotélicas* se perdeu.

Enfim, de onde vem isso: esse " *existe pelo menos um* " que não é servo da *função fálica*, *função*?

É *apenas uma exigência*, eu diria do *tipo desesperado*, do ponto de vista de algo que

nem sequer pode ser sustentado por uma definição universal.

Mas, por outro lado, observe isso em relação ao *Universal* marcado ; !, todo homem é um servo da *função fálica*.

Este *pelo menos um* funcionando para escapar dele, o que isso significa? Eu diria que é a *exceção*.

É de facto o tempo em que o que diz – sem saber o que diz – o provérbio de que " *a exceção confirma a*

regra ", se sustenta por nós. É singular que seja somente com o *discurso analítico* que isso, que um *Universal*

pode encontrar seu verdadeiro fundamento na *existência da exceção* . O que significa que podemos certamente, em qualquer caso, distinguir o *Universal* assim fundado de qualquer uso comum feito pela tradição filosófica do assim chamado *Universal*.

Mas há uma coisa singular que encontro a título de investigação...

e por causa de um treinamento antigo eu não ignoro completamente o chinês

...pedi a um dos meus queridos amigos que me lembrasse o que obviamente tinha guardado mais ou menos apenas como vestígio e o que tinha de ser confirmado por alguém cuja língua materna é certamente muito estranho que em chinês o denominação de " *todo homem* ",

- seja a articulação de *dǔ*, que não estou escrevendo para você no quadro porque estou cansado, – ou a articulação mais antiga que se diz *quán*...

De qualquer forma, se isso te diverte, eu vou escrever para você de qualquer maneira:

dǔ : *tudo*, *quán* : *tudo*

Você imagina que podemos dizer, por exemplo: " *Todos os homens comem* ", bem se diz:

mǔjī gèrén dǔ chī : todo mundo come

" *Mǔjī* " insiste que está lá, e se você duvida, o numeral " *gè* " mostra que eles são contados.

Mas isso não os torna " *todos* ", acrescentamos " *dǔ* " que significa " *sem exceção* " ¹⁰.

Claro que poderia citar-lhe outras coisas, posso dizer-lhe que " *Todos os soldados pereceram* ", todos morreram, em chinês diz: " *Soldados sem exceção caput* ".

O " *tudo* " que vemos para nós se espalha a partir de dentro e só encontra seu limite na *inclusão*, na apreensão em conjuntos cada vez mais vastos.

Na língua chinesa, nunca se diz " *mǔjī* " ou " *dǔ* " apenas quando se pensa na totalidade em questão como conteúdo.

Você me dirá: " *sem exceção* ", mas é claro que o que nós, descobrimos no que estou articulando para você aqui como a relação da *existência única* em relação ao estatuto do *universal*, assume a aparência de uma *exceção* . .

Mas, além disso, essa ideia é apenas o correlato do que chamei anteriormente de " *o vazio do Outro* ".

O que avançamos na *lógica das classes* é que criamos a *lógica dos conjuntos*.

A diferença entre a *classe* e o *conjunto* é que:

– quando a *classe* está vazia não há mais *classe*,

– mas quando o *conjunto* está vazio, ainda existe este elemento do *conjunto vazio* [Ø].

É assim que, mais uma vez, a matemática ajuda a *lógica a progredir*.

E é aqui que podemos...

já que continuamos a conversar, mas vai acabar em breve, garanto

...é então ver onde assumir a unilateralidade da função existencial em relação ao outro, o outro parceiro enquanto ele é " *sem exceção* ".

Este " *sem exceção* ", implícito pela *não existência de X* [V S] na parte direita da tabela, ou seja, que não há exceção e que isso é algo que não há mais aqui de paralelismo, de simetria com a demanda que chamei antes de " *desesperada* " de *pelo menos um*, é uma demanda diferente e que se baseia nisto: é que em última análise o *universal masculino* pode tomar seu lugar na certeza de que não há mulher que deva ser castrada , e isso por razões que lhe parecem óbvias.

Só que na verdade isso não tem mais escopo porque é um seguro totalmente gratuito,

a saber, que o que recordei anteriormente sobre o comportamento da mulher mostra

bastante que sua relação com a *função fálica* é bastante ativa.

Só aí, como antes, se a suposição se baseia, de certa forma, na *certeza de que é de fato uma impossibilidade...*

que é o cúmulo da *realidade*

... isso não abala a *fragilidade*, se assim posso dizer, da *conjectura*

porque em todo caso a mulher não está mais segura disso em sua *essência universal*,

pela simples razão disso: é que o oposto do *limite*, a saber: que não há nenhum, que aqui não há *exceção*, o fato de que não há não é exceção não garante a *Universal...*

já tão mal estabelecido por causa disso que é discordante

...também não garante a *universalidade das mulheres*.

O " *sem exceção* ", longe de dar consistência a qualquer " *tudo* ", naturalmente

confere ainda menos consistência ao que se define como " *não-tudo* ", *como essencialmente dual*.

Então ! Espero que isto fique convosco como uma âncora necessária para o que mais tarde podemos tentar como escalada, se seguramente percorremos o caminho onde a irrupção desta coisa mais estranha deve ser seriamente questionada, nomeadamente a *função do A*.

Perguntamo-nos muito sobre a mentalidade animal que, afinal, só nos serve aqui de *referência espelhada*, um

espelho diante do qual - como diante de todos os espelhos - negamos pura e simplesmente.

Há algo que se poderia perguntar: para o animal, existe *Um* ?

O lado exorbitante do surgimento deste *Um* é o que seremos levados a tentar esclarecer em outros lugares, e é de fato para isso que há muito tempo convido você a reler, antes de abordá-lo, o Parmênides de *Platão* .

10 Cf. no site " *Laçanchine* " os artigos de Guy Flecher, Guy Sizaret...

59

Quando você conhece um idioma imperfeitamente e lê um texto, bem você entende, você sempre entende. Isso deve te acordar um pouco.

Você entende no sentido de que - de antemão - você sabe o que está sendo dito ali.

Naturalmente, segue-se que o texto pode se contradizer.

Por exemplo, quando você lê um texto sobre *Teoria dos Conjuntos*, é informado sobre o que constitui o conjunto infinito de inteiros.

Na linha seguinte lhe é dito algo que você entende, porque você continua lendo: “ *Não pense que é porque está sempre acontecendo que é infinito* ”.

Como acabamos de explicar a você que é por isso que é, você pula.

Mas quando você olha de perto, você encontra o *termo* que significa que é “ *deem* ” [julgar, *estimar*], ou seja, não é sobre isso que você deve julgar, porque eles sabem que essa série de números inteiros não pare, que é infinito, não é porque é indefinido.

Para que você perceba que é porque – ou você pulou “ *deem* ”

– ou você não está familiarizado o suficiente com o inglês,

que você entendeu muito rápido, ou seja, você pulou esse elemento essencial que é o de um

significante que torna possível essa *mudança de nível*, graças à qual você teve por um momento a sensação de uma contradição.

Você nunca deve pular um *significante*.

É na medida em que o *significante* não o detém que você compreende.

Ora, compreender é ser-se sempre compreendido nos efeitos do discurso, discurso esse que, enquanto tal, ordena os efeitos do saber já precipitados pelo mero formalismo do *significante*.

O que a psicanálise nos ensina é que: todo conhecimento ingênuo...

isso está escrito, e é por isso que *eu li*

...está associado a um velamento do *gozo* que aí se realiza e levanta a questão do que aí se trai *dos limites do poder*, ou seja - o quê?

- do layout imposto ao *gozo*.

Assim que falamos - é um fato! supomos algo sobre o que é falado, esse algo que imaginamos pré-posto, embora seja certo que nunca o supomos senão depois do fato.

É apenas ao fato de falar que se relaciona, no estado atual de nosso conhecimento, que se vê que *o*

que fala - seja o que for - *é o que se goza como corpo*.

O que gosta de um corpo que ele experimenta como...

o que eu já disse

...do “ *tu-able* ”, ou seja como *sendo familiar*, de um corpo que ele *conhece* e de um corpo ao qual ele diz “ *mata-te* ” na mesma linha.

Psicanálise, o que é?

É a identificação do que pode ser entendido como obscurecido, do que está obscurecido na compreensão, por causa de um *significante* que marcou um ponto do corpo.

A psicanálise é o que reproduz...

você encontrará os trilhos comuns

...é isso que reproduz uma produção de *neurose*.

Todos concordam com isso.

Não há psicanalista que não tenha notado isso.

Essa *neurose* que é atribuída - não sem razão - à ação dos pais, só é atingível

na medida em que a ação dos pais é *articulada* com precisão ...

este é o termo com o qual comecei a terceira linha

...da posição do psicanalista.

É na medida em que converge para *um significante* que dela emerge que a *neurose* será ordenada segundo o discurso cujos efeitos produziram o sujeito: qualquer pai traumático está, em suma, na mesma posição do psicanalista.

A diferença é que: – o

psicanalista, a partir de sua posição, reproduz a *neurose*

– e que o progenitor traumático o produz inocentemente.

O que está em jogo é - esse significante - *reproduzi* -lo a partir do que foi antes de tudo sua *eflorescência*.
Fazer um " *modelo* " da *neurose* é, em suma, a operação do *discurso analítico*.
Por quê ?

Na medida em que tira a "*dimensão*" do *gozo* !
De fato, o *gozo* requer privilégio: não há duas maneiras de fazê-lo para todos.
Qualquer reduplicação a mata : ela só sobrevive se sua *repetição* for *vã*, ou seja, sempre a mesma.

É a introdução do " *modelo* " que, esta *vã repetição*, o completa.
Uma repetição completa a dissolve, porque é uma repetição simplificada.
É sempre do *significante* que estou falando quando falo do " *yad'l'un* ".

Para estender este " *dl'un* " à extensão de seu império...
já que é certamente o *significante mestre*
...você tem que se aproximar dele onde ele foi deixado para seus talentos, para colocá-lo contra a parede.

É isso que o torna útil como impacto, o ponto em que cheguei este ano, não tendo escolha a não ser "...Ou *pior* ",
essa referência matemática, assim chamada porque é a ordem em que reina o matema, ou seja, o que
produz um *conhecimento* que, por ser apenas produzido, está vinculado às normas do *plus-de-jouir*, ou seja, algo mensurável .

Um matema é o que propriamente - e sozinho - é ensinado.
Somente o *Um é ensinado*. Ainda precisa saber o que é.
É por isso que este ano, eu estou perguntando a ele.

Não vou prosseguir com a minha leitura, que leio - penso - bem devagar - e que é tão difícil que, em cada um dos termos que escrevi
corretamente, algumas perguntas para você esperar.
É por isso que agora vou falar com você mais livremente.

Houve alguém no outro dia que saiu da última coisa no Pantheon...
talvez ele ainda esteja lá
...veio me desafiar no assunto de saber " *se eu acreditava na liberdade* ".

Eu disse a ele que ele era engraçado, e então, como ainda estou bastante cansado, terminei com ele, mas
isso não significa que eu não estaria pronto, quanto a isso, para confiar nele pessoalmente.

É um fato que raramente falo sobre isso.
Portanto, esta pergunta é sua própria iniciativa.
Não vou me arrepender de saber por que ele me perguntou.

O que eu gostaria então de dizer mais livremente é que ao aludir neste escrito ao que, ao que me encontro em
posição, esse *discurso analítico*, para limpá-lo, é bastante óbvio na medida em que o considero como constituindo,
pelo menos, potencialmente, esse tipo de *estrutura*
que designo pelo termo *discurso*, isto é, aquilo pelo qual, pelo puro e simples efeito da linguagem, *se precipita um laço social*.

Percebemos isso sem precisar da psicanálise.
É mesmo o que se costuma chamar de " *ideologia* ".

A maneira como um discurso se ordena de modo a *precipitar um laço social implica* , inversamente, que tudo o que
nele se articula seja ordenado por seus efeitos.

De fato, é assim que entendo o que estou articulando para você sobre o *discurso da psicanálise* :
é que se não houvesse a prática psicanalítica, nada do que eu possa articular sobre ela teria
efeitos que posso esperar.

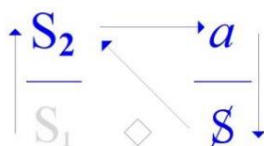
Eu não disse " *não faria sentido* ".
A *característica do sentido* é estar sempre confuso, isto é, *fazer a ponte*, acreditar fazer a ponte, entre
— um *discurso* na medida em que nele se precipita um laço
social, — com o que, de outra ordem, *vem de outro discurso*.

O chato é que quando você procede, como acabei de dizer neste escrito, "é uma questão de proceder", ou seja, de apontar em um
discurso aquilo que o faz função do *Uno*, o que faço de vez em quando? ?

Se você me permite esse neologismo, *eu faço unologia*. Com o que estou articulando qualquer um pode fazer uma *ontologia*, segundo o que supõe para além desses dois horizontes, que marquei como sendo definidos como *horizontes do significante*.

Pode-se começar, no *discurso universitário*, a tomar o modelo da minha construção, supondo nele em um ponto arbitrário não sei que essência se tornaria - não se sabe por quê - o valor supremo.

É particularmente propício ao que se oferece ao *discurso universitário* em que o que está em jogo é, segundo o diagrama que dele desenhei, colocar S2 - onde? - em vez de *aparência*.



Antes que um *significante* seja realmente colocado em seu lugar, ou seja, precisamente manchado pela ideologia para a qual é produzido, ainda tem efeitos de circulação. O *sentido precede* em seus efeitos o *reconhecimento de seu lugar*, seu lugar instituinte.

Se o *discurso universitário* se define pelo fato de que o *conhecimento* é colocado ali em posição de *semblante*, é isso que se controla, é isso que se confirma pela própria natureza do ensino onde, o que você vê?

É uma falsa ordenação do que foi capaz de " *espalhar*", se assim posso dizer, ao longo dos séculos, *de várias ontologias*.

Seu cume, *seu culmen* é o que se chama gloriosamente de *A História da Filosofia*, como se a filosofia não tivesse...

e está amplamente demonstrado

... sua fonte nas aventuras e desventuras do *discurso do Mestre*, que deve ser renovado de tempos em tempos.

A causa dos vislumbres da filosofia é, como se afirma suficientemente a partir dos pontos de onde surgiu precisamente a noção de ideologia, como se, portanto, a causa em questão não estivesse em outro lugar.

Mas é difícil para qualquer processo de articulação de um discurso - especialmente se ele ainda não foi identificado - dá pretexto a um certo número de respirações prematuras de novos " *seres* ".

Sei muito bem que tudo isso não é fácil e que ainda temos que...

isso na boa tradição do que estou fazendo aqui

...deixe-me dizer-lhe coisas mais divertidas.

Falemos então de " *O analista e o amor*". *Amor* em análise...

e é claro que é por causa da posição do analista

...falamos de *amor*. Tudo considerado, *não falamos mais sobre isso do que em qualquer outro lugar*, já que, afinal , o *amor é para que serve*.

Não é a coisa mais agradável, mas finalmente no século, falamos muito sobre isso.

É até prodigioso - desde os tempos! - que continuamos a falar sobre isso, porque no final, com o tempo, poderíamos ter percebido que não funcionou melhor para tudo isso.

É, portanto, claro que *é falando que se faz amor*.

Então o analista, qual é o papel dele nisso?

Uma análise pode realmente fazer *um amor* ter sucesso ?

Eu tenho que te dizer, quanto a mim... *[Risos]*, eu não conheço um exemplo. E mesmo assim tentei! *[Risos]*

Foi para mim - claro, porque não nasci completamente das últimas chuvas - um desafio.

Espero que a pessoa não esteja lá, tenho certeza *[Risos]* !

Eu contratei alguém, graças a Deus, que eu sabia de antemão que precisava de psicanálise, mas com base nesse *pedido*...

você percebe que porcaria eu posso fazer para verificar minhas afirmações... com base nisso: que ele tinha que ter o *conjugado* com a dama de seu coração a todo custo.

Naturalmente, é claro que falhou - graças a Deus! - assim que possível !

Bem, vamos resumir, porque tudo isso são anedotas.

Essa é outra história, mas assim, um dia, quando tiver sorte e me arriscar a fazer La Bruyère, lidarei com a questão da relação entre *amor* e *aparência*.

Mas não estamos aqui esta noite para pensar nessas bugigangas!

Trata-se de saber isso, ao qual volto porque me pareceu que eu tinha sido o pioneiro da coisa, é a

relação de tudo o que estou em processo de reafirmação, que estou lembrando a vocês. com um breve *toque de verdades da experiência*, é conhecer a função, na psicanálise, do sexo.

Mesmo assim, acho que atingi até os ouvidos mais surdos nesse ponto com a afirmação disso que merece ser comentada: *que não há relação sexual*. Claro que isso merece ser articulado.

Por que o *psicanalista* imagina que a base daquilo a que se refere é o sexo ? Que o sexo é real, não há dúvida sobre isso. E sua própria estrutura é o dual, o número “ *dois* ”.

O que quer que se pense, são dois: homens, mulheres, dizem, e persistimos em acrescentar os Auvergnats! *[Risos]* É um erro ! Ao nível da *realidade* não há Auvergnats. O que se trata quando se trata de sexo é o *outro*, o *outro sexo*, mesmo quando preferimos o mesmo.

Não é porque eu disse antes que no que diz respeito ao sucesso *de um amor*, a ajuda da psicanálise é *precária*, que se deve acreditar que o psicanalista não dá a mínima, se é que posso dizer assim. Que o *parceiro* em questão é *do outro sexo* e que o que está em jogo é algo que diz respeito ao *seu gozo*, fala do outro, do terceiro, sobre o qual essa “ *conversa* ” se afirma em torno do amor, do O psicanalista não pode ficar indiferente a isso, pois *aquele que não está ali*, para ele , é o *real*.

Esse *gozo*, aquele que não está *em análise*, se você me permite me expressar assim, *funciona para ele como real*. O que ele tem, por outro lado, na análise - isto é, o sujeito - ele o toma pelo que é, isto é, pelo *efeito de discurso*.

Observe de passagem que ele não a subjetiva. Isso não quer dizer que tudo isso sejam suas pequenas ideias, mas que como sujeito ele é determinado por um discurso do qual vem há muito tempo, e é isso que pode ser analisado.

O analista, específico, não é de forma alguma um *nominalista*. Ele não pensa nas representações de seu sujeito, mas deve intervir em seu discurso, fornecendo-lhe um suplemento de significante. Isso se chama *interpretação*.

Pois o que ele não tem ao seu alcance, isto é, o que está em questão, a saber, o *gozo daquele que não está lá*, em análise ele o toma pelo que é, ou seja, com segurança da ordem do *real*, uma vez que não pode fazer nada a respeito.

Há uma coisa impressionante é que o sexo tão *real*...

quero dizer *duelo*, quero dizer que haja *dois*

...nunca ninguém, nem mesmo o bispo Berkeley, ousou afirmar que era uma pequena ideia que todos tinham em mente, que era uma representação. E é muito instrutivo que, em toda a história da filosofia, ninguém jamais tenha pensado em estender o *idealismo* tão longe.

O que acabei de dizer sobre isso é o seguinte:

que especialmente por algum tempo, o sexo, vimos o que era no microscópio...

Não estou falando de órgãos sexuais, estou falando de gametas

...você percebe que nos faltava isso até Leeuwenhoek e Swammerdam.

Quanto ao sexo, fomos reduzidos a pensar que o sexo estava em toda parte: *[55'...]*

a natureza , o *yyyy* *[nouss]*, a coisa toda, tudo isso era sexo... e as *fêmeas faziam amor com o vento*.

11

O fato de sabermos com certeza que o sexo existe:

em duas pequenas celas que não se parecem, disso e a pretexto de sexo...

é claro, desde muito antes de se saber que existem duas espécies de gametas

...em nome disso o psicanalista acredita que existe uma *relação sexual*.

Vimos psicanalistas...

na literatura, em um campo que não se pode dizer muito filtrado

...encontrar na intrusão do gameta masculino...

“ *espermatozóide* ” como dizem, e “ *zoid* ” novamente

...no envelope do óvulo, encontrar ali o modelo de não sei que formidável arrombamento.

11 Cf. “ *Dicionário de fábulas ou mitologias gregas, latinas e egípcias* ” de François-Joseph-Michel Noël (1803): “O abutre é usado para designar a mãe, porque segundo os egípcios só existem abutres fêmeas. Aqui, dizem, do que forma como este pássaro é gerado: quando está apaixonado, abre seus genitais ao vento norte e é como se fosse fecundado por cinco dias, durante os quais não come nem bebe, inteiramente ocupado com o cuidado da reprodução. »

Como se houvesse alguma ligação...

entre essa referência que não tem a menor relação, senão a mais grosseira metáfora, com o que está envolvido na cópula

...como se pudesse haver alguma coisa ali que se referisse ao que entra em jogo nas *chamadas* relações de "amor", ou seja - como eu disse e antes de tudo - muitas *letras*. Essa é toda a questão.

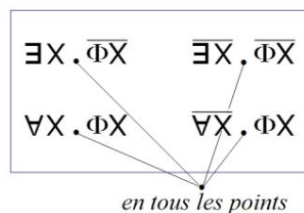
E é realmente aí que a evolução das *formas do discurso* é para vós *muito mais indicativa* do que se trata - são efeitos do discurso - muito mais indicativa do que qualquer referência ao que é totalmente, mesmo que seja os sexos são dois, ao que fica totalmente em suspenso, a saber, se o que esse discurso é capaz de articular inclui, sim ou não, a relação sexual. Isso é o que vale a pena questionar.

As *pequenas coisas* que já *escrevi* para você no quadro, a saber:

— a oposição de a : e a /, de um " *existe* " e de um " *não existe* " no mesmo nível, — a de " *não é verdade que* $\bar{y}x$ ", e por outro lado de um " *tudo x está em conformidade com a função* $\bar{y}x$ " e de " *nem todos* " - que é uma nova fórmula - " *nem todos* ", e nada mais, " *não é suscetível* " - na coluna da direita - " *para satisfazer o chamado fálico função* ", isso é o que ...

como tentarei explicar nos seminários que se seguirão, ou seja, *noutro local*

...ou seja, em uma série de *lacunas* que se encontram *em todos os pontos* para supor que de acordo com esses termos - isto é , *aquí, aquí, aquí, aquí* - várias lacunas, nem sempre iguais,



...é isso que merece ser destacado para dar status ao que está acontecendo em torno do assunto, a relação sexual.

Isso nos mostra bastante até que ponto a linguagem traça, em sua própria gramática, os chamados *efeitos de sujeito* , isso cobre bastante do que foi descoberto primeiro da lógica, para que possamos a partir de agora nos ligarmos como tenho feito desde alguns destes apelos que faço, à audição de um significante, para que possa tentar dar-lhe *sentido*, porque é o único caso - e com razão - em que este termo " *significado* " é justificado, para declará-lo: " *há Um* ".

Porque há uma coisa que deve parecer a você mesmo assim, é que, se não há relação, é que - dos dois - cada um permanece um.

O inédito é que os psicanalistas, cuja mitologia é mais ou menos justamente denunciada, é engraçado que justamente aquele que deixamos de denunciar é o que está mais ao nosso alcance.

Quando os gametas se juntam, o que resulta não é a fusão dos dois.

Antes que isso aconteça, é preciso haver uma vaca de evacuação: a *meiose* que chamamos isso!

E o que é *Um, novo*, é feito com o que podemos chamar com razão...

por que não, eu não quero ir muito longe

...não vou dizer *fragmentos de cada um deles*, mas finalmente um " *cada um deles* " que liberou um certo número de *fragmentos*.

Encontre - e meu Deus da pena de Freud - a ideia que se *baseia*... *Eros*

no subjuntivo [*portanto: derreter*] : veja a ambiguidade, mas não vejo porque não vou usar a língua francesa, entre fundação e fusão

Eros se *baseia* em fazer o *Um* com os dois, obviamente é uma ideia estranha,

...aquilo de onde, é claro, procede essa ideia absolutamente exorbitante que se

encarna na pregação à qual, no entanto, o querido Freud repugna com todo o seu ser...

ele nos libera da maneira mais clara em " *The Future of an Illusion* ", em muitas outras coisas, em muitos outros lugares, em " *Malaise dans la civilização* "

...sua repugnância a essa ideia de amor universal.

E, no entanto, a força fundadora da vida, do " *instinto de vida* ", como se expressa, estaria inteiramente nesse *Eros* que seria o princípio da união!

Não é apenas por razões didáticas que eu gostaria de produzir diante de vocês, sobre o tema do *Uno*, o que se pode dizer para contrariar essa mitologia grosseira, além de que ela talvez nos permita, não só exorcizar Eros, quero dizer o Eros da doutrina freudiana, mas também o querido Tánatos com o qual já nos aborrecemos há muito tempo.

E não é em vão neste lugar, fazer uso de algo que não é por acaso que vem à tona há algum tempo. Da última vez, já apresentei uma consideração do *que pode ser identificado como teoria dos conjuntos*. Claro, não se apresse assim!

Por que não também... porque também podemos nos divertir um pouco: homens e mulheres também estão "*juntos*". Isso não os impede de estar por conta própria. Trata-se de saber se, neste "*há o Um*" em questão, não poderíamos "*o todo*"... de um "*conjunto*" claro, que nunca foi feito para isso ...atire alguma luz.

Então, já que aqui estou fazendo *balões de ensaio*, proponho apenas tentar ver com vocês o que pode ser útil, não vou dizer uma ilustração, é uma coisa bem diferente: é sobre o que o significante tem a ver com *único*. Porque é claro que o *Um* não apareceu ontem.

Mas ainda surgiu sobre duas coisas bem diferentes:
– sobre um certo uso de instrumentos de medição,
– e ao mesmo tempo de algo que não tinha absolutamente nenhuma conexão, a saber, a função do indivíduo.

O *indivíduo* é Aristóteles.

Aristóteles, esses seres que se reproduzem, sempre os mesmos, o impressionaram. Já havia atingido outro, um homem chamado Platão, que na verdade acredito que foi porque não tinha nada melhor para se oferecer para nos dar uma ideia da *forma* que estava tomando, para afirmar que *a forma* é real. Ele teve que *ilustrar* o melhor que pôde, sua ideia de "*a ideia*".

É claro que o outro [Aristóteles] aponta que, mesmo assim, "*a forma*" é muito bonita, mas o que a distingue é isso: é simplesmente aquilo que reconhecemos em "*um certo número de indivíduos que se assemelham*".

Aqui estamos em várias *vertentes metafísicas*. Isso não nos interessa em nenhum grau, a maneira como o *Um* se ilustra:
– seja do indivíduo – seja de
um certo uso prático da geometria.

Quaisquer refinamentos que você possa adicionar à referida *geometria*...
pela consideração das proporções, do que se manifesta como uma diferença entre a altura de uma estaca e a de sua sombra
... Já faz muito tempo que percebemos que o *Um* coloca outros problemas, e isso pelo simples fato de que a matemática progrediu um pouco.

Não vou voltar ao que afirmei da última vez, ou seja, sobre o cálculo diferencial, as séries trigonométricas e, em geral, a concepção do número definido por uma sequência.

O que parece muito claro é que a questão é colocada ali de maneira bem diferente do que é sobre o *Uno*, porque uma sequência é caracterizada por isso: é confusa como a sequência de números inteiros. É uma questão de contabilizar qual é o número inteiro.

É claro que não vou lhe dar uma declaração de *teoria dos conjuntos*. Eu só quero apontar isso:
– que primeiro tivemos que esperar bem tarde, no final do século passado, não faz mais de cem anos que se tentou explicar a função do *Uno*, - que é notável que "*o todo*" seja definido de tal maneira que o primeiro aspecto sob o qual ele aparece é o do "*conjunto vazio*", e que, por outro lado, este constitui um "*conjunto*", ou seja, aquele do qual o chamado "*conjunto vazio*" [Ø] é o único elemento: isso faz um "*definido para um elemento*".

É aqui que começamos, e da última vez... digo isso para aqueles que não estavam lá no Panteão, onde comecei a abordar esse assunto escorregadio - *que a fundação do Uno*, portanto, acaba sendo devidamente constituído do lugar *de uma falta*. Eu a ilustrei grosseiramente a partir do uso pedagógico no que se trata de fazer entender a dita *teoria dos conjuntos*, para fazer sentir que a dita *teoria* não tem outro objeto direto senão mostrar como se pode gerar a noção própria de *cardeal*. *número* por correspondência um a um. Eu ilustrei da última vez: é no momento em que - nas duas séries comparadas - um parceiro, que surge a noção do *Uno* : *falta um*.

Tudo o que foi dito do *número cardinal* vem disso, é que se a *sequência de números sempre inclui necessariamente um, e apenas um, sucessor*, se na medida em que, no *cardinal* é realizado - da ordem do número - o que está envolvido: é propriamente a *sequência cardinal* começando em zero, vai até 'ao número imediatamente anterior ao sucessor'.

Ao afirmar isso para você - de forma improvisada - cometi um pequeno erro na minha afirmação: o de, por exemplo, falar de uma sequência como se já estivesse ordenada.

Retire isso que não afirmei: é simplesmente que cada número - cardinalmente - corresponde ao *cardinal* que o precede adicionando o conjunto vazio a ele.

A coisa importante sobre o que eu gostaria de fazer você sentir esta noite é que se o *Um* surge a partir do efeito da *falta*, a *consideração dos conjuntos presta-se a algo*, que julgo ser digno de menção e que gostaria de destacar, a partir da referência ao que a *teoria dos conjuntos* permitiu distinguir na ordem do que está nele. tipos: – o *conjunto finito*,

– e admitir o *conjunto infinito*.

Nessa afirmação, o que caracteriza o *conjunto infinito* é propriamente poder ser colocado como *equivalente a qualquer um de seus subconjuntos*. Como Galileu já havia comentado...

que, portanto, não esperou por Cantor

...a sequência de todos os quadrados está em correspondência de um para um com cada um dos inteiros.

Na verdade, não há razão para considerar que um desses quadrados seria muito grande para estar na *sequência de números inteiros*.

É isso que constitui o *conjunto infinito*, por meio do qual dizemos que pode ser *reflexivo*.

Por outro lado, no que está envolvido no *conjunto finito* se diz, como sendo sua propriedade maior, que é propício ao que é exercido no raciocínio estritamente matemático...

ou seja, no raciocínio que o utiliza

...ao que se chama " *indução* ".

" *Indução* " é admissível quando um conjunto é finalizado.

O que eu gostaria de salientar a você é que na *teoria dos conjuntos* há um ponto que, de minha parte, considero problemático. É aquele que se enquadra no que se chama " *a não-contabilidade das partes* ", significa por esses *subconjuntos*, como eles podem ser definidos a partir de um conjunto.

É muito fácil se você começar assim: pegar o número cardinal: você tem um conjunto composto, por exemplo, de cinco elementos.

– Se você chamar " *subconjunto* " a entrada em 1 conjunto de cada um desses cinco *elementos*, – então os *grupos* que formam 2 desses *elementos* de cinco, é fácil para você calcular quantos *subconjuntos* isso fará : há a tem exatamente dez.

– Então você leva por 3: *haverá mais dez*.

– Então você os leva por 4. Serão cinco.

– E você chegará ao final do todo, pois há apenas um, ali presente, para entender 5 elementos.

Ao qual se deve acrescentar o *conjunto vazio* que, em todo caso, sem ser *elemento do conjunto*, se manifesta como uma de suas partes. Porque as partes não são o elemento.

O que acontece...

se alguém quisesse escrever no quadro-negro para mim, isso me daria paz de espírito

...está escrito assim: 1, 5, 10, 10, 5, 1.

O que acontece que definimos como parte do todo?

– O conjunto vazio está lá.

– Les 5 elementos a, b, c, d, e, por exemplo sont là.

– Ce qui est ensuite, c'est av, ag, ad , äy. Você pode fazer o mesmo de y, você pode fazer de y, etc. Você verá que existem 10 deles.

– E então aqui você tem (yÿÿÿ) com a *falta* de y. E você pode, ao perder cada uma dessas letras, obtenha o número necessário de 5 para agrupar como *partes* dos elementos.

Dado o que você encontra, o que é certo... seria suficiente para mim completar esta afirmação com um conjunto de cardeais 5 posteriormente, que vamos deixar de lado, que é aquele que se refere a um conjunto de 4 elementos.

Ou seja, imagine-o como um tetraedro. Você verá que tem uma *tétrade*: tem 6 *arestas*, tem 4 *vértices*, tem 4 *faces* e também tem o *conjunto vazio*.

A observação que faço tem o seguinte resultado: aludi ao outro caso apenas para mostrar que em ambos os casos "a soma das partes" é igual a 2^N , N sendo precisamente "o número cardinal dos elementos do conjunto".
Não se trata aqui, de forma alguma, de algo que abala a teoria dos conjuntos.

O que se afirma a respeito da contabilidade tem todas as suas aplicações, por exemplo, na observação de que nada muda na "categoria de infinito de um conjunto" se dele for removida uma "qualquer sequência contável".
No entanto, a contribuição que se dá da não-contabilidade, em que certamente e em todo caso, não se pode aplicar a um conjunto, um conjunto finito, a soma de suas partes definida como acaba de ser, é esta - pergunto-me - a melhor maneira de introduzir "a não-contabilidade de um conjunto infinito"?

Esta é uma introdução didática.

Eu a contesto a partir do momento em que a propriedade da reflexividade como é atribuída ao conjunto infinito e o que implica que lhe falta a indutividade característica dos conjuntos finitos, vamos escrever no entanto, como pude ver em certos lugares, que "a não-contabilidade das partes do conjunto finito" sairia - sublinho - por indução, do fato de que essas partes seriam escritas como o conjunto infinito dos números inteiros está escrito: $2^{\mathbb{N}}$

Eu discordo! E como desafiá-lo? Eu contesto isso, que há algum artifício, quando se trata das partes do todo, tomá-las em sua escala, cuja adição de fato dá a potência 2^N .
Mas é claro que se você tiver de um lado: a, b, c, d, e - para afrancesar as letras gregas que eu escrevi no quadro, eu tinha uma razão para isso - e se você trouxer isso quem responde:

- a, b, c, d, correspondem a e, - a,
- b, d, e, correspondem a c.

Você vê que o número de partes, se você substituir por uma partição, leva a uma fórmula que é muito diferente, mas você verá por que me interessa: é que o número é 2^{N-1} . Eu não posso aqui, dado o tempo e depois o fato de que afinal isso não interessa absolutamente a todos aqui, mas eu gostaria sobre isso, solicito...

Eu imploro devo dizer como costumo fazer, de forma desesperada
...Peço aos gramáticos de vez em quando para me dar uma gorjeta...
eles me mandam alguns: são sempre os ruins
...Pedi a matemáticos - muitos já - que me respondessem sobre isso, e na verdade eles fazem ouvidos moucos.

Você tem que dizer que essa "contabilidade das partes do todo", eles se agarram a ela como um carrapato na pele de um cachorro.
No entanto, proponho isso que tem pouco interesse, vou direto para um gol que deixará de lado um ponto que gostaria de terminar depois, mas vou direto para um gol que tem seu interesse.

Seu interesse é este: é que, para substituir a noção de "partes" pela de "partitura", é preciso...
da mesma forma que admitimos que as partes do conjunto infinito seriam $2^{\mathbb{N}}$, ou seja, a menor das transfinitas, aquela constituída pelo conjunto, o cardinal do conjunto dos inteiros $[\mathbb{N}]$
...em vez de ter $2^{\mathbb{N}}$, temos: $2^{\mathbb{N}-1}$.

Suspeito que isso - para qualquer um - possa fazer sentir o abuso de assumir a bipartição de um conjunto infinito.

Se, como a própria fórmula traz o rastro, o que se chama "conjunto de partes" leva a uma fórmula que contém o número 2 elevado à potência [do cardinal] dos elementos do conjunto, é totalmente aceitável ...
e especialmente a partir do momento em que questionamos a indução quando se trata do conjunto infinito
... como é admissível que aceitemos uma fórmula que se manifesta tão claramente que se trata, não de partes do todo, mas de sua partição.

Vou acrescentar algo que tem seu próprio interesse: é que \aleph_0 , é claro, é apenas um índice...
índice que não é tomado ao acaso, e índice forjado para designar...
porque há toda a série de outros admitida em princípio, toda a série de inteiros pode servir de índice para o que está envolvido no conjunto na medida em que funda o transfinito
... porém, a partir do momento em que o que está em jogo é a função do poder, e parece que abusamos da indução, permitindo-nos encontrar aí um teste da não-contabilidade das partes do conjunto infinito, se olhando bem, não encontraríamos aqui, neste zero, outra função, aquela que tem na potência exponencial, ou seja, que qualquer número, o expoente zero quanto ao que é potência, o igual a 1, seja qual for esse número.

12 Uma classe de conjuntos infinitos é a classe dos chamados conjuntos infinitos contáveis (equipotentes a \aleph_1). Outra classe de conjuntos infinitos é a classe de conjuntos equipotente aos quais são chamados de conjuntos contínuos. Surge então o problema da hipótese do contínuo: existe um conjunto cuja cardinalidade é estritamente compreendida entre \aleph_0 e \aleph_1 , quem é o cardinal de quem é o cardinal?

Ressalto: qualquer número elevado a 1 é ele mesmo [$n^1 = n$], mas um número elevado a zero é sempre 1, pela razão muito simples, é que um número elevado a -1, é seu inverso. [$1/n = n^{-1}$], $n^1 \cdot n^{-1} = n^0 = 1$]
 É, portanto, 1 que serve aqui como o elemento pivô.

A partir deste momento, a *partição do conjunto transfinito* resulta nisso, ou seja, se igualarmos o zero aleph nesta ocasião a 1, temos para qual é a partição do conjunto, o que de fato parece bastante admissível, a saber, que a sequência de inteiros é suportado por nada além da reiteração do 1, o 1 *saindo do conjunto vazio*.

É para se reproduzir que constitui o que dei da última vez como sendo ao princípio manifestado no " *triângulo de Pascal* ", do que está no nível do *cardeal das mônadas*, e que por trás do suporte o que chamei...

Eu digo isso para os surdos que se perguntaram sobre o que eu disse

...o " *nade* ", ou seja, o 1 *que sai do conjunto vazio*, pois é a *reiteração da falta*.

Sublinho com muita precisão o fato de que o 1 em questão é muito bem o que a *teoria dos conjuntos* apenas substitui como *reiteração*, o *conjunto vazio*, aquilo em que ele se manifesta - *ele*, a *teoria dos conjuntos* - a verdadeira natureza do " *nade* ".

O que de fato se afirma no *princípio do todo*, este sob a pena de Cantor...

certamente como se costuma dizer: " *ingênua* " no momento em que ela abriu esse caminho verdadeiramente sensacional

...o que a pena de Cantor afirma é que em relação aos *elementos do todo*...

isso significa que se trata de algo tão diverso quanto se queira, com a única condição de que postemos cada uma dessas coisas, que chegue a dizer objetos *da intuição ou do pensamento*, assim ele se expressa. E, de fato, por que recusá-lo, isso não significa nada além de *algo tão eterno quanto você deseja*

...é bastante claro que, a partir do momento em que se mistura *intuição com pensamento*, o que está *em jogo são os significantes*, o que se manifesta naturalmente pelo fato de se escrever *a, b, c, d*.

Mas o que se diz é muito seguramente isto: que o que é excluído...

portanto, ao pertencer a um *conjunto* como um *elemento*

...é que qualquer elemento se *repita* como tal.

É, portanto, tão distinto que qualquer elemento de um conjunto subsiste.

E quanto ao *conjunto vazio*, afirma-se no princípio da *Teoria dos Conjuntos* que só pode ser 1.

Este 1, " o *nade* ", na medida em que está no princípio do surgimento do *Um numérico*, do *Um* do qual o *número inteiro* é feito, é, portanto, algo que se coloca como sendo de origem o *próprio conjunto vazio*.

Essa noção é importante porque se questionamos essa estrutura, é na medida em que para nós no *discurso analítico*, o 1 é sugerido como sendo o princípio da *repetição*, e que, portanto, aqui se trata justamente da espécie de 1 que é marcado para nunca ser, no que está envolvido na teoria dos números,

— apenas uma *falta*, —
 apenas um *conjunto vazio*.

Mas há, desde o momento em que introduzi esta função da partitura, um ponto do " *triângulo de Pascal* " que você me permitirá questionar. Com as duas colunas que acabei de fazer, tenho o suficiente para mostrar onde está meu ponto de interrogação. Aqui está o que eu declaro.

1	1	0	1	0	0	0	0	0	0
4	5	0	1	1	1	1	1	1	1
6	10		0	1	2	3	4	5	
4	10			0	1	3	6	10	
1	5				0	1	4	10	
						0	1	5	
							0	1	
								0	

Se é verdade que só temos como *número de partições* o número que foi previamente atribuído ao conjunto ($n-1$), ao conjunto cujo número cardinal é menor em uma unidade do que o cardinal de um conjunto, veja como, gerar a partir desse número que corresponda às partes " *supostas* " do conjunto que chamaremos mais brevemente *menores*, menores de 1, como um *elemento*, para encontrar, como o *triângulo de Pascal* já nos ensinou, as partes que irão compor...

eles serão encontrados em uma bipartição

... que irá compor como parte, conforme a primeira afirmação, o todo superior, cada vez temos que somar o que corresponde na coluna da esquerda aos 2 números que estão localizados:

— [1] imediatamente à esquerda,
 — e [2] acima do primeiro,

obter de vez em quando: aqui o número 10, aqui o número 4.

Mas tomar essa equivalência, essa " *mesmice da diferença absoluta* ", tomá-la como isolável...

e isso não é levado nessa *inclusão de conjunto*, se assim posso dizer, o que o tornaria um *subconjunto*
... isso significa que a *mesmice* como tal é, em um ponto, contada!

Isso me parece *de extrema importância*, e muito precisamente, por exemplo, ao nível do jogo platônico que torna a *semelhança* uma ideia de *substância*, na perspectiva realista, um *universal* na medida em que esse *universal* é a *realidade*.

O que vemos é que não está *no mesmo nível*, e é isso que eu mencionei no meu último discurso no Hall da Fama, não está no mesmo nível que a ideia de que o *tipo* é apresentado.

A *mesmice dos elementos do conjunto* é contada como tal como desempenhando seu papel nas *partes do conjunto*.

A coisa certamente tem sua importância para nós, pois do que se trata no nível da *teoria analítica* ?

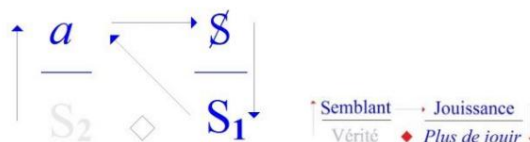
A *teoria analítica* vê o *Um* apontando para dois de seus *níveis*. O *Um* é *aquele* que se repete.

Está na base dessa grande incidência na *fala* do analisando, que ele denuncia com certa repetição, no que diz respeito a – a quê? - para uma estrutura significativa.

O que mais é...

considerar o *esquema* que dei do *discurso analítico*

...o que acontece a partir da fixação do *sujeito* ao nível do " *gozo de falar* " ?



O que se produz e o que designo no chamado palco do *plus-de-jour* é S1, ou

seja, uma produção significativa que proponho...

mesmo que isso signifique me dar o dever de fazer você sentir o impacto

...que proponho reconhecer no que é o quê?

– O que é " *a mesmice da diferença* " ?

– O que significa que *algo que designamos no significante por várias letras é o mesmo* ?

– O que pode significar " *o mesmo* " ? , se não é *justamente* que ele é único,
partindo da própria hipótese da qual, na *teoria dos conjuntos*, parte a função do *elemento* ?

Aquele que é...

aquilo que o sujeito produz, digamos " *ponto ideal* " na análise

... é muito precisamente, ao contrário do que está envolvido na repetição, - o

Um como um, - o *Um* como - qualquer que seja a diferença que existe -

todas as diferenças valem:

há apenas um, *essa é a diferença*.

Era com isso que eu queria terminar este discurso esta noite, além do fato de que a hora e meu cansaço estão me pressionando por acaso.

A ilustração dessa função do S1 como a coloco na fórmula regente do *discurso analítico*, a darei nas sessões que virão.

Você sabe, aqui eu digo o que penso.

É *uma posição feminina*, porque no fundo o *pensamento* é muito particular.

Então, enquanto eu escrevo para você de vez em quando, eu tenho...

assim, durante uma pequena viagem que acabei de fazer

...inscreve *um certo número de proposições*, a primeira das quais é que se deve reconhecer que o psicanalista é posto, pelo *discurso*...
é um termo para mim

...pelo *discurso que o condiciona*...

o que chamamos, desde mim, o *discurso do psicanalista* ...

em uma posição, digamos, difícil, Freud disse *impossível : unmöglich*, talvez seja um pouco forçado, ele falou por si mesmo.

Bom ! Por outro lado - 2ª proposição: ele sabe...

isso por experiência, o que significa que, por pouco que tenha praticado a psicanálise,

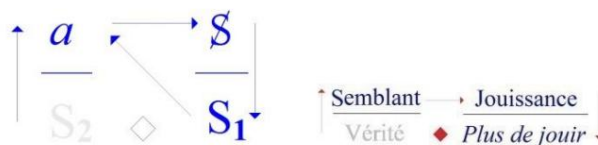
ele sabe o suficiente para o que estou prestes a dizer

...ele sabe em todo caso ter uma medida comum com o que eu digo.

É completamente independente do fato de ele estar - do que eu digo - informado, pois o que eu digo é bem-sucedido...

como eu tenho, parece-me, demonstrado este ano

...situar o conhecimento dele [S2].



Essa é a história do conhecimento sobre a verdade :

- este é o lugar da *verdade* – para quem vem pela primeira vez. – aquele, aquele do *semblante*,
- aquele, aquele do gozo [*de falar*] – e aquele, do *plus-de-jouir*, o que escrevo de forma abreviada assim: “ + de gozo ”. Para apreciação, vamos colocar um J.

É *sua relação com o conhecimento* que é difícil, não - é claro - o que estou dizendo,

pois em toda a psicanálise *ninguém* sabe que estou dizendo isso. Isso não quer dizer que não saibamos nada do que estou dizendo, pois vem da *experiência [analítica]* .

Mas temos, pelo que sabemos, *horror* !

O que posso dizer, assim, muito simplesmente, que os compreendo...

“ *Posso dizer* ”, ou seja: “Posso dizer, se insistirmos nisso...”

...mas eu os entendo...

Coloco-me no lugar deles, tanto mais facilmente quanto estou lá.

Mas compreendo com mais facilidade porque, como todo mundo, ouço o que digo.

No entanto, não acontece comigo todos os dias, porque não é todos os dias que eu falo.

Na realidade eu compreendo - isto é, ouço o que digo - os poucos dias, digamos um ou dois, que precedem imediatamente o meu seminário, porque nessa altura começo a escrever-vos.

Em outros dias, o pensamento daqueles com quem tive que lidar me oprime.

Eu tenho que confessar a você, porque naquele momento, a impaciência do que eu já chamei...

e para que eu ainda possa ligar, porque é raro, assim, que eu volte

...do que chamei de “ *meu fracasso* ” em *Scilicet* me domina. Então...

Sim... *eles sabem!* Lembro-me disso porque o título do que tenho que tratar aqui é *O saber do psicanalista*.

“ *Du* ” neste caso, evoca “ o ”, artigo definido em francês, enfim é o que chamamos de *definido*.

Sim ! Por que não “ *psicanalistas* ”, depois do que acabei de dizer? Seria mais de acordo

com o meu tema para este ano, que é dizer “ *há um* ”.

“ *Há alguns* ” que se chamam assim.

Estou muito menos para discutir dizendo-lhes que não há outros.

Eu digo " *du* ", por quê? É porque é para eles que falo, apesar da presença de um número muito grande de pessoas que não são psicanalistas aqui.

O psicanalista, portanto, sabe o que estou dizendo.

Eles sabem disso – eu lhe disse – por experiência, por pouco que tenham, ainda que reduzida à didática que é o requisito mínimo para que se intitulem “ *psicanalistas* ”.

Porque mesmo que o que eu chamei de “ *O passe* ” seja perdido, bem, vai se resumir a isso: que eles terão tido uma “ *psicanálise didática* ”, mas no final, isso é suficiente para eles saberem o que estou dizendo.

O passe...

é sempre em *Scilicet* que tudo isto passa, é antes o local indicado [*Scilicet: "saber"*]
...quando digo que “ falta o passe ”, isso não quer dizer que eles não se tenham oferecido à experiência do *passe*.

Como já apontei muitas vezes, esta experiência do “*passe*” é simplesmente o que proponho àqueles que se dedicam o suficiente para se exporem a ela, com o único propósito de informar sobre um ponto muito delicado, e que consiste em ... em suma, o que se afirma da maneira mais segura é que: é completamente (*a*)*normal* - objeto(*a*) *normal* - que alguém que faz psicanálise queira ser psicanalista.

Realmente é preciso algum tipo de aberração que valha a pena, que valha a pena oferecer a tudo o que você pode reunir de testemunho. É de fato nisso que instituí provisoriamente este ensaio de coleção para saber por que alguém que sabe o que é a psicanálise por meio de sua didática, ainda pode querer ser analista.

Então não vou falar mais sobre a posição deles, simplesmente porque este ano escolhi *O Saber do Psicanalista* como o que propus para meu retorno a Sainte Anne. Não é para poupar os psicanalistas, eles não precisam que eu fique *tonto com a posição deles*, mas não vou aumentar contando a eles.

O que poderia ser feito...

e eu poderia fazê-lo em outro momento
...o que poderia ser feito de forma picante numa certa referência que chamarei apenas de “ *histórica* ” entre aspas...

finalmente, você verá que quando chegar, se eu permanecer
...para os espertos, falarei com eles sobre a palavra “ *tentação* ”.

Aqui estou falando apenas de *conhecimento* e percebo que não se trata de “ *verdade sobre o conhecimento* ”, mas de “ *conhecimento sobre a verdade* ”, e que esse “ *saber sobre a verdade* ” se articula desde a vanguarda do que estou promovendo neste ano no “ *Y a d'un!* ” », « *Há um* » e nada mais: é um *Um* muito particular que separa o *Um* do *Dois*, e é um *abismo*.

Repito: a *verdade* - já a disse - *só pode ser dita pela metade*.

Passado o *tempo da batida*, que me permitirá respeitar a *alternância*, falarei do outro lado: da “ *meia-verdade* ”.
Devemos sempre separar o *grão bom* e o “ *meio-verdadeiro* ”!

Como talvez já lhe disse antes, acabei de voltar da Itália, onde nunca tive nada além de elogios pela acolhida, mesmo de meus colegas psicanalistas! Graças a um deles, conheci um 3º totalmente atualizado, bem meu, claro. [*Risos*]

Ele opera com Dedekind, e encontrou-o completamente sem mim.

Não posso dizer, na data em que ele começou a se envolver, *que eu já não estivesse lá*, mas de qualquer forma é fato que falei sobre isso depois dele, já que não falei só agora e que ele já tinha escreveu um livrinho inteiro sobre isso.

Ele percebeu o valor da soma dos elementos matemáticos, para trazer à tona algo que realmente, nossa experiência como analista diz respeito a isso.

Bom, como ele é muito *bem visto*, fez de tudo para isso, conseguiu ser ouvido em lugares *muito bem colocados* do que se chama IPA - a *Instituição Psicanalítica Reconhecida*, eu traduziria - assim ele conseguiu se fazer ouvir. Mas o que é muito curioso é que não publicamos!

Não publicamos dizendo: “ *Você entende, ninguém vai entender !* ”.

Devo dizer que estou surpreso porque, em suma, de “Lacan”, entre aspas, é claro, enfim coisas da veia que eu deveria representar para o incompetente de uma certa linguística, temos muita pressa de encher o *jornal Internacional*.

Quanto mais coisas no lixo, é claro, menos perceptível! Então, por que diabos, neste caso, acreditávamos que tínhamos que criar um obstáculo, já que para mim, parece-me que é um obstáculo e que o fato de dizermos que os leitores não entenderão é secundário: é não é necessário que todos os artigos da *revista internacional* são compreendidos. Então há algo errado com isso.

Mas é óbvio que, como o que acabei de citar, para não nomear...

porque você ignora profundamente o nome dele, ele não conseguiu publicar nada ainda
... é perfeitamente identificável, não desespero que, seguindo o que filtrará as minhas observações de hoje...
e especialmente se for sabido que eu não o nomeei
...vamos publicar *[risos]*. Realmente, parece estar perto o suficiente de seu coração para eu ajudá-la de bom grado.
Se não vier, te conto um pouco mais sobre isso!

Vamos voltar ao tempo.

O psicanalista tem, portanto, uma relação *com o que sabe, que é* complexa. Ele nega, ele " *reprime* "...
usar o termo pelo qual a repressão é traduzida em inglês, *Verdrängung*
...e mesmo às vezes ele *não quer saber nada sobre isso*.

E porque não ?

Quem isso poderia impressionar?

Psicanálise - você vai me dizer - e depois?

Ouçó daqui o *bla-bla-bla* de quem não tem a menor ideia de psicanálise.

Eu respondo ao que pode surgir deste *chão* - como dizem - eu respondo: *é o conhecimento que cura...*

se é a do sujeito ou aquela *suposta na transferência* ... ou *é a*
transferência, tal como se produz numa dada análise ?

Por que *saber...*

aquela de que digo que todo psicanalista tem dimensão
...por que o *conhecimento* seria, como eu disse antes, " *confessado* "?
É desta pergunta que Freud resumiu a *Verwerfung*, que ele chama de: " *um juízo que na*
escolha rejeita ". Ele acrescenta " *quem condena* ", mas eu condenso.

Não é porque a *Verwerfung* enlouquece um sujeito, quando ocorre no inconsciente, que ela não reina...

o mesmo e com o mesmo nome do qual Freud o toma emprestado
...que não governa o mundo como um poder racionalmente justificado.

" *Psicanalistas* " você ...

verá, ao contrário de " os "

... Os " *psicanalistas* " são os preferidos, eles são os preferidos por eles mesmos, você vê!

Eles não são os únicos, há uma tradição nisso: a tradição médica.

Para preferir um ao outro, nunca fizemos melhor, exceto os santos - os santos (*santos*)...

Sim, falamos tanto com vocês sobre os outros *[risos]* que eu específico, porque os outros... bem, vamos seguir em frente
...os santos *eles* preferem a si mesmos também, eles só pensam nisso, eles se queimam procurando a melhor maneira de se preferirem,
enquanto há uns tão simples, como mostram os " *medes-santos* ", também *[Risos]*.
Finalmente, estes não são santos. É óbvio...

Há poucas coisas tão abjetas para folhear quanto a história da medicina: pode ser

recomendado como emético *[risos]* ou como purgativo, faz as duas coisas.

Saber que o *conhecimento* não tem nada a ver com a *verdade*, realmente não há nada mais convincente.

Nem se pode dizer que chega a fazer do médico uma espécie de provocador.

Isso não impede os médicos de tomar providências...

e por razões que sua plataforma com o *discurso da ciência* tornou-se mais apertada
...que os médicos conseguiram colocar a psicanálise no seu passo.

E isso, eles sabiam disso!

Isso, naturalmente, tanto mais que o psicanalista está muito envergonhado...

como eu deixei nele

...muito constrangido com *sua posição*, ele estava ainda mais disposto a receber os conselhos da experiência.

Quero muito marcar esse ponto da história que é no meu caso...

tanto quanto importa

...um ponto chave: graças a esta conjuração...

contra o qual se dirige um *expresso* artigo de Freud sobre *Laieranalysis*

13

...graças a essa conjuração que pode ter ocorrido logo após a guerra, eu já havia perdido o jogo antes de iniciá-lo.

Eu só quero que as pessoas acreditem em mim, porque - por que eu diria isso? - se esta noite eu testemunhar...

e não o faço por acaso em Sainte Anne desde que te digo que é aí que digo o que penso

... se declaro que *é justamente nessa capacidade* de saber muito bem tê-lo perdido, na época, que empreguei essa parte.

Não é nada heróico, você sabe!

Há muitas partes que concordam com essas condições. É até um dos fundamentos da " *condição humana* ", como diz o outro, e não tem sucesso pior do que qualquer outro empreendimento. Prova, hein!

O único problema - mas é só para mim - é que não te deixa muito livre, digo isso de passagem pela pessoa que me deu...

há não sei o quê, o 2º seminário antes

...que me perguntou se eu acreditava ou não na liberdade.

Outra afirmação que quero fazer...

e que tem sua importância, pois afinal, não sei, é minha inclinação esta noite

...outra afirmação que esta então está completamente provada, aqui peço que acreditem, que eu tinha notado muito bem que o jogo estava perdido...

afinal eu não era tão inteligente, talvez eu achasse que tinha que ir em frente

e que iria foder com o *International Psychoanalytic Advocate*

...e aí ninguém pode dizer o contrário do que eu vou dizer: é que eu

nunca larguei nenhuma das pessoas que eu sabia que tinham que me deixar, antes que elas mesmas saíssem.

E vale também para o momento em que o jogo estava curto - para a França - perdido, que é aquele a que aludi anteriormente: este pequeno *alarido* numa conspiração entre médicos e psicanalistas de onde veio em 53 o início do meu ensino.

Os dias em que a ideia de ter que seguir o dito ensinamento não me habita - ou seja, um certo número - é óbvio que tenho, como todos os imbecis, a ideia do que poderia ter sido para a *psicanálise francesa (!)* se eu pudesse ensinar onde, pelo motivo que acabei de dizer, não estava de modo algum disposto a deixar ninguém ir.

Quero dizer, por mais escandalosas que fossem minhas propostas sobre *Função e Campo*... e patati et patata... *de fala e linguagem*, eu estava disposto a cobrir o sulco por anos até mesmo para as pessoas mais difíceis da folha e - no ponto em que somos - ninguém entre os psicanalistas teria perdido.

Eu lhe disse que tinha feito uma curta viagem à Itália.

Nesses casos, eu também - por que não? - porque tem muita gente que me ama...

A propósito: Alguém me mandou uma escova de dentes!

Gostaria de saber quem é, para agradecer a essa pessoa.

Alguém me mandou *uma escova de dentes !*

Digo isso para aqueles que estiveram lá no Panteão da última vez.

Ele é uma pessoa a quem agradeço especialmente porque não é uma escova de dentes.

É um copinho vermelho maravilhoso, comprido e bem feito, no qual vou colocar uma rosa, quem me mandou. Mas só recebi um, devo dizer. Finalmente vamos...

...há pessoas que me amam um pouco em cada canto, até nos corredores do Vaticano.

Por que não, hein? Existem pessoas muito boas.

Existe apenas...

isso para a pessoa que me pergunta sobre a liberdade

...somente no Vaticano conheço livres-pensadores.

Não sou um livre pensador, sou obrigado a me ater ao que digo, mas ali: que facilidade! *[Risos]*

Ah, entendemos que a Revolução Francesa foi transmitida pelos abades.

Se vocês soubessem o que é a liberdade deles, meus bons amigos, vocês estariam arrepiados.

Eu tento trazê-los de volta ao duro, não há o que fazer, eles transbordam: a psicanálise, para eles, está ultrapassada!

Você vê para que serve o pensamento livre : eles veem claramente...

13 S. Freud: " *Psicanálise e medicina* ", ou " *A questão da análise profana* " (1925), Gallimard 1985.

Mas foi um bom trabalho, *hein [risos]* ? Tinha lados bons.

Quando dizem *que está desatualizado, eles sabem o que estão dizendo, dizem* : " *Está estragado, porque mesmo assim temos que melhorar um pouco!* " .

Só estou dizendo isso para alertar as pessoas...

as pessoas que estão " *no conhecimento* ", e particularmente claro, aqueles que me seguem

...que você tem *que* pensar *duas vezes* antes de comprometer seus descendentes com isso, porque é muito possível que no ritmo que as coisas estão indo, cai de repente, assim. Finalmente, é apenas para aqueles que têm que comprometer seus descendentes com isso, aconselho que tenham cuidado.

Já falei, assim, do que acontece na psicanálise...

é necessário, mesmo assim, especificar alguns pontos que já abordei,

consequentemente, que acredito poder tratar brevemente no ponto em que estamos

...é que *é o único discurso...*

e homenageá-lo

...é *o único discurso...*

no sentido de que cataloguei 4 *discursos*,

...é *o único discurso* que é tal que a ralé leva necessariamente à estupidez.

Se soubéssemos logo que *alguém que vem lhe pedir uma psicanálise didática é um canalha*, mas lhe diríamos:

" *Nada de psicanálise para você, meu caro!*" *Você ficará mudo como um repolho* " .

Mas não sabemos!

É precisamente cuidadosamente escondido.

A gente sabe mesmo depois de um certo tempo na psicanálise, ralé sempre sendo, não hereditário, não se trata de hereditariedade, trata-se de *desejo, desejo do Outro* de onde surgiu o interessado.

Estou falando de *desejo* : nem sempre é o *desejo* de seus pais, pode ser o de seus avós, mas se o *desejo* do qual ele nasceu é o desejo de um canalha, ele é inevitavelmente um canalha.

Nunca vi exceção, e até por isso sempre fui tão carinhoso com as pessoas que conheço

que eles tinham que me deixar, pelo menos nos casos em que fui eu que os psicanalisei, porque eu sabia muito bem que eles haviam se tornado bastante *estúpidos* . Não posso dizer que fiz de propósito: como disse, é necessário. É necessário quando uma psicanálise é levada ao extremo, o que é o mínimo para a psicanálise didática.

Se a psicanálise não é didática, então é questão de tato: você tem que deixar o cara com safadeza suficiente para ele se virar bem daqui para frente. É propriamente terapêutico, você tem que deixar flutuar.

Mas para a psicanálise didática não dá para fazer isso, porque Deus sabe como seria.

Suponhamos um psicanalista que continua sendo um canalha: isso assombra os pensamentos de todos!

Não se preocupe, a psicanálise - ao contrário do que se pensa - é sempre muito didática, mesmo quando é um *estúpido* que a pratica, e eu diria: ainda mais!

Finalmente, tudo o que arriscamos é ter *psicanalistas estúpidos*. Mas é, como acabei de dizer, no final sem inconvenientes, porque mesmo assim, o *objeto(a)* no lugar da *aparência*, é uma posição que pode ser mantida.

Então ! Pode-se ser *estúpido* de origem também. É muito importante distinguir.

Bom ! Então não encontrei nada melhor, quanto a mim, não encontrei nada melhor do que o que chamo de " *o matema* " abordar algo referente *ao conhecimento sobre a verdade*, pois ela está aí em suma, que conseguimos dar-lhe um âmbito funcional.

É muito melhor quando o Pierce cuida disso, ele coloca as funções 0 e 1 que são os dois *valores de verdade*.

Ele não imagina, por outro lado, que se possa escrever V ou F para designar *verdade e falsidade*. Já mencionei que, assim em poucas frases, já indiquei que para o Panteão, ou seja, que em torno do *Y'a d'll'un*, existem duas etapas:

— o " *Parmênides* ",

— e então tivemos que chegar à *teoria dos conjuntos*,

de modo que a questão de tal *conhecimento*, que toma a *verdade* como uma simples função e que está longe de se contentar com ela, que inclui um *real* que nada tem a ver com a *verdade* - são as matemáticas -, no entanto, durante séculos, deve-se acreditar que a matemática aconteceu sobretudo as questões, pois foi mais tarde e através de um questionamento *lógico* que deu um passo em frente nesta questão que é central para o que é *a verdade*, a saber: *como e porque "Há um"* - me desculpem, não estou o único! - " *Há um* ": em torno deste *Um* gira a questão da *existência*.

Já fiz observações sobre isso, a saber – que a
 existência nunca foi abordada como tal antes de certa idade – e que levou muito
 tempo para extraí-la da *essência*.
Falei do fato de que não há em grego, muito propriamente, algo atual que signifique " *existir* ", não que eu desconheça
yyyyyyyy [existem], yyyyyyyyy [existam]¹⁴ , mas sim que observei que nenhum filósofo já tinha usado.

No entanto, é aí que começa algo que pode nos interessar: trata-se de saber *o que existe*.
Só existe *um*...

 com o que está correndo ao nosso redor, também sou forçado a me apressar - ...a *teoria*
dos conjuntos é a questão: por que " *Y a d'l'un* "?

O *Um* não corre pelas ruas, o que você pensa dele, incluindo essa certeza completamente ilusória, e ilusória
por muito tempo - isso não nos impede de nos atermos a isso - que você é *Um*, você também.
Você é *Um*, é suficiente para você até tentar levantar um dedo para perceber que não apenas você
não é *Um*, mas que você é, infelizmente, inumerável, *inumerável* cada um para si mesmo.

Incontáveis até que você foi ensinado...
que pode ser um dos bons resultados do afluente psicanalítico
...que você está dependendo do caso: bem *acabado*
 isso, digo-lhe muito rapidamente porque não sei por quanto tempo poderei continuar
...completamente *concluído* :
 – no que diz respeito aos homens, está claro: *acabado, acabado,*
 acabado ! – para mulheres: *contável* !

Vou tentar explicar brevemente a você algo que está começando a esclarecer o seu caminho sobre isso, já que, é
claro, essas não são coisas que saltam para você, especialmente quando você não sabe o que significa " *terminado*
". " *contável* " ! Mas se você seguir um pouco minhas indicações, você lerá qualquer coisa, porque agora existem livros sobre a
teoria dos conjuntos, até mesmo contra ela.

Há alguém muito simpático que espero ver mais tarde para se desculpar por não lhe ter trazido esta noite um livro que fiz de
tudo para encontrar e que está esgotado, que ele me passou da última vez, e que se chama " *Cantor está errado* " 15 .
É um livro muito bom.

É óbvio que *Cantor está errado* de um certo ponto de vista, mas ele está inquestionavelmente certo pelo simples fato
de que o que ele avançou teve uma *descendência inumerável* em matemática, e que tudo nisso é isso, é isso que
avança a matemática, isso basta para que seja defendido.

Mesmo que *Cantor esteja errado* do ponto de vista daqueles que decretam - não sabemos por quê - que o *número* eles sabem o
que é: toda a história da matemática muito antes de Cantor demonstrar que não há lugar onde seja demonstrável, que não há
lugar onde seja mais verdadeiro do que " *o impossível é o real* ".

Tudo começou com os pitagóricos que uma vez ouviram esse fato óbvio...
 que eles devem saber, porque também não devem ser tomados para bebês
...que $\sqrt{2}$ não é comensurável.

É retomado pelos filósofos, e não é porque chegou até nós através do " *Teeteto* "
que devemos acreditar que os matemáticos da época não estavam à altura e incapazes de responder, que
justamente para perceber que do que existia o imensurável, começamos a nos perguntar o que era aquele *número*.

Eu não vou te contar todas essas coisas!

Há um certo caso de $\sqrt{-1}$, que desde então chamamos, não sabemos por que, " *imaginário* ".
Não há nada menos *imaginário* do que $\sqrt{-1}$ como a continuação provou, pois é daí que surgiu o que
podemos chamar de " *o número complexo* ", ou seja, uma das coisas mais úteis e frutíferas que foram criadas
na matemática.

¹⁴ yyyyyyyy (na voz média yyyyyyyy) : *Sou diferente, desvio...*

¹⁵ Georges Antoniadès Métrios: " *Cantor está errado* ", ed. Sival-Pressé, 1968.

Em suma, quanto mais objeções há ao que está envolvido nessa entrada pelo *Um*, isto é, pelo *número inteiro*, mais se demonstra que é precisamente *impossível* que na matemática o *Real* seja gerado.

É justamente pelo fato de que, por Cantor, algo poderia ter sido engendrado...

que é nada menos que todo o trabalho de Russell, na verdade,

infinitamente outros pontos que foram extremamente frutíferos na *teoria das funções*

...é certo que, em relação ao *Real*, é Cantor quem está em sintonia com o que está em jogo.

Se eu lhe sugiro – falo aos psicanalistas – que você se coloque um pouco nesta página, é justamente porque há algo a ser tirado disso no que é, naturalmente, sua indulgência.

Digo isso porque você está lidando com seres *que pensam*...

que pensam claro, porque eles não podem fazer o contrário

...*que pensam como* Télémaque, como pelo menos o Télémaque descrito por Paul-Jean Toulet¹⁶ : “ *pensam na despesa* ”.

Bem, o que importa é se vocês analistas e aqueles que você lidera *estão desperdiçando* seu tempo.

É claro que, a esse respeito, o *pathos* do pensamento que pode resultar para você de uma curta iniciação...

embora também não deva ser muito curto

...para *definir a teoria*, é algo muito provável de fazer você pensar *em noções como existência*, por exemplo.

É claro que é somente a partir de uma certa reflexão sobre a matemática que a *existência* ganhou seu sentido.

Tudo o que podemos ter dito antes, por uma espécie de pressentimento...

religioso em particular, a saber: que Deus existe

...tem significado estritamente apenas nisso: apenas *para enfatizar*...

Eu tenho *que enfatizar* isso porque há pessoas que me tomam por um “ *líder de pensamento* ”

... sobre isso: *se você acredita ou não*...

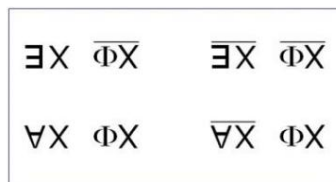
mantenha isso em seus ouvidos:

Eu não acredito nisso, mas quem se importa,

quem acredita é a mesma coisa

...*quer você acredite* em Deus ou não, diga a si mesmo que *com Deus* em todos os casos, *quer você acredite nele ou não*, *você tem que contar*.

É absolutamente inevitável. É por isso que estou reescrevendo no quadro o que tentei girar em torno do que está envolvido no suposto *relacionamento sexual*.



Recomeço: *existe*

um x tal que existe um sujeito determinável por uma função que é o que domina a *relação sexual*...

ou seja , a *função fálica* - é por isso que eu a escrevo !

... *existe um x que é determinado por isto: que ele disse não à função* [:\$].

Você vê que de onde eu falo, você já vê a *questão da existência* ligada a algo de que não podemos deixar de reconhecer que é *um dizer*. É um *dizer não*, eu diria ainda mais: é um *dizer do que não*.

Isso é *essencial*.

É justamente isso que nos indica o ponto certo onde deve ser levado para nossa formação - formação de analista - o que a *teoria dos conjuntos* afirma : *há Um*, “*pelo menos-Um*” que “*diz não*”.

É um marco! É uma *referência*, claro, que não dura nem um momento, que não é de forma alguma um professor.

nem ensinável, se não o juntarmos a esta inscrição quantificadora dos outros 4 termos, a saber: o *quantificador diz universal* : ;! ,

isto é, o ponto de onde pode ser dito, como afirma a doutrina freudiana ,

que não há *desejo*, nem *libido* - é a mesma coisa - exceto masculino. Isso sim é um erro.

¹⁶ Paul-Jean Toulet: « *Contrerimes* »:

“Como os deuses enchendo suas barrigas, assim como os Pretenders.

Télémaco está todo rançoso: ele pensa na despesa.

Sopa de Netuno em Djibuti, (Perto do mar salgado).

Penélope se foi. Todo mundo se foi.

Um poeta, que ninguém ouve, Canta Hélène e os ovos.

O cachorro da casa está ficando velho: essa gente dá nojo dele! »

O fato é que é um erro que tem todo o seu *valor de referência*.
Do que as outras três fórmulas, a saber:

— *não existe esse X [V §], para dizer que não é verdade que a função fálica é o que domina a relação sexual, — e que por outro lado*
tínhamos que - não digo que possamos escrever - que a um nível complementar destes 3 termos devemos escrever a função do "não-
todo" [...] como sendo essencial a um certo tipo de relação com a função fálica
na medida em que funda a relação sexual, é obviamente isso que faz dessas quatro inscrições um conjunto.

Sem esse *conjunto*, é impossível orientar-se corretamente no que envolve a prática da análise, no que diz respeito a esse
algo que comumente se define como sendo

— “o *homem*” por um lado, —
e por outro lado este *correspondente* geralmente qualificado como “*mulher*”, que o deixa em paz.

Se ele o deixa em paz, não é culpa do *correspondente*, é culpa do “*homem*”. Mas culpa ou não...
é uma questão que não temos de decidir de imediato, ressaltando a de passagem
...o importante no momento é questionar o significado do que essas 4 *funções podem ter a ver...*
que são apenas dois: —
uma *negação da função*, — a
outra: *função oposta*
...essas 4 *funções* na medida em que seu acoplamento de “quantidade” as *diversifica*.

É claro que o que o :§ significa, ou seja, a *negação de !*, é algo que por muito tempo...
e desde o início o suficiente para se poder dizer que
está absolutamente confuso que Freud o tenha ignorado ...:
negação de ! isto é, este *pelo menos-Um*, este *por si só que se determina ser o efeito de dizer que não à função fálica*, é precisamente
este o ponto sob o qual devemos situar tudo o que é dito até agora do *Édipo . complexo*, de modo que o *complexo de Édipo* é outra coisa
que um mito.

E isso é tanto mais interessante porque não se trata de gênese, nem de história, nem de nada parecido, como parece em certos
momentos de Freud que poderia ter sido afirmado por ele, ou seja, um acontecimento.
Não poderia ser um acontecimento para o que nos é representado como sendo *anterior* a qualquer história.
Não há evento exceto o que é conotado em algo que é declarado.

É sobre *estrutura*.
Que possamos falar de “*todo homem*” como sujeito à castração [:!] é do que, da maneira
mais óbvia, é feito o mito de Édipo.

É necessário começar a retornar às funções “*mitêmicas*” para afirmar um fato lógico que é este: é que se é verdade que o *inconsciente*
se estrutura como uma linguagem, a função de castração é necessária ali, é de fato, exatamente o que implica *algo* que lhe escapa.

E qualquer coisa que caia fora dela, mesmo que não seja...
por que não, porque está no mito
...algo humano: afinal, por que não ver o *pai* do assassinato original como um orangotango,
muitas coisas que coincidem na tradição...
a tradição da qual mesmo assim deve-se dizer que a psicanálise surgiu: da tradição judaica
...na tradição judaica, como pude afirmar o ano em que não quis fazer mais do que meu primeiro seminário sobre *Os Nomes do Pai*,
ainda assim tive tempo de acentuar que no sacrifício de Abraão, o que é sacrificado é efetivamente o *pai*, que não é outro *senão um*
carneiro.

Como em qualquer linha humana que se preze, sua descendência mítica é animal.
Então, no final das contas, o que eu disse outro dia **sobre** a *função da caça em humanos*, é disso que se trata.
Claro, eu não lhe disse muito.

Eu poderia ter falado mais sobre o fato de que o caçador adora sua caça.
Como os filhos, no chamado evento “*primário*” na mitologia freudiana: *mataram o pai...*
como aqueles cujos vestígios você vê nas cavernas de Lascaux
... eles o mataram - meu Deus - porque eles o amavam, é claro, como a sequência provou, a sequência é triste.

17 Cf. “...Ou pior”, Sessão de 17 de maio de 1972.

A sequência é muito precisamente que *todos os homens, que a universalidade dos homens está sujeita à castração*.
Que existe " *Uma exceção* ", não a chamaremos, de onde falamos, "*mítica*".
Essa *exceção* é a função inclusiva: o que dizer do universal [;!], senão que o universal
está encerrado, encerrado precisamente pela possibilidade negativa [! \$].
Exatamente, a *existência* aqui desempenha o papel do complemento, ou para falar mais matematicamente, da *borda*.

O que inclui isto: que há em algum lugar um " *todo x* ": ;, um " *todo x* " que se torna um " *todo a* ", quero dizer, um $\forall(a)$, cada vez
que encarna, que se encarna no que pode ser chamado " *Um ser* ", " *Um ser* " pelo menos que se apresenta como *ser*,
e como *um homem* especificamente.

Isso é precisamente o que o torna na outra coluna ...
e com um tipo de relação que é fundamental, que
algo pode ser articulado...
no que está colocado, pode ser colocado para quem sabe pensar com esses símbolos
...como uma mulher.

Só de articulá-lo assim nos faz sentir que há algo notável, notável em você,
que o que se afirma é que não há *um* que no enunciado...
na afirmação de que não é verdade que *a função fálica* domine o que está envolvido *na relação sexual*
...é falso [! \$].

E para que você possa se orientar por meio de referências que lhe são um pouco mais familiares,
Eu direi - meu Deus, já que falei anteriormente sobre o pai - direi o que diz respeito a isso:
" *Não existe um x que seja determinado como sujeito no enunciado de 'diga não' à função fálica* ", trata-
se propriamente de ' *a virgem* '.

Você sabe que Freud menciona isso: *o tabu da virgindade* etc., e outras histórias folclóricas sobre esse assunto,
e o fato de que no passado as virgens não eram fodidas por qualquer um, era preciso pelo menos um sumo
sacerdote ou um pequeno senhor, de qualquer forma, não importa, isso não é o importante.

O importante é que podemos dizer em torno dessa função do " *vir* " ¹⁸,
essa função do " *vir* " tão marcante que nunca há uma só mulher, afinal ela se diz *viril*.
Se você já ouviu falar, pelo menos hoje em dia, de um cara que é, me mostre, eu vou me interessar!

Aí por outro lado, se o homem é tudo o que você quer no gênero: virtuoso,
taco no porto, prepare o *taco*, taque o que quiser, o *viril* está do lado da mulher, é o único a acreditar isto!
Ela pensa ! Isso é mesmo o que o caracteriza.

Em breve te explico...
Eu tenho que te dizer imediatamente
...por isso...
Vou explicar em detalhes porque
...que o *virginiano* não é *contável*, porque está localizado...
diferente *daquele* que está ao lado do pai
... *situa-se entre um e zero*.

O que está entre *um* e *zero* é muito conhecido e é demonstrado, mesmo quando um está errado,
é demonstrado na teoria de Cantor, é demonstrado de uma forma que acho absolutamente maravilhosa.

Há pelo menos alguns aqui que sabem do que estou falando, então vou indicar brevemente.
É bastante demonstrável que o que está entre *um* e *zero*...
é demonstrado graças aos decimais, usamos decimais no sistema de mesmo nome: decimal
...é muito fácil mostrar que: " *assumir* " deve ser ...
assumido
... " *assumir* " que é *contável*, o chamado método " *diagonal* " pode sempre permitir forjar uma nova
seqüência decimal tal que certamente não está inscrita no que foi *contado*.

É estritamente *impossível* construir esse *contável*, até mesmo dar uma maneira - por mais tênue que seja - de organizá-lo, o
que é o mínimo, porque o *contável* é definido como correspondendo à *seqüência de números inteiros*.

18 *Vir*: homem, masculino. Etimologia: da raiz indo-européia *wihrós* "homem" ou "guerreiro".

É, portanto, pura e simplesmente um " *suposto...* " e sobre isso acusaremos de boa vontade...
como é feito neste livro: " *Cantor está errado* "

...Cantor por ter simplesmente forjado um círculo vicioso.

Um círculo vicioso, meus bons amigos, mas por que não! Quanto mais vicioso um círculo, mais engraçado ele é, especialmente se você puder fazer algo como esse passarinho chamado *de incontável*, que é de fato uma das coisas mais eminentes, mais inteligentes, mais pegajosas ao *Real do número*, que já foi inventado. Finalmente, vá embora!

As " *onze mil virgens* ", como dizem em The Golden Legend **19** , é a maneira de expressar o incontável. Porque *onze mil*, você entende, é um número enorme, é especialmente um número enorme para os *virginianos*, e não apenas nos dias de hoje! Então, apontamos esses fatos.

Vamos agora tentar entender o que acontece com esse " *nem todos* " [.]
que é realmente o ponto afiado, o ponto original do que escrevi no quadro.
Porque em nenhum lugar até agora *na lógica*, foi colocada, promovida, avançada, a função do " *Não-Todos* " como tal.

A forma de pensar...
na medida em que é, se assim posso dizer, "subvertido" pela falta da relação sexual
... pensa e pensa apenas através *do Um*.

O *Universal* é o algo que resulta do *envolvimento de um certo campo por algo* que é da ordem do *Uno*, exceto por isso, que é o verdadeiro sentido da noção de *junto* é precisamente este: é que o *conjunto* é a notação matemática deste algo - onde, infelizmente, não sou à toa -

que é uma certa definição, aquela que noto a partir do S, a saber, *do sujeito, do*
sujeito na medida em que nada mais é do que *o efeito do significante, em outras*
palavras: " *o que representa um significante para outro significante.* »

O *todo* é a maneira pela qual, em um ponto de virada da história, *as pessoas menos equipadas para trazer à luz o que está envolvido no assunto*, se encontraram ali, se é que se pode dizer *necessidades*. " *O todo* " *nada mais é do que o sujeito*.
É por isso que não pode ser tratado sem a adição do *conjunto vazio*.

Até certo ponto, eu diria que *o conjunto vazio* se destaca em sua necessidade, a partir disso: que ele pode ser tomado por um elemento do conjunto, a saber, que a inscrição do parêntese que designa o conjunto com *o conjunto vazio* como element : $\{\emptyset\}$, é algo sem o qual qualquer manipulação desta função que...

Repito para você, acho que indiquei suficientemente para você
...é feito com muita precisão em um certo turno para interrogar...
questionar ao nível da *linguagem comum*, sublinho comum, porque
não é de forma alguma aqui *qualquer* - de qualquer tipo - *metalinguagem* que reina
... questionar do ponto de vista lógico, questionar com a linguagem de todos, o que
está envolvido na *incidência na própria linguagem, do número*, quer dizer – de algo que
nada tem a ver *com a linguagem*, – com algo que é mais *real* do que qualquer
coisa, o *discurso da ciência* demonstrou isso suficientemente.

" *Nem-todos* " [.] é precisamente o que resulta disso: não que nada o
limite, mas que o limite se situe diferentemente.

O que faz o " *Não-Todos* " [.] , se assim posso dizer e direi que vá rápido, é isso, é aquilo...
ao contrário da inclusão em :§

" *existe o Pai cujo dizer-não o situa em relação à função fálica* "
... inversamente, é na medida em que há o vazio, a falta, a ausência de qualquer coisa que negue a função fálica
ao nível da mulher, que inversamente não há nada mais do que este algo que o " *Não-Tudo* " formula na posição da *mulher*
no lugar da função fálica. É de fato para ela, " *Não-Tudo* " .

O que não significa que, de forma alguma, ela negue. Não direi que é outro, porque justamente o modo sob o qual não existe nessa função - de negá-lo - que é exatamente esse modo, é que é o que em meu O gráfico se inscreve com o significante de isto: que o Outro é barrado: S(A).

19 A *Lenda Dourada* (*Legenda aurea*), obra de Jacques De Voragine escrita entre 1261 e 1266 que descreve a vida de 180 santos e mártires cristãos.

A mulher não é o *lugar do Outro*, e mais ainda ela se encaixa muito precisamente como não sendo o Outro na função que dou ao A maiúsculo, ou seja, como o lugar da *verdade*.

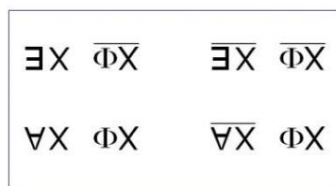
E o que se inscreve na " *inexistência do que poderia negar a função fálica* " tal como aqui ...
 traduzi pela função do *conjunto vazio*, a existência do " *dizer que não* ", do mesmo é estar ausente e
 mesmo é ser esse " *jouiscentro* ", esse " *jouiscentro* " que se combina com o que não chamarei de
 ausência, mas *de de-sence: sentido*
 ...que a mulher posou para esse fato significativo, não só que o grande Outro não está ali - não é ela -
 mas que está bem em outro lugar: no lugar onde situa a fala.

Resta-me - pois afinal tens paciência à uma hora que já são onze horas, para continuares a
 ouvir-me - assinalar isto que é essencial...

no que afinal aqui - para você - eu forço

no final do ano, um certo número de temas que estão a *cristalizar* temas

...é denotar a *lacuna* que separa cada um desses termos conforme eles são *declarados*.



É claro que entre o :: " *existe* ", e o / : " *não existe* ", não é preciso tagarelar, é *existência*.

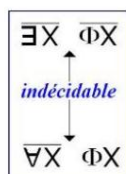


É claro que entre : § : " *há quem não...* " e ! : " *não há quem não seja...* ", há a *contradição* :



Quando Aristóteles menciona *proposições particulares para opor-las a universais*, é entre
 um *particular positivo* em relação a um *universal negativo* que ele estabelece a *contradição*.
 Aqui é o contrário: é o *particular que é negativo* e é o *universal que é positivo*.

Aqui o que temos entre este / §, que é a *negação de qualquer universalidade*, e este . ! o
 que temos, estou apenas indicando para você aqui, justificarei mais tarde, é o *indecidível* :



Entre os dois...

de que toda a nossa experiência nos mostra, penso eu, o suficiente para que a situação não seja simples

... o que é isso, o que é isso?

– Chamaremos de *falta*, – chamaremos

de *falha*, – chamaremos se você

quiser, *desejo*,

– e para ser mais rigoroso vamos chamá-lo de *objeto(a)*.

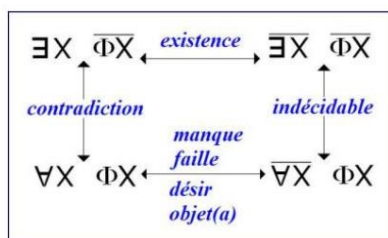


Então é sobre como, no meio de tudo isso...

Espero que pelo menos alguns tenham notado isso.

...como no meio disso tudo funciona algo que poderia parecer *circulação*.

Para isso, devemos nos perguntar *sobre o modo* como esses quatro termos são colocados:



Le : acima e à esquerda, é literalmente o *necessário*.

Nada é pensável, especialmente não é nossa função pensar em nós homens.

Finalmente, uma mulher pensa, ela até pensa de vez em quando " *portanto eu existo* ", no que é claro que ela está enganada.

Mas enfim, na medida do *necessário*, é absolutamente necessário...

e é isso que Freud nos conta com essa história alta de " *Totem e... De pé* "

...é absolutamente necessário pensar qualquer coisa sobre os relatórios...

chamamos de humano, não sabemos por que... na

experiência que se estabelece por *esse discurso analítico*, é absolutamente necessário postular que para quem castração: na estação!

O que significa castração? Significa

que " *tudo deixa a desejar* ", não significa mais nada. É isso !

Pensar que, isto é, a partir da mulher, deve haver uma para quem *nada deixa a desejar*.

É a história do mito de Édipo, mas é absolutamente necessário, é absolutamente necessário.

Se você perder isso, eu absolutamente não vejo o que pode permitir que você encontre seu caminho de qualquer maneira.

É muito importante encontrar uns aos outros.

Então aí está, isto : eu já lhe disse que é o que é *necessário*.

O *necessário* de quê? Partindo precisamente do que, minha fé, escrevi para você aqui antes: *o indecível*.

Finalmente, absolutamente nada poderia ser dito que se assemelhasse a qualquer coisa que pudesse funcionar como *verdade*, se não admitirmos *isso necessário* [:\$]: há "pelo menos Um" que diz não...

Eu insisto um pouco. Insisto porque não pude esta noite - fomos incomodados - de lhe dizer todas as gentilezas que gostaria de lhe dizer sobre este assunto. Mas eu tive um muito bom e já que estou sendo provocado,

Vou tirá-lo assim mesmo: é a função do *e-Pater*.

Muito se tem falado sobre a função do " *pater familias* ".

Seria melhor centrarmos o que podemos exigir da função do pai: essa história de privação paterna, para que gargarejar!

Há uma crise, é um fato, não é totalmente falso: o *e-Pater* já não nos surpreende.

Esta é a única função verdadeiramente decisiva do pai.

Já observei que não foi o *complexo de Édipo*, que foi maluco, que se o pai era legislador, que deu ao presidente Schreber um filho. Nada mais.

Em qualquer plano, o pai é quem deve *impressionar* a família.

Se o pai não impressionar mais a família, é claro... mas encontraremos algo melhor!

Não precisa ser o pai carnal, sempre tem um que vai surpreender a família,

que todos sabem que é uma manada de escravos. Haverá outros que irão surpreendê-lo.

Você vê como a língua francesa pode ser usada para muitas coisas. Já te expliquei que da última vez eu tinha começado com um truque: *fundir ou encontrar um Um deles*, no subjuntivo é a mesma coisa, fundar é preciso fundir.

Há coisas que só podem ser expressas na língua francesa, é justamente por isso que existe o inconsciente.

Porque são os *equívocos* que se encontram, nos dois sentidos da palavra, só existe isso...

Se você se perguntar sobre " *All* " procurando como ele é expresso em cada idioma, você encontrará um monte de coisas, coisas absolutamente sensacionais. Pessoalmente, perguntei muito sobre o chinês porque não consigo fazer um catálogo das línguas do mundo inteiro.

Também entrevistei alguém, graças à encantadora tesoureira de nossa escola [Nicole Sels], que fez seu pai escrever como dizíamos " *todos* " em iorubá. Mas é uma loucura, você entende!

Faço isso por amor à arte, mas sei que de qualquer forma vou achar que em todas as línguas, existe uma forma de dizer " *Todos* ".

O que me interessa é o *significante* " *como Um* ", é o que usamos em cada linguagem.

E o único interesse do *significante* são as *ambiguidades* que podem emergir dele...

quer dizer algo da ordem de " *achou-os um Um* " e outras tretas desse tipo... é a única coisa interessante, porque para nós o que é " *Todos* ", você sempre encontrará isso expresso, o " *Todos* " é *necessariamente semântica*.

O único fato que eu digo que gostaria de questionar " *Todos* " os idiomas resolve a questão, já que os idiomas são precisamente " *não todos* ", é a definição deles, por outro lado se eu perguntar sobre " *Todos* ", você entende.

Então ! Sim, finalmente a semântica se resume à traduzibilidade.

O que mais eu poderia dar como definição?

A semântica é o que faz um homem e uma mulher se entenderem apenas se não falarem a mesma língua.

Por fim, estou contando tudo isso para fazer exercícios, e porque estou aqui para isso, e talvez também para abrir um pouco o seu entendimento sobre o uso que faço da linguística.

Sim... Eu quero acabar com isso, não é?

Assim, no que diz respeito ao que necessita da *existência*, partimos precisamente deste ponto que inscrevi há pouco: da lacuna do *indecidível*, ou seja, entre o " *não- todo* " e o " *não-um* ". E depois disso vai para lá, para a *existência*.

Depois disso, aqui vai. Para quê? O fato de todos os homens estarem *em poder de castração* vai até onde é *possível*, porque *o universal nunca é outra coisa senão isso*. Quando você diz que " *todos os homens são mamíferos* ", isso significa que " *todos os homens possíveis* " podem ser.

E depois disso, para onde vai? Vai lá: para o *objeto(a)*. É com isso que nos relacionamos.

E depois disso, para onde vai? Vai lá, onde a *mulher* se destaca por não ser unificadora.

Então ! Resta apenas completar aqui para ir em direção à *contradição*, e retornar do " *Não-Todos* ", que em suma nada mais é do que a expressão da *contingência*.

Você vê aqui...

como já indiquei em seu tempo²⁰

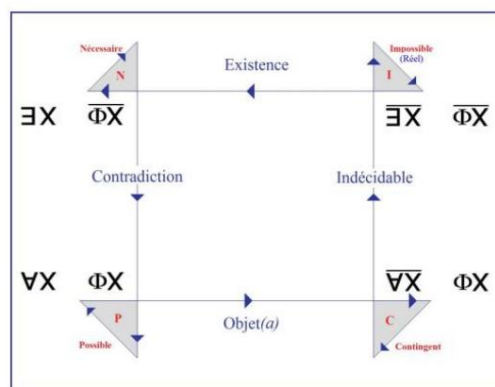
...a alternância da *necessidade*, do *contingente*, do *possível* e do *impossível* não está na ordem que Aristóteles dá.

Pois aqui é o *impossível* que está em jogo, isto é, em última análise, o *real*.

Então siga bem este pequeno caminho, porque ele nos servirá mais tarde, você verá algo dele.

Então ! Seria necessário indicar os 4 triângulos nos cantos assim, a direção das setas também é indicada.

Você está aí? Então !



²⁰ Cf. seminário 1961-62 : sessão " *Identificação* " de 17-01-1962.

Acho que já fiz o suficiente por esta noite.

Não quero terminar com uma peroração sensacionalista, mas a pergunta que... sim, está muito bem escrita.

Necessário, impossível...

X - Não podemos ouvir!

Lacan- Ei? *Necessário, impossível, possível e contingente.*

X - Não ouvimos nada!

Lacan

Não me importo ! Então ! É uma repressão.

Você vai ouvir o resto em quase quinze dias, já que é no dia 14 que darei meu próximo seminário no Panteão.

Não tenho certeza que não será o último.